

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
MESTRADO EM ARTES VISUAIS



**“REFAZIMENTO”: O CORPO NEGRO
FEMININO NA OBRA DE ROSANA PAULINO**

TATIANA GEDALES CARNEIRO DA SILVA

TATIANA GEDALES CARNEIRO DA SILVA

ROSANA PAULINO. Sem título, série Búfala, 2019



“Refazimento”: O corpo negro feminino na obra de Rosana Paulino

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba – PPGAV UFPE/UFPB, na área de concentração Artes Visuais e seus Processos Educacionais, Culturais e Criativos, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

linha de Pesquisa: Processos Teóricos e Históricos em Artes Visuais

Orientadora: Profa. Dra. Sicília Calado Freitas

Recife, 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Tatiana Gedales Carneiro da .
?Refazimento?: o corpo negro feminino na obra de Rosana Paulino? /
Tatiana Gedales Carneiro da Silva. - Recife, 2024.
129 p. : il.

Orientador(a): Sicília Calado Freitas
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de
Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2024.
Inclui referências, apêndices.

1. Corpo Feminino Negro. 2. Rosana Paulino. 3. Arte Contemporânea. I.
Freitas, Sicília Calado. (Orientação). II. Título.

740 CDD (22.ed.)

TATIANA GEDALES CARNEIRO DA SILVA

“REFAZIMENTO”: O CORPO NEGRO NA OBRA DE ROSANA PAULINO

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba – PPGAV UFPE/UFPB, na área de concentração Artes Visuais e seus Processos Educacionais, Culturais e Criativos, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Aprovada em: 29/04/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a.) Sicília Calado Freitas (Presidente/Orientadora - (PPGAV UFPB/UFPE)

Prof(a). Dr(a). Carolina Ferreira da Fonseca (Examinadora interna – (PPGAV UFPB/UFPE)

Prof. Dr. Victor Hugo Neves de Oliveira (Examinador Externo – PROF. ARTES UFPB)



REVISTA ELLE BRASIL. ED. 2013. RODRIGO LADEIRA

“ Eu sou um trem que não cabe no ocidente”
Rosana Paulino

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me ajudar durante todo longo processo de pesquisa e para que eu pudesse entregar tudo da melhor forma possível.

À minha família, por todo apoio e ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho e que me incentivaram nos momentos difíceis.

À Prof. Dra. Sicília Calado Freitas, pelas correções, orientações que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de escrita e formação acadêmica.

À Rosana Paulino, estrela maior de todo esse meu projeto. Obrigada por compartilhar sua vida, sua história, sua arte.

Aos amigos, Larissa Albuquerque e Deíço Xavier, amigos que fiz durante o processo de pesquisa e compartilhei meus devaneios sobre todo o projeto.

Às amigas, Paloma Nascimento e Andresa Santana pelo afeto, carinho e dedicação desde o pré projeto até a etapa final da pesquisa. Vocês foram fundamentais neste trabalho.

À minha psicóloga Fernanda de La Torre, pelas escutas, conversas, palavras de incentivo.

Por fim, aos demais amigos, colegas, professores, membros da banca. Meu muito obrigada por fazerem parte da minha história.

RESUMO

A arte contemporânea brasileira tem se posicionado de forma contundente nos debates sobre gênero e raça na atualidade. Neste cenário, Rosana Paulino, artista paulistana e mulher negra, apresenta reflexões e posicionamentos marcantes acerca de questões sociais como discriminação e racismo, centrando sua poética nas vivências das mulheres negras brasileiras e nos vários tipos de violência sofridos por esta população. Considerando a obra de Paulino, esta proposta de dissertação tem como objetivo compreender e analisar a representação de corpos femininos negros (re)criados pela artista, tomando como base referências da história e teoria da arte, com foco na arte contemporânea, bem como perspectivas feministas críticas e decoloniais que orientam o debate sobre questões raciais e de gênero na arte. Nesta direção, busca compreender como corpo da mulher negra na obra da artista ganha significados por meio de uma metodologia particular que emprega a costura das memórias e articula poeticamente materialidades têxteis com fotografias, comunicando histórias e vivências de existir que atravessam e configuram o ser/viver como mulher negra no Brasil e no mundo. As séries *Mulheres Jatobás* (2019), *Mulher Búfala* (2019) e *Mulheres Mangues* (2023) selecionadas para a pesquisa, são representativas das questões centrais que Paulino desenvolve, se destacando pela narrativa contra-oficial da colonização portuguesa no Brasil apresentanda e pela experiência do corpo feminino negro que (re)elabora. Nessas obras, a artista articula reflexões originais dos anseios que contornam as relações entre produções artísticas e expectativas sociais de gênero, apresentando uma crítica às noções tradicionais de feminilidade, amplamente disseminadas em nossa cultura.

Palavras-chave: Corpo feminino negro; Rosana Paulino; Arte Contemporânea

ABSTRACT

Contemporary Brazilian art has assertively engaged in discussions surrounding gender and race. Within this context, Rosana Paulino, an artist from São Paulo and a Black woman, presents compelling reflections and positions on social issues like discrimination and racism. Her poetic expression centers on the experiences of Black Brazilian women and the various forms of violence endured by this population. This dissertation proposal, grounded in art history and theory, especially within contemporary art, and incorporating critical feminist and decolonial perspectives, seeks to understand and analyze the representation of (re)created Black female bodies in Paulino's work. The artist employs a unique methodology, stitching together memories and poetically combining textile materials with photographs. This communicates stories and experiences of existence that affect and shape the being and living of Black women in the world. The selected series for this research – "Mulheres Jatobás" (2019), "Mulher Búfala" (2019), and "Mulheres Mangues" (2023) – exemplify the central themes Paulino explores. These works are notable for their counter-official narrative of Portuguese colonization in Brazil and the (re)elaboration of the experience of the Black female body. In these artworks, the artist articulates original reflections on the aspirations entwined with the relationships between artistic productions and societal gender expectations. This results in a critique of traditional notions of femininity widely disseminated in our culture.

Keywords: Black female body; Rosana Paulino; Contemporary Art



LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Rosana Paulino - <i>Parede da Memória</i>	27
Figura 2. Rosana Paulino - <i>Bastidores</i>	29
Figura 3. Rosana Paulino - <i>Atlântico Vermelho</i>	31
Figura 4. Rosana Paulino – <i>Sem título</i>	33
Figura 5. Rosana Paulino – <i>Assentamento</i>	34
Figura 6. Rosana Paulino - <i>Assentamento, Instalação</i>	37
Figura 7. Rosana Paulino – <i>História Natural?</i>	38
Figura 8. Rosana Paulino – <i>Tentativas de criar asas</i>	42
Figura 9. Rosana Paulino – <i>Sem título</i>	43
Figura 10. Rosana Paulino - <i>Sem título - série Búfala</i>	57
Figura 11. Rosana Paulino - <i>Sem título - série Búfala</i>	59
Figura 12. Rosana Paulino - <i>Búfala - Instalação</i>	60
Figura 13. Rosana Paulino - <i>Sem título - série Búfala</i>	62
Figura 14. Representação da Deusa Kali.....	63
Figura 15. Rosana Paulino - <i>Sem título - série Búfala</i>	64
Figura 16. Rosana Paulino - <i>Jatobá</i>	73
Figura 17. Rosana Paulino - <i>Jatobá</i>	76
Figura 18. Rosana Paulino - <i>Jatobá</i>	80
Figura 19. Rosana Paulino – <i>Mulheres Mangues - Instalação</i>	85
Figura 20. Rosana Paulino. <i>Mangue</i>	86
Figura 21. Rosana Paulino. <i>Mangue</i>	87
Figura 22. Rosana Paulino. <i>Mangue - Detalhe</i>	88
Figura 23. Rosana Paulino - <i>Mangue – peixe</i>	89
Figura 24. Rosana Paulino - <i>Mangue - guará vermelho</i>	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. DO "ATLÂNTICO VERMELHO" AO "MANGUE": SUTURAS, ASSENTAMENTO, REFAZIMENTO E O REFLORESCER DO CORPO NEGRO FEMININO NA OBRA DE ROSANA PAULINO.....	18
1.1 Da água à terra - confluências em busca de memórias, ancestralidade e decolonização do corpo feminino negro	21
1.2 Hibridismos, ciência e natureza e a busca por arquétipos femininos negros	40
2 REPARAÇÃO DE DANOS E RESISTÊNCIA NA VISUALIDADE DE CORPOS FEMININOS NEGROS: A SÉRIE BÚFALA (2019)	46
2.1 Aberturas decoloniais na obra de Rosana Paulino a partir da série <i>Búfala</i>	54
3. AS MULHERES MANGUES E JATOBÁS:O AJUNTAMENTO COM A TERRA POR UMA NOVA IMAGEM DA MULHER NEGRA	68
3.1 Jatobá	72
3.2 Mulheres Mangues	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICE	102

INTRODUÇÃO

A partir da minha vivência como mulher negra, nordestina, professora e artista, fui aos poucos percebendo que as representações artísticas as quais tive contato, na minha formação e através dos livros de história da arte¹, eram feitas, em sua maioria, por homens brancos europeus, e que pintavam mulheres brancas. Na minha aproximação com o mundo acadêmico e com o artístico, essas questões foram se aprofundando, a partir de um reposicionamento pessoal e pelo (re)conhecimento de que existe um processo de silenciamento e invisibilização da população negra, fruto da colonização, ainda em curso, que precisa ser rompido. Nesta direção, passei a questionar onde estão as histórias da arte que, como professora, negra e artista, em um país como o Brasil, contam as nossas histórias? Onde estão as imagens que falam de nós e que também são resultantes das vivências de corpos negros femininos, escrevendo as narrativas daquelas/daqueles "que foram submetidos, mas não se submeteram" como questiona Simões (2019).

Nestes livros, mulheres negras foram retratadas, muitas vezes, em situações de exploração e violência - amas de leite, cuidadoras de crianças brancas, em situações de cuidados e serviços domésticos, em corpos que se apresentam escravizados e com sinais de maus tratos - são em sua maioria as imagens que caracterizam os corpos negros femininos neste universo. Aliada a essa limitada e subalternizada construção da imagem da mulher negra, é notável que, ao longo de séculos, há pouca visibilidade ou quase uma ausência de registros da produção de artistas mulheres e, menos ainda, artistas negras.

No entanto, é perceptível na atualidade um movimento de iniciativas que começam a refutar essa subjugação das subjetividades e da restrição da diversidade e da complexidade da existência feminina negra, por meio da resistência e da

¹ Bruno Moreschi no projeto "A história da arte" identificou o perfil dos artistas encontrados nos livros de história da arte utilizados nos cursos de graduação de artes visuais no Brasil. Em 11 livros, Moreschi encontrou 2.443 artistas, dentre os quais 215 (8,8%) são mulheres, 22 (0,9%) são negras/negros e 645 (26,3%) são não europeus. Dos 645 não europeus, apenas 246 são não estadunidenses. E em relação às técnicas utilizadas, 1.566 são pintores.

proposição de possibilidades de ser e existir como mulher negra no mundo. Segundo Tvardovskas (2015), as artistas contemporâneas brasileiras vêm produzindo arte com um conteúdo político e estético específico ao recriar a imagem da vida cotidiana e da experiência feminina. E mais, especificamente, quando se trata de mulheres artistas negras é possível destacar o protagonismo delas mesmas em suas obras, contrapondo todo o legado racista e misógino que insiste em permanecer nas instituições e manifestações artísticas.

Durante toda minha infância e adolescência me questionava o porquê de não ter muitos amigos, porque muitas pessoas não se relacionavam comigo. Pois bem, ao longo do tempo percebi que era preciso me entender, me conhecer, compreender toda essa história de preconceito com a mulher negra. Depois de algum tempo, durante a minha vida acadêmica, passei a ler autoras negras entre as quais: Angela Davis, bell hooks, Lélia Gonzalez, mulheres pelas quais passei a admirar por suas histórias de lutas e conquistas. Hoje, depois de me cercar sobre o universo das Artes Visuais, me deparo com uma das minhas maiores inspirações de mulher negra e artista. Rosana Paulino, mulher negra, professora, artista de um incrível conjunto de obras e que se tornou meu objeto de estudo.

Buscando compreender parte desse movimento, destacamos uma artista que tem desenvolvido um trabalho relevante, reconhecido nacional e internacionalmente por sua contribuição nesse debate. Rosana Paulino, que desde a década de 1990 vem tensionando, por meio de suas obras e pela inscrição de seu corpo no espaço artístico institucionalizado e legitimado, o legado colonial, contrapondo-o com modos de resistência e perspectivas imagéticas e poéticas significativas sobre as subjetividades e potencialidades de mulheres negras. Assim, reconhecendo a importância da obra de Paulino e buscando compreender como é possível romper com os padrões subalternizados de representação negra no mundo da arte e das imagens, proponho uma investigação que se pauta no seguinte questionamento: como se caracteriza a representação dos corpos negros femininos na obra de Rosana Paulino? Desse modo, o objetivo desta pesquisa é compreender como artista elabora sua poética reconstruindo o imaginário social em torno da imagem da mulher negra e a transformando em representações que propõem a reconstrução simbólica do corpo feminino negro.

A artista critica as noções tradicionais de feminilidade, amplamente disseminadas em nossa cultura, expondo através de suas obras a violência sobre corpos negros, o silenciamento e a invisibilidade a que foram cometidos. Neste universo, algumas questões permeiam a análise da produção dessa artista: Qual a proposta de Paulino para recriar imagens ressignificadas desses corpos femininos afrodescendentes? Será que as mulheres artistas negras ao criarem um protagonismo a partir de suas obras, estariam trazendo novos significados em suas produções, capazes de (re)contarem outras histórias?

O conceito de "Refazimento" elaborado por Rosana Paulino e que ganha destaque nesta pesquisa apresenta um sentido de reformar, reorganizar, recriar os modos de representatividade sobre os corpos de mulheres negras na arte. Essa questão é crucial para a compreensão da obra e sua forma. Tematicamente, trata-se de um grupo social que sofre dupla opressão, de raça e de gênero, ambas tendo como base um elemento considerado fixo, visível: os corpos. Assim, expor, intervir e transformar tais corpos é um ato radical, pois evidencia o quanto eles não são evidências objetivas e inquestionáveis, mas objetos compreendidos, criados e representados por meio de discursos (sempre) políticos.

Na obra de Paulino, os elementos formais contribuem decisivamente para que as tensões se avolumem e se resolvam: ao utilizar-se do bordado, dele retirando qualquer traço de delicadeza, de resignação, de meticulosidade e passividade tradicionalmente associadas a uma suposta feminilidade essencial, Rosana Paulino subverte, ao mesmo tempo, os sentidos das imagens e dos discursos históricos sobre mulheres, por meio de um deslocamento de procedimentos da própria história da arte. Por isso "sutura" e não borda, costura que foi rasgado, negado e violentado. Desse modo, conforme Osteto (2020), "os refazimentos são presentificados nas visualidades de Rosana Paulino como um desejo que não foi colonizado, porque é potência". São constituídos como "atitude/postura de não se submeter, de se expressar de dentro para fora", negando uma história outra do projeto colonial e de sua manutenção pela colonialidade.

Desta maneira, os objetivos específicos da pesquisa são: identificar e analisar conceitos, estruturas e estratégias poéticas que Rosana Paulino elabora e utiliza para (re)configurar a imagem do corpo negro feminino em seus trabalhos; Identificar as

representações de Rosana Paulino ligadas ao imaginário e ao arquétipo feminino negro em sua resistência e ancestralidade, visando compreender a visualidade de corpos femininos negros que a artista elabora; investigar as obras de Rosana Paulino associadas ao ambiente do mangue, e da terra, bem como a materialização do corpo feminino negro junto a natureza, destacando a potência dessas imagens que ressignificam a presença negra na arte contemporânea.

Rosana Paulino possui uma carreira nacional e internacional. Nascida em 1967 em São Paulo, se utiliza de um diálogo com a representação etnográfica que, se por um lado é fruto do olhar do colonizador, por outro, guarda rastros que permitem indagar pelo “outro” na história. Paulino investiga desde os anos 1990 questões de gênero, sobretudo identidade, e a representação negra, quando essas questões eram pouco discutidas no cenário artístico brasileiro (Hollanda, 2020). Além de artista, Paulino é professora, tem doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo, especialista em gravura, pesquisadora, e em seus projetos e obras, procura inverter a função da estrutura classificatória colonial e refere sua indagação à memória individual e coletiva como alternativa à racionalidade paradigmática colonial. As obras de Paulino se resumem em instalações, desenhos, gravuras e fotografias.

Com o propósito de se aprofundar acerca dos modos de representação do corpo negro feminino na arte contemporânea e mais especificamente na obra de Rosana Paulino, esta investigação teve como base uma pesquisa documental ampla que analisou o vasto material publicado na internet sobre a artista e sua produção. Tal metodologia permitiu identificar e catalogar diversas entrevistas concedidas pela artista, textos curatoriais, catálogos, e toda uma fortuna crítica disponível virtualmente e que se constitui como uma importante documentação da atuação de Paulino, em âmbito nacional e internacional. Para análise deste material, destacou-se conceitos elaborados pela artista, imagens representativas das obras, questionamentos e perspectivas teórico-críticas que puderam contextualizar e delinear os significados necessários para a compreensão do fenômeno investigado.

Para a análise crítica desses dados, a pesquisa se fundamentou em concepções e fundamentos elaborados por autoras negras feministas, como Lélia Gonzalez (2020), que aponta que as representações sociais mentais em volta da mulher negra reforçam e se reproduzem de diferentes maneiras, contribuindo para a consolidação

do racismo na nossa cultura. Ainda bell hooks (2019), importante pensadora negra cuja obra, dentre outros aspectos, salienta que a dominação dos senhores de escravos sobre os corpos das mulheres escravizadas demarca a consolidação de estereótipos que subjugarão o imaginário sobre estes corpos, que foram constituídos ao longo da História.

Ainda como fundamento da pesquisa, destaco a extensa produção bibliográfica e documental acerca da obra de Rosana Paulino, resultado do reconhecimento e da importância da obra dessa artista. Para esta investigação, foi realizado um levantamento de artigos, dissertações e teses, bem como de textos curatoriais e críticos acerca da produção de Paulino. De modo geral, estes trabalhos trazem reflexões no que se refere à representação de raça e de gênero na arte contemporânea que se destaca nos trabalhos da artista. Santos (2018), aponta que a artista busca compreender, através dos trabalhos realizados pela artista, qual o lugar que a mulher negra ocupa na sociedade brasileira e sua relação com a formação da estrutura social, enraizada no passado extremamente escravocrata, racista e machista, que influenciam no desenvolvimento dos negros descendentes. Uma importante fonte desse trabalho foi a tese de Ostetto, segundo a autora habilmente desconstrói elementos coloniais, criando narrativas alternativas que desafiam as estruturas existentes. Sua intervenção através de sua expressão poética traz à tona essas construções do passado que ainda mantêm o poder colonial em nossa sociedade atual (Ostetto, 2020).

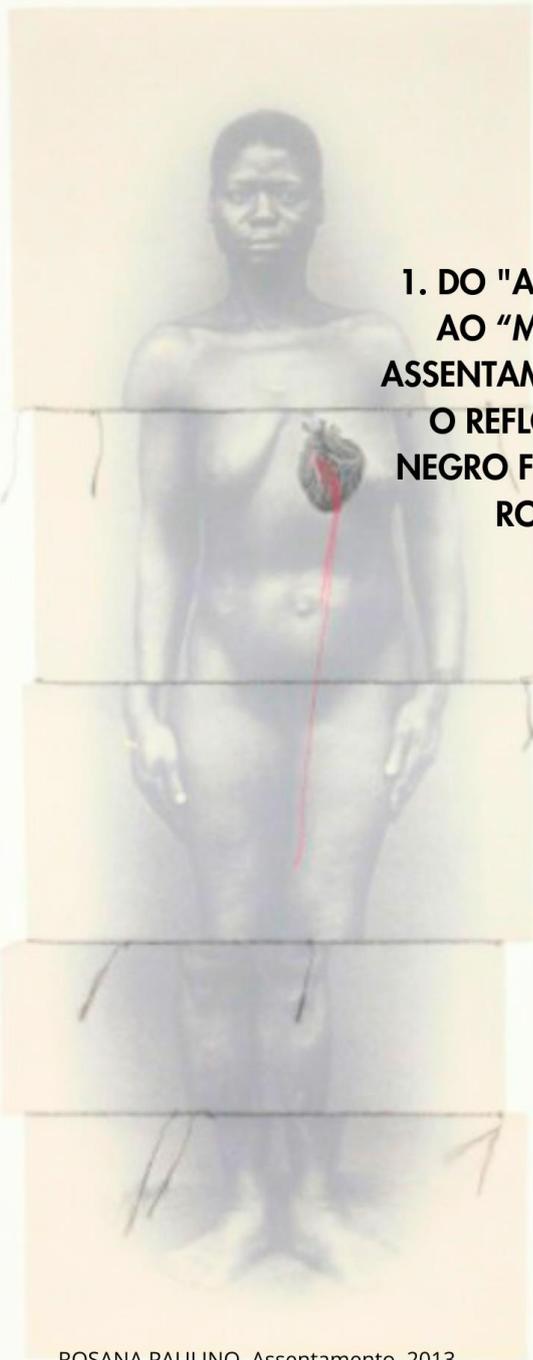
Embora essa produção bibliográfica e documental seja extensa, o recorte aqui proposto - com o foco na representação do corpo feminino negro que Rosana elabora, ainda não foi desenvolvido de modo específico e mais aprofundado. Mais especificamente, foram analisadas as séries *Jatobá* (2019), *Búfala* (2019) e *Mulheres Mangues* (2022) uma vez que estas produções apresentam uma relação com o imaginário e ao arquétipo feminino negro e propõem uma relação profunda com a terra. A natureza se faz presente nesses trabalhos, a psique, a personalidade feminina que não mais será representada de uma forma violenta, mas com novas poéticas, novas narrativas associadas ao corpo, terra e natureza. Assim, este recorte colabora para um aprofundamento crítico-analítico da poética e da produção da artista desenvolvida nas recentes obras. Nessa direção, a investigação desenvolvida aponta para novas análises e contribuições inovadoras acerca da temática em estudo.

Além dos textos descritos acima, é fundamental para esta análise a extensa produção de textos acadêmicos e reflexivos produzidos pela própria artista. Destaca-se, neste universo, sua tese de doutorado, onde Paulino elabora uma reflexão sobre como a mulher negra é vista no Brasil atual e de como as sombras ligadas com à escravidão reverberam nos negros ainda hoje, gerando e perpetuando locais simbólicos e sociais para este grupo (PAULINO, 2011).

A partir do exposto, este trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo tem como objetivo analisar conceitos, estruturas e estratégias poéticas que Rosana Paulino elabora e utiliza para (re)configurar a imagem do corpo negro feminino em seus trabalhos. Investiga a trajetória da artista, e dois importantes pontos de inflexão que marcam a experiência da (re)construção do corpo negro feminino na obra de Rosana: as obras *Atlântico Vermelho* e a série *Mangue*.

O segundo capítulo apresenta um pouco da série *Búfala* (2019) articulando sua pesquisa poética que a artista desenvolve à reconstrução de um imaginário social que delimita as subjetividades e a existência das mulheres negras. Propõe uma análise geral da série bem como os aspectos ligados ao imaginário, à psique e à influência psicológica sobre a mulher negra.

No terceiro e último capítulo serão debatidas as séries *Jatobá* (2019) e *Mulheres Mangues* (2023) com o intuito de elaborar uma análise mais aprofundada e uma caracterização da produção de Rosana que inter-relaciona o corpo da mulher negra e a natureza, propondo uma ligação com a terra e materialização dos corpos na nova construção da imagem feminina negra.



**1. DO "ATLÂNTICO VERMELHO"
AO "MANGUE": SUTURAS,
ASSENTAMENTO, REFAZIMENTO E
O REFLORESCER DO CORPO
NEGRO FEMININO NA OBRA DE
ROSANA PAULINO**

ROSANA PAULINO. Assentamento. 2013.

1. DO "ATLÂNTICO VERMELHO" AO "MANGUE": SUTURAS, ASSENTAMENTO, REFAZIMENTO E O REFLORESCER DO CORPO NEGRO FEMININO NA OBRA DE ROSANA PAULINO

O corpo da mulher foi objeto/tema de diversas produções artísticas, representado sob distintas formas e diferentes perspectivas socioculturais ao longo da história da arte. De modo geral, devido a um processo histórico de dominação cultural e econômica, em que corpos foram racializados e subjugados, os livros que nos contam a história da arte ocidental apresentam um universo de imagens de corpos femininos determinados por feminilidades idealizadas. São reproduções que apresentam imagens de mulheres com corpos geralmente brancos, adequados e submetidos a padrões de beleza específicos, conformados por estereótipos e ideais do que é o feminino para determinadas épocas, culturas e grupos sociais dominantes.

Em outra direção, mulheres negras foram e ainda são reduzidas a imagens estereotipadas que limitam suas existências, em um contínuo processo de fortalecimento de dinâmicas de opressão de gênero e raça, como comentado na introdução deste trabalho. São imagens, de modo geral, oriundas do discurso colonial, onde o corpo feminino negro é o corpo colonizado, destituído de subjetividades, vontades e necessidades - um corpo objeto, historicamente silenciado e invisibilizado (hooks, 1995). Nas artes visuais, esse discurso também está presente. As imagens artísticas, nada inofensivas como por vezes as classificam, assumem um lugar relevante na consolidação de elementos simbólicos elaborados na matriz colonial de poder, reverberando seus sentidos até os dias atuais (Mignolo, 2010). Símbolos que hierarquizam indivíduos, comportamentos e culturas num poderoso mecanismo de diferenciação, a partir da ideologia da branquitude e da racialização. O corpo negro, assim, é inscrito num regime de visualidade que reforça seu deslocamento para territórios de segregação e num sistema de classificação social oriundos do racismo estrutural (Sodré, 2018).

No entanto, podemos reconhecer que há um potente movimento em curso, na arte contemporânea, onde iniciativas artísticas emergentes resistem a estas reduções de subjetividade, contrapondo, questionando e combatendo projeções limitantes, discriminatórias e racistas da produção estética herdeira da empresa colonial,

inscrevendo outros modos de fazer arte que reconfiguram o corpo negro feminino na atualidade. No Brasil, artistas negras vêm propondo reflexões que envolvem o corpo negro e suas relações com ancestralidade, memórias, autoidentificação e o autoconhecimento em relação à sua história e aos valores de seus antepassados.

Paulino (2023), defende que as artistas brasileiras têm desempenhado um papel importante ao trazer novas ideias que não constam na “história” da arte como memória ou descendência, isto é, questões relacionadas ao fenótipo negro, amor negro, dados do próprio corpo, em oposição aos modelos de beleza e representação estabelecidos. Esta artista tem se destacado no cenário das artes visuais, elaborando uma obra vasta que apresenta questões vinculadas às dimensões do universo do corpo negro feminino. Nesta direção, Rosana Paulino, mulher negra e conceituada artista brasileira, com três décadas de experiência, destaca-se neste contexto por sua profunda investigação de temáticas sociais, históricas e culturais, com um enfoque especial na vivência das mulheres negras no Brasil.

Durante sua trajetória profissional, Paulino consolidou-se como uma figura influente na cena artística atual, explorando diferentes formas de expressão como desenho, gravura, escultura, instalação e fotografia para discutir questões como racismo, identidade, gênero e memória. Sua produção artística é reconhecida por promover um debate crítico sobre a história e a cultura do Brasil. A artista teve suas criações expostas em renomadas instituições e mostras, tanto dentro do Brasil quanto no exterior, consolidando sua relevância como uma protagonista na cena artística atual. Sua expressão artística não só espelha suas vivências e perspectivas pessoais, como também funciona como um reflexo das intrincadas questões sociais e históricas do Brasil, em especial no que se refere à influência africana e à realidade das mulheres negras.

Considerando este panorama, este capítulo visa apresentar conceitos fundantes da obra de Paulino, que serão base para as análises das séries abordadas na pesquisa. Busca também fazer um panorama da trajetória da artista, enfocando marcos importantes para a compreensão de aspectos poéticos e conceituais, tratados em pesquisas e publicações que abordaram o trabalho da artista, bem como na própria tese que defendeu na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Ao abordar a obra de Rosana Paulino, a pesquisadora Renata Felinto (2016) relata que a artista desde seus primeiros trabalhos, dedicou-se à sua própria condição de mulher negra brasileira, para, a partir dela, dessa experiência-vida, iluminar questões que dizem respeito a outras mulheres afrobrasileiras. Rosana também traz para o debate a representação dessas mulheres e de seus corpos, mas busca aprofundar aspectos da subjetividade, a partir das emoções e dos sentimentos que as tocam ou afetam, algo presente no modo como a artista manipula imagens, técnicas e informações desse universo (Felinto, 2016).

Para repensar o percurso que a artista inscreveu ao longo de sua trajetória, proponho partir de dois elementos cuja presença poética criam enredos importantes na obra de Paulino - a água e a terra. Elementos que ajudam a conectar universos simbólicos presentes nas obras da artista, por onde desloca o corpo feminino negro de um passado de violência e dor a um futuro/presente de potência e reflorescimento. Entre as águas do Atlântico, as brincadeiras às margens do Rio Tietê, ao assentamento na terra e ao brotar da vida no mangue, Rosana propõe um levante contra a violência histórica sofrida pelas pessoas escravizadas e pela natureza. Assim, sua poética articula um constante refazimento do mundo social e natural, buscando imaginar uma outra história possível para a população negra.

Partindo destes dois elementos, é possível encontrar dois importantes pontos de inflexão que marcam a experiência da (re)construção do corpo negro feminino na obra de Rosana: as obras Atlântico Vermelho e Mangue. Da água à lama, a mulher negra é recolocada. Este corpo segue um fluxo no tempo, sendo deslocado num movimento que parte da experiência e da memória da dor e da violência da escravatura, à busca pela cura - através das suturas, do refazimento da mulher negra, e do assentamento, buscando a ancestralidade e as raízes - que vai amalgamar um chão possível para brotar, reflorescer. Daí a mulher negra aparece integrada à natureza, fortalecida e recuperando sua subjetividade e especificidade por meio do encontro com o mundo natural. Configura-se, assim, como um movimento do passado ao futuro, da morte à vida, do encontro com a psiqué para superar os estigmas, a objetificação e as violências às quais o corpo feminino negro foi submetido.

São esses conceitos e estruturas poéticas que serão abordados aqui, buscando reescrever os caminhos traçados pela artista até chegar nas séries analisadas nos

próximos capítulos, onde o hibridismo corpo/natureza recompõe a experiência visual, antropológica e psicológica acerca do corpo da mulher negra. Desse modo, a abordagem aqui proposta entende os desdobramentos de sua produção não como uma linha de tempo evolutiva, mas como camadas de sentidos que vão se aprofundando e alargando para amalgamar e reestruturar a imagem da mulher negra, por meio das práticas artísticas expansivas que constituem a obra de Paulino, foco desta pesquisa.

1.1 Da água à terra - confluências em busca de memórias, ancestralidade e decolonização do corpo feminino negro

Ao longo de trinta anos com uma trajetória marcante e impactante, é fundamental destacar não apenas a complexidade e a magnitude da produção artística de Rosana Paulino, mas também a sua importância crucial na defesa da diversidade e na batalha contra o preconceito. Paulino permanece como uma força revolucionária no cenário artístico, motivando novas gerações de artistas e apreciadores com sua determinação e originalidade. Por meio de suas obras em desenhos, gravuras, bordados e esculturas, aborda de maneira central a escravidão e a violência da diáspora africana no Brasil em suas instalações. Com grande versatilidade, a artista explora diferentes técnicas, com um interesse especial em gravura e desenho. Através do uso de materiais e técnicas como a costura - sutura imagens do racismo científico e da história da violência colonial fazendo uma crítica contundente à história do Brasil, questionando a construção étnica da nação.

Nesse exercício de aproximação da trajetória e da obra de Rosana Paulino, consigo me ver como artista, educadora e como mulher negra nos diversos atravessamentos e enfrentamentos que reverberam a resistência da mulher negra nas obras da artista. Paulino aproxima o passado e presente, proporcionando o (re)encontro da população negra com os antepassados e por isso a História, a arte, o corpo negro passam a ter novos significados.

Rosana Paulino nasce em um dos bairros mais antigos de São Paulo, Freguesia do Ó, em 1967, passa a infância desenhando, brincando com barro e

aprendeu a costurar com sua mãe, que incentivou tanto ela como suas irmãs a estudarem bastante. Morava próximo ao rio Tietê, que tinha barro, terra e água para modelar seus brinquedos. As lembranças da infância de Paulino oscilam do prazer da manipulação da argila para moldar brinquedos e de outros afazeres incentivados pela mãe como o bordado, explorado e ressignificado na produção da artista ao desconforto causado pela não identificação com as personagens de desenhos animados ou as bonecas loiras e brancas, únicas imagens disponíveis para pessoas brancas da época (Palma, 2018).

A artista ainda relata que sua mãe a incentivava a criar seus próprios brinquedos. Como morava próximo ao rio, era comum ter material, principalmente o barro para modelar os brinquedos. Segundo a artista, seu processo de criação e a manualidade vem desde a infância. Nas experiências de moldar e brincar com o barro, a Rosana e a artista vão se formando, remodelando e transformando um corpo que carrega memórias, marcado por violências, mas também pela potência curadora e transformadora do brincar, do criar e das águas, que no seu movimento transformam o rio e podem curar as dores, construindo outras histórias e travessias. Do fluxo das águas - do Tietê, do Atlântico, Rosana chega ao Mangue, à terra, e sua mistura - a lama, onde Rosana tensiona a memória e celebra a vida como possibilidade de (re)existir.

De acordo com Martins (2003), os ritos comunicam e estabelecem conhecimentos estéticos, filosóficos e metafísicos, entre outros. Além disso, transmitem procedimentos e técnicas, seja por meio de sua estrutura simbólica, seja pelos modos de expressão, pelos aparatos e pelas convenções que moldam sua execução. Assim, é possível compreender que a experiência de Paulino, desde a infância, no seio familiar e na busca por sua ancestralidade, compõe um universo e um imaginário que sedimentou memórias e histórias fundamentais para a pesquisa que desenvolve como artista. A experiência arquivística e arqueológica da artista opera como algo próximo daquilo que Leda Martins descreve sobre a experiência do corpo-tela - um corpo político que se move em um tempo não cronológico, mas espiralar:

No âmbito das oralituras, o gesto não é apenas uma representação mimética de um aparato simbólico, veiculado pela performance. Ou, ainda, o gesto não é apenas narrativo ou descritivo, mas,

fundamentalmente, performativo. O gesto, como poesias do movimento e como forma mínima, pode suscitar os sentidos plenos. O gesto esculpe, no espaço, as feições da memória, não seu traço mnemônico de cópia especular do real objetivo (Martins, 2021)

Paulino retrata, concedendo à sua obra uma conotação questionadora, autobiográfica e social, ao abordar suas próprias raízes juntamente às da formação da arte brasileira. Ao entrar em contato com as obras de Rosana Paulino, entra-se também em contato com a história da artista. Sexualidade, raça e condição social emergem em um tom de denúncia que conduz o espectador à reflexão sobre posicionamentos discriminatórios. Bamonte (2018), indaga que ao mesmo tempo em que esses meios são utilizados, a eles são agregados procedimentos milenares como a costura, gesto arquetipicamente feminino, em reproduções incessantes que remetem à transmissão da memória familiar.

Para a artista, a forma e o conteúdo têm a mesma finalidade em sua obra, andam juntas. Por isso, trabalha com elementos que permitem a discussão de estereótipos ligados às mulheres, a fim de que a obra atinja o propósito ao qual foi imaginada. Ela destaca elementos de sua origem familiar em sua poética, como as manualidades culturais e religiosas presentes no Candomblé, na Umbanda e no Carnaval. Dessa forma, a artista apresenta em seus trabalhos o binômio arte/vida através de elementos do fazer manual como o tecido, o papel machê, o barro, a palha, fitas, entre outros numa tentativa de se religar a temas que remetem a sua origem étnica (Novais, 2018).

Tematicamente, mulheres negras sofrem dupla opressão, de raça e de gênero, ambas tendo como base um elemento considerado fixo, visível: os corpos. Assim, expor, intervir e transformar tais corpos é um ato radical, pois evidencia o quanto eles não são evidências objetivas e inquestionáveis, mas objetos compreendidos, criados e representados por meio de discursos (sempre) políticos. Os elementos formais contribuem decisivamente para que as tensões se avolumem e se resolvam: ao utilizar-se do bordado, dele retirando qualquer traço de delicadeza, de resignação, de meticulosidade e passividade tradicionalmente associadas a uma suposta feminilidade essencial, Rosana Paulino subverte, ao mesmo tempo, os sentidos das

imagens e dos discursos históricos sobre mulheres, por meio de um deslocamento de procedimentos da própria história da arte (Simioni, 2010).

Em entrevista à Lorraine Leu, Rosana fala sobre ser uma mulher negra no Brasil:

Os índices econômicos apontam que a mulher negra ocupa a base da base da pirâmide social do Brasil. Mesmo quando temos um nível educacional elevado, continuamos a ser vistas como inaptas, incapazes. E as mulheres mestiçadas são vistas como aquela mulher que é só corpo, boa de cama, hot, gostosa. Quando falamos da subjetividade da mulher negra, que modelo nós temos? Se mergulharmos na mitologia, os mitos e arquétipos são todos europeus. Temos Vênus, Artêmis, Deméter. Onde é que a mulher negra se encaixa? Tanto física quanto psicologicamente nós não temos onde nos ancorar. Essa é a discussão das mulheres negras, das feministas negras, porque nós não temos modelos reais de mulheres negras de sucesso [...] (Paulino, 2024).

Considerando este posicionamento, fios e tecidos são ferramentas que Paulino utiliza para questionar os imaginários sobre o feminino, para criar uma digressão onde tais objetos geram a resignificação dos locais simbólicos e sociais alocados ainda hoje às mulheres, sobretudo as negras, que ainda carregam a sombra e a herança do estigma da escravidão.

A costura, em suas obras, toma o sentido de repressão e violência velada (Marques e Myczkowski, 2015). Os bordados de Rosana Paulino representam suturas desesperadas sobre feridas ainda abertas. É nesse sentido que podemos perceber o corpo na obra de Paulino como arquivo, depositário de uma história ainda em construção, aberta e pedindo que a revisitem (Marques e Myczkowski, 2015). Na tese de doutorado da artista, é possível reconhecer alguns fatores que têm sido uma constante em seu fazer: indagações a respeito da ditadura dos modelos de beleza; discussão da representação do indivíduo negro, principalmente da mulher negra na sociedade brasileira; e várias questões referentes à psicologia e a representação do corpo feminino na arte (Paulino, 2011).

Paulino ganha destaque como a primeira artista negra a se posicionar, assumindo seu lugar de fala, no país e também a vincular o corpo negro feminino à temáticas que nunca haviam sido abordadas, como identidade e história, violência e

solidão. A artista trabalha com imagens de uma sensibilidade feminina culturalmente determinada, sobretudo questionando os lugares sociais destinados às mulheres negras (Boone; Picancio; Santos, 2010). Nesta direção, Paulino relata:

“Pensar em minha condição no mundo por intermédio de meu trabalho. Pensar sobre as questões de ser mulher, sobre as questões da minha origem, gravadas na cor da minha pele, na forma dos meus cabelos. Gritar, mesmo que por outras bocas estampadas no tecido ou outros nomes na parede. Este tem sido meu fazer, meu desejo, minha busca” (Paulino, 1997).

Seus patuás (FIG.1) referem-se à prática de produção encontrada na fusão afro-católica. Essas referências à luta contra a erradicação das tradições africanas e da memória negra identificam uma área de interesse direto para o artista. Dessa forma, remete ao passado da escravidão e à experiência atual de opressão na vida de grandes segmentos da população pobre e negra. É uma mistura de memórias, biografias, lendas, lendas e patrimônio histórico dramático. Nessa perspectiva, sua obra é também um testemunho da história pessoal e coletiva, que responde ao esquecimento e constitui uma forma muito moderna de crítica cultural.

Racismo, violência doméstica, conflito com o próprio corpo e a pressão para se adequar aos padrões de beleza bombardeados diariamente são outros temas que têm ganhado destaque. Através de suas pinturas, que sempre ocuparam um lugar especial na poética visual do artista, surge uma percepção fantasmagórica do corpo. O aparecimento de criaturas deformadas, imagens de bonecas, crianças e até abortos, e imagens de mulheres com seios múltiplos, muitas vezes indicando muitas vezes metamorfoses de animais, têm forte impacto emocional. A artista compõe em cada uma de suas imagens uma relação de estranhamento com os corpos e com a sexualidade, imprimindo sensações variáveis nessas representações binárias e naturalizadas.

Figura 1 - Rosana Paulino. *Parede da Memória*. 1994/2015.



Fonte: <https://rosanapaulino.com.br/multimedia/parede-da-memoria-detalle-2-1/>

Em sua tese de doutorado Paulino (2011), descreve que o ato de tecer, que simbolicamente e de maneira concreta representa uma forma de se posicionar no mundo, busca também evocar lembranças de momentos passados, como as aulas de costura e artesanato da infância. Agora, esses momentos ganham um novo significado, revelando um universo oculto nas profundezas do meu ser. A artista completa:

Desta maneira, a opção por este tipo de fazer em Parede da Memória tem a propriedade de ligar, não apenas simbólica, mas também fisicamente, os componentes da família e das origens socioculturais das quais derivo (Paulino, 2011. p.25).

A artista conta que em suas obras, forma e conteúdo servem a um propósito comum, sendo um dos principais a discussão dos estereótipos associados às

mulheres: "acredito ser essencial que ambos caminhem juntos e em estreita colaboração para que a obra atinja seu objetivo" (Paulino, 2011, p.25). Paulino cresceu próxima às margens do rio Tietê, utilizava o barro para suas manualidades. Desde cedo, sua mãe a incentivava a fazer trabalhos que pudessem desenvolver a criatividade da artista, não só com o barro, mas também com a costura. Neste sentido, a preocupação com a forma, com a plasticidade e a materialidade, é um ponto forte em seus trabalhos:

“Por ser oriunda de uma população que muitas vezes utiliza elementos como tecido, papel machê, barro, fitas, palha e outros fortemente ligados ao fazer manual em suas manifestações culturais e religiosas, como o carnaval, o Candomblé e a Umbanda, por exemplo, passei a acrescentar em meu trabalho materiais que foram ou são utilizados com frequência nestes grupos, a fim de determinar a forma que o trabalho assumirá e reforçar, assim, seu significado” (Paulino, 2011. p.25).

Bastidores (1997), (FIG.2) uma das primeiras obras da artista, que explora fotografias de mulheres negras tendo suas bocas, olhos e gargantas rudemente costurados, a artista aborda a questão da violência doméstica, vivenciada não por ela mesma, mas a partir do contato com o trabalho de sua irmã, que atuava com mulheres vítimas de abuso. A montagem e a própria imagem do bastidor evocam a memória de muitas mulheres, pois são práticas que, dependendo do local e do contexto de nascimento e crescimento, fazem parte do cotidiano doméstico feminino. Isso inclui a experiência da própria artista, que faz referência a essa memória (Cardoso e Barcelos, 2021).

Figura 2. Rosana Paulino, *Bastidores*, 1997



Fonte: <https://rosanapaulino.com.br/multimedia/bastidores/>

Paulino ressignifica o bastidor e o bordado, afastando-os dos sentidos comumente atribuídos e os transportando para um território semântico que aborda o poder e a violência contra as mulheres. A costura nesse sentido assume o papel de sutura, como a própria artista fala:

“A sutura mal-feita e forçada que liga as partes faz com que a costura, que poderia ser usada como elemento de coesão entre grupos humanos, retome o sentido de repressão e violência visto em investigações iniciais como *Bastidores*, de 1997 (Paulino, 2011. p.25).

De acordo com Lopes (2015), a costura assume mais claramente o papel da sutura cirúrgica. Essa sutura expõe a imagem em partes que apesar de contíguas, não se unem completamente. Os pontos formam no objeto um traço de protuberância e excesso evocando a imagem de um quelóide. Nesses trabalhos, não parece que a sutura tem a intenção de corrigir os problemas criados pelas intervenções coloniais e

suas consequências, mas sim revelá-los e indicar processos nos quais esses problemas surgem.

Ao longo do tempo, Paulino se dedicou à reflexão sobre a invisibilidade e não reconhecimento dos negros, sobretudo das mulheres negras. Suas primeiras obras são marcadas por uma forte representação do corpo feminino negro e pela retomada e exposição de histórias de violência suprimidas durante o período de colonização e escravização. Portanto, escancara e revela a história da colonização do Brasil, período do domínio português que dizimou milhares de afrodescendentes. Nesse contexto, Paulino cria "Atlântico Vermelho", (FIG.3) referindo-se ao sangue que manchou "o Atlântico Negro" e que continua a impactar seus desdobramentos até o presente. O projeto inclui obras borradas de vermelho, como o rosto de uma pessoa e a parte inferior de um navio tumbeiro, o que reforça a persistência das feridas históricas e a contínua luta por reconhecimento e reparação.

Figura 3. Rosana Paulino, Atlântico Vermelho, 2017



Fonte: <https://rosanapaulino.com.br/multimedia/atlantico-vermelho/>

Desta maneira, Paulino emprega a cor vermelha não somente como um lembrete das dores do passado, mas também como uma denúncia do preconceito racial e da falta de igualdade que continuam a existir na sociedade atual. A seleção de elementos visuais, como a cana-de-açúcar e o navio negreiro, é uma alusão direta ao comércio de escravos transatlântico e às terríveis condições impostas aos africanos e seus descendentes:

“Percebi muito tarde que o fosso do Atlântico não poderia ser remediado por um nome e que as rotas percorridas por estrangeiros eram o mais próximo à terra-mãe que eu poderia chegar. Imagens de parentes pisoteados e perdidos ao longo do caminho, habitações abandonadas reapropriadas pela terra, cidades varridas da vista e banidas da memória eram tudo que eu poderia esperar reivindicar. E partir pela rota de escravos, que era tanto um território existente com coordenadas objetivas quanto um reino figurativo de um passado imaginado, determinada a fazer exatamente isso (Hartman, 2021.p.22)

O texto de Hartman (2021) reflete um entendimento profundo sobre as consequências da dispersão dos povos africanos e a insuficiência de remediar as perdas históricas apenas com alterações superficiais, como a mudança de denominação. A referência ao "fosso do atlântico" representa a grande distância cultural, emocional e geográfica gerada pela escravidão transatlântica, a qual não pode ser vencida apenas por atos simbólicos. Assim como Hartman, Rosana Paulino também manipula arquivos coloniais para contar outras histórias, reconhecendo nessas imagens e no modo como foram criados e organizado a violência colonial e seu modo específico de elaborar a história.

As obras presentes no "Atlântico Vermelho" trazem à tona as consequências do avanço europeu, que devastou as culturas dos povos ameríndios e estabeleceu o comércio de pessoas escravizadas entre a África e as Américas. Durante mais de trezentos anos, milhões de africanos foram capturados e vendidos como mercadorias, amparados por argumentos legais, éticos, religiosos e econômicos que os desumanizaram, tratando-os como propriedades sem alma e sem direitos. Essa mentalidade, propagada pela modernidade europeia, resultou em uma violência dupla com consequências duradouras: a violência contra a natureza, subjugada ao projeto colonial, e a violência contra os escravizados, considerados parte integrante dessa natureza (Hartman, 2021).

Figura 4. Rosana Paulino, Sem Título, 2016



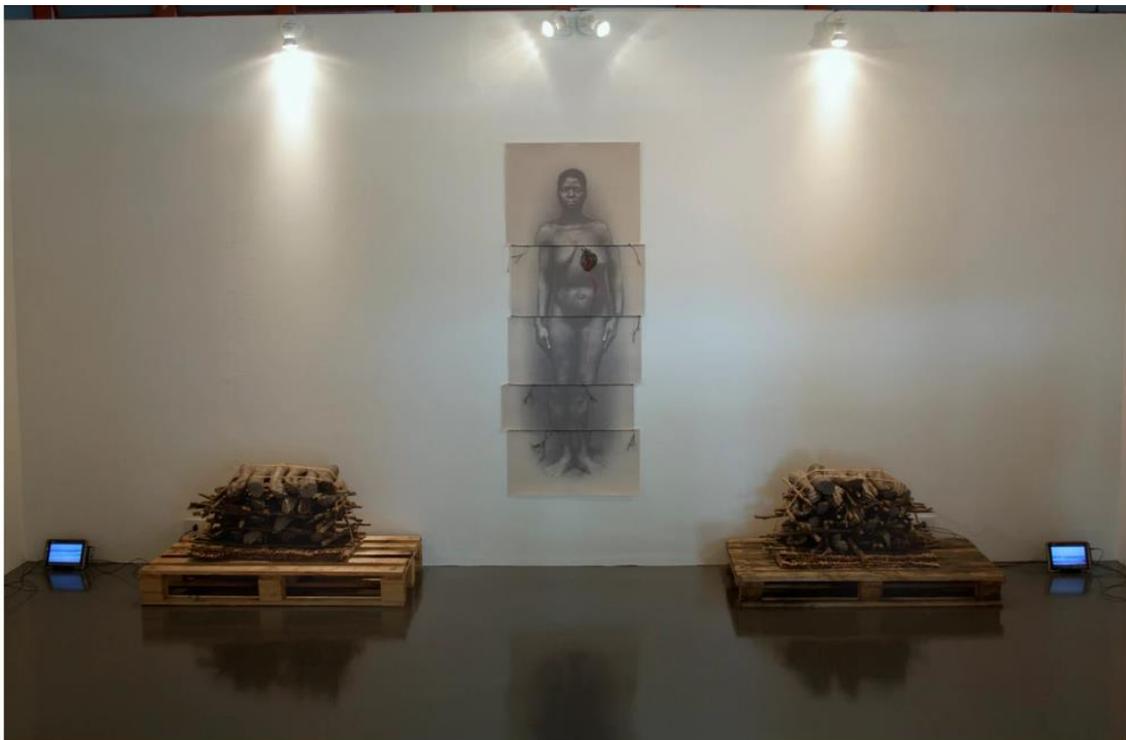
Fonte: <https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5>

A água que corre no Atlântico é agora vermelha, tingida pelo sangue dos africanos escravizados e mortos no percurso da diáspora. A figura (FIG.4) de uma jovem mulher negra de cabelos curtos nos encara de frente, e aparece nesta instalação com sua imagem duplicada e ampliada como um negativo em preto e branco. No centro da obra, cinco recortes configuram uma remontagem dessa pessoa - costurados, suturados uns aos outros, criando uma composição onde um coração vermelho se destaca dentre as imagens em preto e branco. As três imagens que aparecem como negativos fotográficos, visam trazer, como explica a artista, “o avesso à tona, aquilo que quer ser escondido”. A artista sutura as imagens como uma forma de restituir a anatomia original de um corpo dilacerado, ato que ao seu ver ainda é insuficiente, pois o “refazimento” que elabora não consegue recompor integralmente o todo que foi desfeito.

As fotografias usadas por Paulino eram em grande parte feitas por fotógrafos naturalistas interessados em conhecer, classificar e se apropriar daquilo que era considerado estranho e exótico, especialmente as riquezas possíveis de serem expropriadas. Fotografias que, na visão da artista, “aplainavam o elemento negro tirando dele toda sua subjetividade” - objetificando, limitando e reduzindo sua existência representada em imagens (Paulino, 2023).

Com “Atlântico Vermelho”, Paulino pretende, assim, pensar a diáspora a partir do sangue invisível deixado como rastro no Oceano Atlântico. Já em "Assentamento" (2013) Rosana elabora uma instalação com diferentes elementos, incluindo tablets (FIG.5) com a visão e som do mar. Nestes equipamentos, colocados bem próximos ao chão, encostados nas paredes, é possível ver um pedaço de mar, simulando aquele mar ouvido e talvez visto entre frestas e pelo ritmo do balanço do navio, por tantas pessoas encarceradas por meses em porões de navios, ao serem capturadas e enviadas para destinos desconhecidos. Ao falar sobre a instalação, Rosana Paulino conta que “assentamento pode se referir a um prédio, o assentamento de um grupo social (como o MST, ela lembra), ou pode ser também a força mágica que mantém um terreiro de pé nas religiões afro-brasileiras”. Ainda em suas palavras,

Figura 5. Rosana Paulino, Assentamento instalação, 2013



Fonte: <https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5>

“essa população apesar de todos os horrores vividos, ainda assim assentaram uma cultura, ainda assim assentaram um país. Três milhões de escravizados africanos e africanas levados ao Brasil em

tumbeiros, essas pessoas tinham que se refazer ao chegar (ou se refazem ou morrem) e, ainda assim, conseguiram se assentar no país. Só que esse refazer tem o trauma” (Paulino, 2023).

É uma instalação que combina fotografias, tecidos e bordados para produzir retratos de mulheres negras que fazem referência às suas antepassadas. Neste trabalho, o artista explora a importância da memória e identidade, procurando resgatar e homenagear o legado dessas mulheres negras. Em "Assentamento", Paulino sobrepõe fotografias em tecidos, usando bordados para ressaltar traços faciais e criar uma textura que transmite a força e a resiliência em retratos de uma mulher negra.

A obra discute questões centrais como memória e ancestralidade, explorando a relevância do passado ancestral na construção da individualidade dos indivíduos negros no Brasil. Enfatiza a força e capacidade de se adaptar das mulheres negras ao longo do tempo, utilizando métodos de bordado e costura. Além disso, Paulino analisa de forma crítica as hierarquias de poder e a influência do colonialismo que ainda afetam a rotina dos negros no Brasil. As imagens fragmentadas e a combinação de diferentes materiais mostram a complexidade e os obstáculos da identidade pós-colonial.

O título Assentamento enfatiza a problemática de cunho histórico religioso tratada pela artista como descreve Renata Felinto:

A palavra assentamento possui duas asserções. Relaciona-se à fundação, base, estrutura arquitetônica fundamental para se erigir uma construção que, neste caso, poderíamos arrolar um país em construção a partir de um alicerce africano, tanto no que diz respeito aos corpos de seres humanos gastos durante esse processo [...] quanto ao legado cultural e histórico. Também podemos ligar a palavra aos assentamentos que são montados nos Candomblés para os orixás (Felinto, 2016, p. 331.)

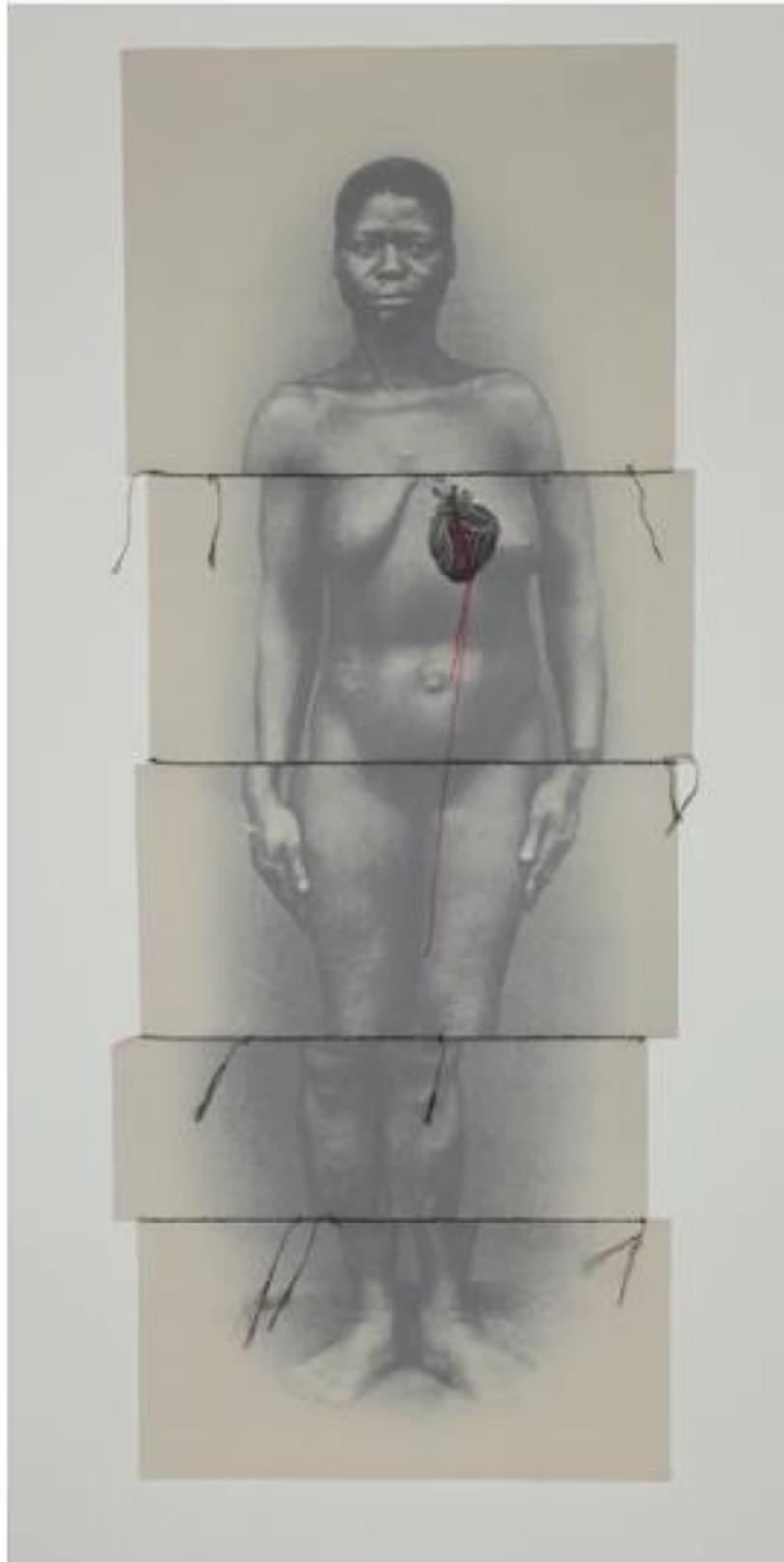
Nesta instalação, a imagem da mulher negra foi ampliada em escala humana, recortada e depois costurada, ou melhor, sutura com uma forma de bordado grosseiro, feito em linhas pretas e vermelhas aparentes. Esse corpo foi anexado novamente de forma desacertada, mas que apesar de tudo, representa o esforço dos africanos e afrodescendentes para refazerem suas histórias e memórias em meio a uma imigração forçada.

Ao mesmo tempo esse “Assentamento” perpassa por um território e ocupação, uma ligação com a terra que muitas vezes é considerado como um ícone da memória coletiva. A obra pode indicar que a lembrança e a identidade das mulheres negras estão intrinsecamente ligadas e estabelecidas na terra de seus antepassados, provocando uma ligação contínua com a história e os costumes culturais. Em termos religiosos, assentamento se refere ainda ao lugar que se funda no encontro com os orixás de uma filha ou filho de santo, como nos diz Silva (1997):

Nos rituais e práticas religiosas a força imaterial é concretizada pelos assentamentos, que têm a função de conter e concentrar o axé do orixá, considerado como a sua própria materialização. Este significado converte o assentamento como uma peça de ritual de prioridade vital, como a mais importante e insubstituível na composição da crença (SILVA, 1997, p.63).

Assim, podemos compreender que assentar, nos termos de Paulino, significa se refazer, se reconstituir num território de pertencimento, produzindo um protagonismo no enfrentamento à cultura hegemônica, fazendo com que histórias e culturas subalternizadas se reestruturem numa corporeidade ancestral, social, simbólica e cultural. Desse modo, a fotografia de uma mulher negra, registrada durante a expedição do cientista Louis Agassiz, entre 1865 e 1866, num contexto poligenista e racista, é atualizada por Paulino nesta instalação (FIG.6). Elabora-se, assim, uma contra-resposta, protagonizando o corpo que foi racializado, revendo os valores que lhe foram atribuídos.

Figura 6. Rosana Paulino, Assentamento instalação, 2013



Fonte:

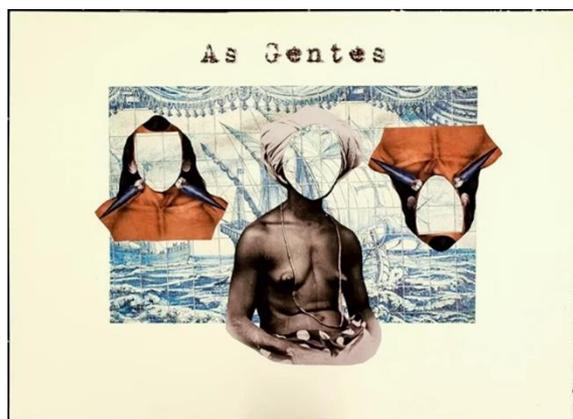
<https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5>

Em trabalho História Natural (2016) (FIG.7), Paulino apresenta uma série de gravuras/colagens com imagens de livros de história da época da colonização que dialogam com o processo de escravidão dos países da violência exercida nos corpos negros. Propõe uma reflexão sobre a conexão entre passado e presente, explorando a relação complexa entre ciência e escravidão. Com o título indicando, a obra resulta de uma extensa investigação sobre essa interação histórica e social.

Dentro das folhas do livro, é possível visualizar ilustrações de pessoas negras escravizadas e indígenas da região, que estão mescladas ou dividindo espaço com desenhos da vida selvagem, plantas, mapas, o esquema de um navio utilizado para o tráfico negreiro e objetos de tortura. Essas imagens contam uma história intrincada e diversificada sobre a brutalidade e abuso durante a época colonial.

Os esqueletos na pintura representam não só a ciência e suas técnicas de pesquisa e classificação, mas também as diversas mortes de escravos e povos indígenas. Os nomes dessas pessoas são lembrados por Paulino, dando-lhes uma importância que vai além da simples imagem e proporciona um memorial de reconhecimento. Como a própria artista diz, essa obra traz consigo termos usados por Paulino como “sutura”, “refazimento” ampliando assim a possibilidade de resgate histórico, procurando acrescentar a essas imagens uma inversão da função da estrutura classificatória colonial e refere sua indagação à memória individual e coletiva como alternativa à racionalidade paradigmática colonial.

Figura 7. Rosana Paulino, ¿História natural? 2016



Fonte: <https://rosanapaulino.com.br/multimedia/dsc3666-jpg-ok/>

A pesquisadora Renata Felinto (2016) relata que a artista desde seus primeiros trabalhos, dedicou-se à sua própria condição de mulher negra brasileira, para, a partir

dela, dessa experiência-vida, iluminar questões que dizem respeito a outras mulheres afrobrasileiras. Rosana também traz para o debate a representação dessas mulheres, mas aprofunda a abordagem subjetivando às emoções e sentimentos que as tocam ou afetam, especialmente pelo modo como usava imagens, técnicas e informações. (Felinto, 2016).

Neste contexto, partindo do que Rosana Paulino propõe, é preciso abarcar o conceito de decolonialidade. Conceito que se faz presente na produção desta artista, já que propõe sua obra como um "desvio", uma contraposição, aos desdobramentos da colonialidade ainda presentes na nossa sociedade. Segundo Ostetto (2020), o desvio decisivo foi a postura da própria Rosana: "ao transgredir, destruir, chocar, perfurar na brecha, confrontar o campo unificado, universal e social da arte ocidental do Brasil e seu deslocamento como campo de batalha, Paulino, dialoga com seu grupo de pertencimento e com o mundo a partir de suas desmontagens, contrariando as marcas da colonialidade". Seu modo de produção traz o corpo como lugar e território da memória, sendo este o cerne de toda sua poética - um corpo que atravessa o Atlântico trazendo consigo dores e traumas do passado.

A teoria decolonial compreende que colonização e modernidade, enquanto projetos ocidentais, são faces de uma mesma moeda e que o colonialismo está longe de ser compreendido como uma etapa superada do passado das antigas colônias europeias. O colonialismo, que se define pela dominação política e econômica de um povo ou nação sobre o outro, por meio de uma relação explícita de poder, soberania e hegemonia, pode ter terminado com a "independência" das colônias. No entanto, a colonialidade, desdobramento do processo de colonização, vem se mantendo ativa e estruturada em outras formas de hegemonia e poder que emergiram com a modernidade (Mignolo 2020). Desse modo, a colonialidade pode ser compreendida como a hegemonia de modos de ser, de saber e agir bem como os valores socioculturais de determinadas culturas que, impostos a outras, exercem o poder hegemônico de dominação. Historicamente, a colonialidade representa a ascensão da Europa sobre o mundo desde o século XVI e a imposição das suas perspectivas de entender as práticas sociais e seu modo de entender a sociedade como algo universal. Tal dominação faz com que a colonialidade se mantenha até os dias atuais, submetendo culturas, grupos sociais e suas expressões ao apagamento, invisibilidade e violências.

Na contramão dessa dominação, a decolonialidade desempenha uma importante função em várias formas de trabalho intelectual, artístico e de ativismo. Podemos afirmar que a razão sobre os possíveis confrontos e conflitos durante o processo criativo tenha relação com a descolonização e os conceitos relacionados despertam ansiedade e estão, portanto, ligados à fobia em relação às pessoas escravizadas e colonizadas (Maldonado-Torres, 2023). Processos de criação são capazes de revelar confrontos e estruturar formas de combater as fobias, como as discutidas por Rosana Paulino em suas produções.

Além disso, outro ponto importante que Maldonado-Torres cita é que:

A abertura do corpo faz parte da atividade decolonial que não somente permite a possibilidade do questionamento crítico, mas também as visões do eu, dos outros, do mundo que desafiam os conceitos de modernidade/colonialidade. Portanto o corpo aberto é um corpo questionador, bem como criativo. Ele afirma que criações artísticas são modos de crítica e autorreflexão e proposição de diferentes maneiras de conceber o tempo, o espaço e a subjetividade e a comunidade, entre outras áreas (Maldonado-Torres, 2023, p.48).

O corpo aberto, assim, nos termos de Maldonado-Torres, é o corpo capaz de propor e fazer o giro decolonial, movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade. Para Mignolo, conceitualização mesma da colonialidade como constitutiva da modernidade é já o pensamento de-colonial em marcha (Mignolo, 2008, p. 249). O projeto de decolonização sugere, assim, uma necessidade de asserção corpo-geopolítica e pode ser encontrado nas tradições do pensamento negro, como afirmam Bernardino-Costa, Maldonado-Torres, Grosfoguel (2023, p.13).

Nesta direção, Paulino reconhece o papel político e ativista do seu trabalho, no entanto indaga que é uma proposição muito mais pessoal do que militante:

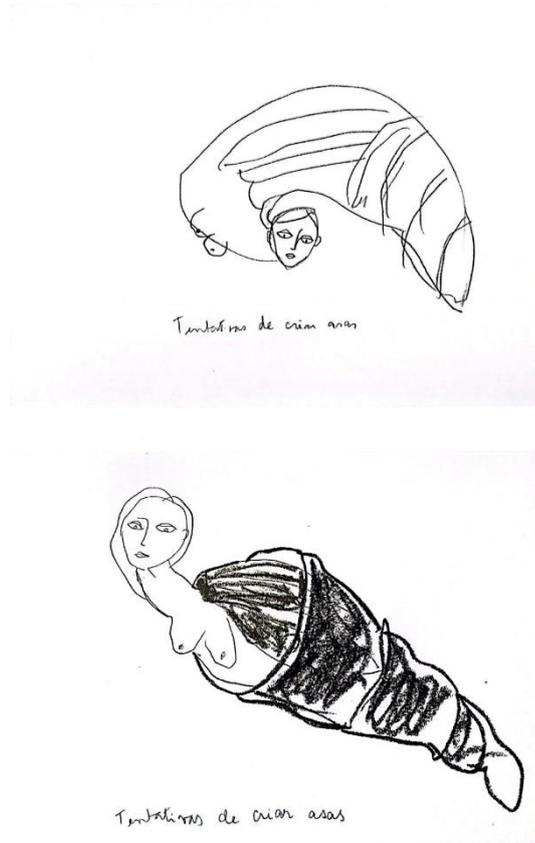
Todo artista que trabalha nesta linha política anda sempre no fio da navalha. Embora eu não goste muito de pensar em meu trabalho como militante, ele é um trabalho que vem de dentro de mim e do incômodo que sinto por estar nessa sociedade. Nesse sentido, é claro que esse incômodo vai se espalhar [...]. Acho que o meu trabalho pode ser um estopim, um catalisador para que as pessoas passem a discutir algumas questões que normalmente são silenciadas (PAULINO, 2024, p.8).

Por essas perspectivas, Paulino mescla história, memória, ancestralidade sentimento e política, trazendo para o debate o que é escondido, camuflado, recusado. As imagens da presença colonial escondidas como sombras na nossa história, são recuperadas, para expor a sujeição ao qual o corpo negro foi submetido, para assim serem reelaboradas e expostas como feridas abertas. No entanto, ressurgem suturadas, ganhando novos significados, na direção de uma cura, que a artista propõe. Assim, das águas percorridas, chega-se à terra, onde fincam-se as raízes e a possibilidade de renascer.

1.2 Híbridismos, ciência e natureza e a busca por arquétipos femininos negros

Além de sua busca por discutir sua condição no mundo como mulher negra, imersa numa sociedade esfacelada pelo racismo e pela violência, Paulino se debruça sobre outras áreas do conhecimento. Estudos ligados à biologia passaram a pautar o âmbito simbólico de seus trabalhos. Vale salientar que, no mesmo ano em que concorreu ao vestibular de Artes Visuais, Paulino também se candidatou para Biologia. Desde o início de sua trajetória, a artista explora a relação entre insetos e o universo feminino. Seu trabalho abrange tanto os estudos de insetos e morcegos quanto uma visão simbólica da biologia, voltada para o crescimento pessoal. De acordo com Paulino (2015), a série de desenhos intitulada "Tentativas de criar asas" (FIG.7), que adota uma perspectiva bem-humorada e quase irônica sobre a condição da mulher negra.

Figura 8. Rosana Paulino, Tentativas de criar asas, 2000



Fonte: <https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5>

Nesta perspectiva, a pesquisadora Tvardovkas (2017), discorre que, figuras femininas transfiguram-se e nascem de casulos de barro e povoam paredes. São tecedoras de seus próprios corpos, mulheres-inseto - dois seres estranhos, conectados em sua imaginação. Os corpos de suas figuras se posicionam como lagartas (fig), esforçando-se em curvaturas que remetem a um movimento de libertação.

Para Deleuze e Guattari (1997), um devir-animal não implica transformar-se em outro ser, como um inseto, ou considerar essas associações apenas no campo da imaginação. O devir é real e pertence à ordem das alianças. A relação entre mulher e inseto, por exemplo, não é evolutiva. Estamos lidando com o heterogêneo, com relações que não são de filiação, mas de multiplicidade, contágio e expansão, "que proporcionam o incrível sentimento de uma Natureza desconhecida atravessada por esses estranhos devires, - o afeto".

Nesta direção, Tvardovkas (2015) observa que, nestes trabalhos de Paulino, mulheres que se distendem como larvas, em colônias estruturadas, protegendo-se mutuamente, num campo de ligações entre a psique feminina e o mundo dos insetos. Segundo a artista,

“É lendária a associação da mulher com alguns tipos de insetos (borda como uma aranha, obreira como uma abelha, delicada como uma borboleta etc.) e tal associação avança desde a mitologia grega até a arte contemporânea. Quantas vezes, por exemplo, tecemos verdadeiros casulos em torno de nossos desejos e necessidades, nos encasulamos para nos protegermos do mundo” (Paulino,2017).

A artista torna essas conexões sensíveis, evidenciando os modos de constituição das subjetividades femininas. Ao criar "devires-inseto" com corpos delirantes feitos de fios, Paulino compõe imagens que nos afetam profundamente (Tvardovkas,2015). A pesquisadora Tvardovkas (2015) ainda enfatiza que a força das imagens de Paulino parece derivar de associações recorrentes na cultura, como a relação entre mulheres e insetos. No entanto, por meio de sua intervenção, essas associações são desnaturalizadas, aumentando a compreensão sobre a experiência da opressão e a luta pelo desprendimento dessas amarras.

Figura 9. Rosana Paulino, Sem título, 2000



Fonte: <https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5>

Desta forma, observa-se:

“Até as tecelãs, que são aquelas mulheres-inseto que tiram de dentro de si mesmas a vida, né. E tem uma discussão da Biologia enquanto ciência mesmo, a biologia pra valer, porque eu vou olhar ali a questão das pseudo-ciências e como elas colaboraram para formar uma imagem da população negra, que é muito negativa, e vou discutir como as pseudo ciências também ajudaram a justificar a escravidão e consequentemente o racismo. É uma análise da história da ciência mesmo. Ciência enquanto ciência, enquanto história e como ela influenciou a sociedade” (Paulino, 2019).

Suas imagens questionam a "ideologia da domesticidade", que define a mulher como um indivíduo abnegado, voltado para o lar é definido pelo papel de mãe, uma visão que emergiu no século XIX, mas que ainda persiste no início do século XXI. Ao ressignificar práticas comuns entre as mulheres, como costurar, tecer e bordar, ela cria espaços de reflexão sobre as práticas violentas que permeiam as vivências femininas (Tvardovskas, 2015).

Paulino não só investiga a história da ciência, como também questiona suas narrativas convencionais. Essa abordagem possibilita uma avaliação crítica das formas pelas quais o conhecimento científico pode ser distorcido com o intuito de beneficiar as pseudo-ciências. O trabalho de Paulino, ao unir arte e ciência, nos convida a pensar sobre as interseções entre história, biologia e as consequências sociais e culturais que essas áreas de estudo exercem na construção de identidades e na perpetuação de desigualdades.

Neste sentido, o corpo da artista também é portador do tempo. Um tempo transformador que interrompe violências, perturba a tranquilidade do rio, reconfigura memórias e cria novas narrativas e mitologias. Nas últimas séries *Búfala*, *Jatobá* de 2019 e *Mulheres Mangues* em 2022, que serão exploradas com mais profundidade nos próximos capítulos, a artista aborda, dentre outros aspectos, a ausência de representatividade do feminino negro na construção dessas identidades. Pensando nisso, Paulino propõe novos padrões de representatividade e celebra as emoções e as mentes marginalizadas, destacando a conexão dessas mulheres com o meio ambiente, conectando seus corpos à flora e à fauna, crescendo, nutrindo raízes e promovendo o reconhecimento de outros conhecimentos, todos entrelaçados com a herança cultural.

Assim, é possível reconhecer que as obras de Paulino passaram por uma mudança significativa, refletindo uma transformação em seu processo criativo. Anteriormente, seus trabalhos se concentravam na reflexão sobre a violência contra corpos femininos negros. Agora, suas obras buscam outros percursos, outras narrativas, seguindo um processo de transformação contínua, situando o corpo feminino em uma esfera ligada à mitologia, flora e fauna. Apesar dessa mudança temática, essas obras continuam a representar os corpos de mulheres negras, mas situados num contexto de não violência, destacando sua conectividade com a terra, a água, o barro e a ancestralidade. Essa nova abordagem não só amplia a compreensão das experiências dessas mulheres, mas também reconfigura suas identidades em um espaço de empoderamento e de conexão com elementos naturais e ancestrais.

Inicialmente dedicada à reflexão sobre a invisibilidade e a violência contra o corpo da mulher negra, a artista agora explora temas relacionados à natureza e à terra. Obras que simbolizam corpos de mulheres negras que passaram pelo processo de violência, mas que agora são ressignificadas. Fotografias que as mulheres negras eram expostas de forma desprezível para fins científicos, agora ganham vida ou melhor se refazem. “Refazimento”, palavra dita pela artista, ganha um novo sentido: um corpo que antes coisificado, se transforma em uma obra que ganha um coração alegre e jubiloso, ganha também raízes e ramificações que o sustenta e o refloresce.

O corpo negro feminino na obra de Paulino sofre ressonâncias, que evidencia as permanências do presente e das implicações e consequências do momento mais brutal e violenta da nossa história contra a população negra. A partir de meados de 2019, Rosana Paulino adota uma nova perspectiva em sua produção artística, manifestada através da pintura. A artista apresenta uma série com figuras femininas metamorfoseadas, explorando ainda mais um de seus potenciais artísticos e diversos gatilhos de sua criação poética. Seus trabalhos continuam a sensibilizar e comunicar as circunstâncias envolvendo o corpo da mulher negra, bem como diferentes disparadores que permeiam sua poética. São estes trabalhos que serão analisados a seguir.



**2. REPARAÇÃO DE DANOS E
RESISTÊNCIA NA VISUALIDADE DE
CORPOS FEMININOS NEGROS: A
SÉRIE BÚFALA (2019)**

ROSANA PAULINO. Sem título, série Búfala, 2019

2 REPARAÇÃO DE DANOS E RESISTÊNCIA NA VISUALIDADE DE CORPOS FEMININOS NEGROS: A SÉRIE BÚFALA (2019)

Neste capítulo, é analisada a série *Búfala* (2019), produção em que Paulino pesquisa e apresenta um arquétipo feminino, vinculando-o à ancestralidade feminina negra. A *Búfala* é uma série composta por um grupo de desenhos de mulheres-animais, que faz referência ao orixá Oyá, ou Iansã, conhecida como a "mãe do entardecer" nos cultos religiosos afro-brasileiros. Oyá é a entidade feminina que controla tempestades e os ventos, imagem que Rosana Paulino vai recriar, sem constituir uma ilustração, mas buscando uma reflexão sobre as forças arquetípicas regidas por este orixá. Uma série que revela um importante desdobramento das investigações da artista, direcionando sua produção para mais subjetiva.

Ao longo de sua trajetória, podemos observar o aprofundamento da pesquisa da artista em torno do entendimento do lugar social e simbólico da mulher negra na sociedade brasileira. Neste sentido, sua obra se orienta à compreensão do corpo negro feminino como uma questão política, cujas dimensões extrapolam aspectos físicos e estruturais, alcançando dimensões socioculturais e psicológicas diversas. A pesquisa e exploração das imagens da mulher negra que a artista desenvolve inicia-se a princípio pela manipulação de fotografias e imagens históricas, de arquivos familiares, passando à elaboração visual dos arquétipos e imagens mais subjetivas e psíquicas do que é o feminino negro ligado à natureza. Ao entendermos estes desdobramentos, neste capítulo é proposta a análise de um momento bastante peculiar da produção da artista, no qual a imagem da mulher negra surge como potência e existência arquetípica, em visualidades metafóricas que constituem um imaginário.

Rosana Paulino inicia suas investigações artísticas por volta dos anos 1990, o período em que questões como gênero, identidade e representação negra ainda eram pouco discutidas no cenário artístico brasileiro:

As minhas questões como artista negra não eram objeto de estudo e representação na arte contemporânea brasileira quando comecei a produzir. Obras como *Gargalheira* ou *Sonho de atleta*, do Sidney Amaral, só podem ser feitas por quem passou por aquele universo na adolescência. O que mais me incomoda, na verdade, é a formação

eurocêntrica, como se outras populações não produzissem arte. Sou formada em um momento em que a arte conceitual predomina na produção brasileira. Eu olhava aquilo e não me sentia representada. Como se só esse parâmetro eurocêntrico, branco e quase sempre masculino pudesse ser arte. Então procuro minhas raízes, procuro a costura, que aprendi na infância, as fotos de família. Quando começo a produzir, o incômodo é mais este: eu não me via no que era produzido naquele momento (Paulino, 2018).

As artes visuais negras no Brasil historicamente são muito ligadas ao religioso – desde o Barroco ao Modernismo e, em alguns casos, ainda hoje. Acho que esse campo de produção do religioso era de certo modo permitido aos sujeitos negros. Rubem Valentim, Mestre Didi e Emanuel Araújo, por exemplo, trabalharam as questões negras a partir de seus envolvimento com as religiões, o que não deixa de ser um pouco natural, visto que os três são baianos, ligados ao ambiente religioso. No meu caso, que venho da periferia de São Paulo, da Freguesia do Ó, e que ouvi racionais MC's na adolescência, qual é a herança negra que estava ao meu redor? Não era a dos cultos afro-brasileiros. Isso obviamente não é nenhuma crítica a esses artistas. Quero enfatizar que não estou imersa nesse universo como eles estavam. Então, como me encontro? Quais são as minhas referências? No início da década de 1990, essas eram as perguntas que eu fazia, para as quais não tinha uma resposta muito pronta (Paulino, 2018).

Paulistana e periférica, Rosana reconhece, assim, um distanciamento de suas produções de um universo mais amplo da produção artística afro-brasileira contemporânea ao início de sua carreira. A sua ambiência apontava para outros questionamentos, sob os quais a artista estava imersa e que buscou identificar e trabalhar em sua poética. Nesse sentido, o contexto familiar e da comunidade onde vivia, formado por mulheres fortes e inteligentes, referências para a artista, revelava também uma faceta cruel, uma contraposição de um cotidiano invisibilizado e limitado pela forma com as quais negras e negros são percebidos na nossa sociedade:

Gostaria de entender isso no meu trabalho. Olho para essa questão a partir do meu entorno, a partir das meninas negras aqui da vila e também das mulheres da minha família. Minha mãe e minha tia são mulheres excepcionalmente inteligentes, então o que aconteceu com elas? Por que uma mulher com inteligência tão notável, como minha mãe, não conseguiu desenvolver suas habilidades? Como é o crescimento de uma mulher que não faz parte de um modelo de beleza que exclui? É possível uma mulher negra ser bem-sucedida? Olhando a televisão, às vezes parecia que a gente estava na Holanda, na Suíça. Esse não era o meu cotidiano. Então, dentro do recorte da raça, eu também tive que fazer o recorte de gênero para entender minha própria condição no mundo (Paulino, 2018).

Juntando essas percepções, a artista desenvolve uma investigação profunda sobre o racismo científico e a construção da imagem da mulher negra como exótica e estereotipada. A partir da obra *Parede da memória*, já mencionada (FIG. 1), a artista trabalha com fotografias do arquivo da família, propondo nessa instalação um confronto às antigas tipologias fisionômicas que mapeavam características étnicas e psicossociais das pessoas afrodescendentes. Retomando à costura, que trouxe das experiências da infância, Paulino busca inverter a função das estruturas classificatórias etnográficas às quais foram submetidas as populações negras e dirige sua indagação à memória individual e coletiva. Essa coleção expressiva de imagens e sua disposição, rememora, como um contraponto, a rara ocorrência da imagem dos negros, exceto em registros etnográficos, em séculos de produção visual no Brasil. Destaca-se também o uso que Paulino dá a práticas consideradas “femininas” (ou aquelas tradicionalmente vistas como tal) como um recurso plástico-formal e como estratégia para acessar conteúdos, além de oferecer uma compreensão ampliada do universo sociocultural ao qual ela pertence.

A artista lança mão desses procedimentos em outras obras, como o livro de artista no livro de artista *¿História Natural?* (FIG.7), mencionado no primeiro capítulo. A iconografia oitocentista nestas obras é, assim, manipulada a partir das ações poéticas da artista, como ela mesma define:

“gosto de pensar as imagens de uma forma meio homeopática. Se na história da arte as imagens foram usadas para marcar uma posição de sujeição para o corpo negro, que seria mais músculo do que intelecto, então intervir nessas fotografias e alterar seus significados para mim tem um sentido de cura” (Paulino, 2018).

A pesquisa visual elaborada pela artista, somada à experimentação plástica e à reordenação conceitual que articula a mensagem política, tem como cerne a imagem e seu poder enunciativo. As imagens são importantes elementos nos processos de Rosana e, dessa maneira, ela acredita que esta preocupação está também vinculada à sua formação na área de comunicação. Comunicar por meio das imagens, transmitir mensagens de forma clara e assertiva é uma de suas preocupações, como destacou em várias entrevistas:

A imagem está aí, formando ideias e conteúdos sobre um povo, então para quebrar esses estereótipos só com novas imagens. Sem dúvida nenhuma o imaginário coletivo é formado e muito pela imagem que se colocou até agora, e pra mudar isso só com outras possibilidades (Paulino, 2018).

Procuro ser efetiva na forma como me comunico, daí eu ser tão perfeccionista. Mas na arte isso é também uma questão de forma, o que eu falo precisa ter elaboração formal. O principal é que quero levantar questões. Não posso saber se a maneira como homens e mulheres negras são vistos na sociedade vai mudar ou melhorar, mas levanto questões. Quero que as pessoas pensem o porquê (Paulino 2018).

Como vimos, as mulheres negras foram historicamente retratadas em situações de exploração e violência, como já foi comentado na introdução deste trabalho. Essas representações limitadas e subalternas coexistem com uma escassez de registros da produção artística de mulheres, especialmente das artistas negras, que as invisibilizaram ao longo dos séculos.

A história da arte ocidental, marcada pela dominação cultural e racialização dos corpos, apresenta predominantemente imagens de feminilidades ideais, conformadas por padrões de beleza brancos e estereótipos de feminilidade. As representações do corpo feminino negro foram, por muito tempo, dominadas por homens brancos heterossexuais, resultando em uma objetificação e fetichização desses corpos. Entretanto, na arte contemporânea, podemos reconhecer brechas em que o corpo negro feminino começa a ser representado de maneira mais autêntica e significativa, desafiando esses estereótipos e trazendo novos sentidos para o ser/viver como mulher negra.

A investigação poética de Rosana Paulino corre a contrapelo dessa história, expondo e recusando o legado eurocêntrico e masculino hegemônico, especialmente herdado pela arte: “sou formada em um momento em que a arte conceitual predomina na produção brasileira. Eu olhava aquilo e não me sentia representada... Então procuro minhas raízes, procuro a costura, que aprendi na infância, as fotos de família” (Paulino, 2018).

Nessa direção, a artista recupera uma história invisibilizada e escancara a violência sob a qual foi construída, corroborando com o que historiadoras e intelectuais negras vêm apontando e revelando em suas pesquisas. Segundo a historiadora Beatriz Nascimento (2021), as mulheres negras podem ser vistas como mulheres inerentemente produtivas com um papel semelhante ao dos homens: papéis ativos. Essa negra não era apenas escrava, mas também trabalhadora tanto nas atividades da casa grande quanto, no campo e nas atividades do corte e do engenho. No entanto, essa força produtiva também foi utilizada para a servidão. A autora ainda afirma:

Além de sua capacidade produtiva, pela sua condição de mulher e, portanto, de mãe em potencial de novos escravos, ela tinha a função de reprodutora de nova mercadoria para o mercado interno. Isto é, a mulher negra é uma fornecedora de mão de obra em potencial, concorrendo com o tráfico negreiro (Nascimento, 2021).

Antes de tudo, essa mulher negra, além de participar de todas essas ocupações, era ama de leite e ainda era obrigada a ter prática libidínica com o senhor de engenho. Esse contato sexual era comum entre senhores de engenho e mulheres negras escravizadas, pois essas mulheres passaram a ser também objetos de desejo desses colonizadores.

Conforme Beatriz Nascimento (2021), a exploração sexual das mulheres negras por estes senhores foi pela fé cristã portuguesa, mas atribuindo o papel de esposa às mulheres brancas de classe alta, que eram economicamente dependentes dos homens e confinadas ao papel de esposa, ou seja, sua função existia apenas na reprodução. Satisfazer o prazer masculino era tarefa das mulheres negras ou mestiças.

A historiadora ainda destaca que é interessante perceber que esse estereótipo da mulher negra de sua capacidade sexual perpetua até os dias de hoje. A cor da mulher negra funciona como um atrativo erótico e de que, por pertencer à uma classe menos favorecida, facilita ao homem no exercício sua dominação livre, inclusive de qualquer censura (Nascimento, 2021).

Já a autora bell hooks (2019) comenta que as mulheres negras são vistas como a personificação dos vícios e desejos femininos, além de serem acusadas de desviar os homens da paz da pureza espiritual para a blasfêmia, sendo chamada de Jezabel ou sedutora. Contudo, a autora ainda salienta que somente em relação à mulher negra escravizada, o homem branco escravizador exercia livremente o poder absoluto, porque conseguia ser violento e explorá-la, sem medo de retaliação ameaçadora, pois eram alvos disponíveis para qualquer homem branco que quisesse abusar fisicamente e torturá-las.

No entanto, hooks (2019) chama atenção que o estupro era um método bastante comum entre os escravizadores com o objetivo de subjugar as negras relutantes. Se ela consentisse aos avanços sexuais do senhor, seria recompensada, se resistisse, seriam severamente punidas. Os açoites nas mulheres negras eram feitos em seus corpos nus rotineira e publicamente, fazendo com que essa mulher perdesse sua integridade. Deste modo, esses castigos eram vistos como abuso racial. A autora salienta que:

“A designação de todas as mulheres negras como depravadas, imorais e sexualmente desinibidas surgiu no sistema de escravidão. Mulheres e homens brancos justificaram a exploração sexual de mulheres negras escravizadas, argumentando que elas iniciavam o envolvimento sexual com homens. Desse pensamento, emergiu o estereótipo de mulheres negras como selvagens sexuais e, em termos sexistas, uma selvagem sexual, não humana, animal não estrupada.” (bell hooks,2019).

Era comum que em todos os lugares que as mulheres negras transitavam, sejam nas ruas públicas, em lojas ou no local de trabalho, eram abordadas e sujeitadas a comentários obscenos e até mesmo violência física pelas mãos de homens brancos. Por incrível que pareça, muitos desses termos se fazem presentes na atualidade. Infelizmente, vivemos isso no século XXI: comentários indecorosos sobre o corpo da mulher negra acontecem ainda na rua, na mídia, nas redes sociais. É como perpetuar os abusos físicos e psicológicos que as mulheres negras sofriam e sofrem, não tendo um ponto final sobre essas concepções em volta do corpo negro. Comumente, que tanto homens quanto mulheres brancas consideram que os corpos da mulher negra são um objeto de prazer, algo ligado à selvageria ou ao animalesco. Supõem que o corpo negro feminino tem algo diferente das outras mulheres reforçando mais um estereótipo em torno da mulheridade negra.

Outro ponto importante que hooks (2016) destaca é que também existe outro mito negativo sobre a mulher negra: não é priorizada para ser parceiras para casamento. No Brasil, por exemplo, homens brancos jamais buscaram se casar com mulheres negras em quantidade tão grande como negros se casam com mulheres brancas. O fato é que homens brancos só aceitam relacionamentos inter-raciais entre mulheres negras e homens brancos somente no contexto de sexo degradante.

A mídia, especialmente a televisão, também é o meio que marca as mulheres negras em nossas psiques. Seus corpos são constantemente ridicularizados por sua "feiúra, mau humor", entre outros, condição que diminui a autoestima e a autoconfiança das meninas negras. Muitas séries, filmes e novelas colocam as mulheres em situações precárias de trabalho, o que as deixam revoltadas, problemáticas ou em posição inferior (hooks, 2016).

Mediante o exposto, ser mulher negra no Brasil é, sobretudo, viver a todo momento na condição de inferioridade. Conforme Gonzalez (2020), além dos estereótipos em torno dela, ela presta serviços para famílias de classe média acrescida de dupla jornada com casa e família. Após fazer os serviços domésticos de casa, essa mulher se desloca para a casa da patroa, onde permanece durante o dia. Muitas vezes não pode levar seu filho que ficou doente em casa ou participar de reunião do filho na escola para se dedicar regularmente aos serviços dos patrões que, na maioria dos casos, não compreendem todas as circunstâncias que essa doméstica passa. A autora acrescenta ainda:

“Quando não trabalha como doméstica, vamos encontrá-la também atuando na prestação de serviços de baixa remuneração (“refúgios”) nos supermercados, nas escolas ou nos hospitais, sob denominação genérica de “servente” (Lélia Gonzalez, 2020).

São muitos pontos negativos e estereótipos em volta da mulher negra. Dificilmente as pessoas enxergam as mulheres negras como elas realmente são, porque na verdade querem posicionar uma identidade baseadas em imagens contraditórias. Muitos são os esforços para tornar isso o contrário, o caminho ainda é fatigante. Infelizmente, mulheres negras são atacadas por representações negativas. Vale salientar que esses pontos contrários à mulher ainda são constantemente postos e vividos, tanto no Brasil, quanto no mundo e que a luta tem sido diária. Esperamos

que um dia essas atribuições negativas para a mulher negra mude e ganhe um novo significado. É preciso entender que isso não é atual, pois desde o início da exploração, esses corpos negros africanos são tratados de forma negativa.

Mulheres negras não estão no topo dos melhores empregos; mulheres negras são em sua maioria, caracterizadas como feias, bravas, raivosas ou delirantes pela mídia; mulheres negras são aquelas que têm os corpos considerados uma anomalia; mulheres negras são aquelas que têm seus corpos objetificados e erotizados; mulheres negras são aquelas estão na base da pirâmide social do país; mulheres negras são aquelas que escassamente tem suas representações nas artes de maneira errônea; mulheres negras são aquelas lutam em favor de representações ideais, que lutam para não haja mais opressão, perseguição e violência, que lutam em favor de um país que as considere como pessoas dignas de melhores empregos e melhores condições de vida.

Na contramão dessa história marcada pela violência e discriminação, muitas artistas têm reivindicado seus corpos como lugar de protesto, contestação e resistência, como demonstramos no primeiro capítulo. O corpo é meio e suporte para propor uma poética política/ativista, carregada de crítica sociopolítica contra as questões de opressão racial e de gênero. Mas também é potência geradora de novos sentidos. Diante dessa realidade, Rosana Paulino não quer fazer em sua obra um "ativismo", mas sim um trabalho que dialogue consigo, com seu universo pessoal, que tenha uma elaboração plástica significativa, mas que também consiga apresentar questionamentos sobre a história, sobre temáticas relacionadas à violência, racismo, sexualidade e feminilidade, bem como as condições das mulheres e dos homens negros:

Acho que todo artista faz primeiro o trabalho para si próprio. Mas também penso muito se o que estou fazendo vai atingir as pessoas. Penso muito se meu trabalho vai alcançar as pessoas e como vai alcançar. Não tanto em quem alcançar. Gostaria de tocar em assuntos que foram varridos para debaixo do tapete na sociedade brasileira, principalmente nas artes visuais, como se não existissem. Procuo ser efetiva na forma como me comunico, daí eu ser tão perfeccionista. Mas na arte isso é também uma questão de forma, o que eu falo precisa ter elaboração formal. O principal é que quero levantar questões. Não posso saber se a maneira como homens e mulheres negras são vistos na sociedade vai mudar ou melhorar, mas levanto questões. Quero que as pessoas pensem o porquê. Por que a mulher negra é a base da pirâmide? Por que temos um país que mata sua própria juventude?

Por que isso é tão naturalizado? Ou seja, por que aceitamos que seja assim? Isso de aceitarmos é o que me dói mais (Paulino, 2018).

Ao longo de sua trajetória, Rosana Paulino tornou-se uma presença indiscutivelmente essencial na produção artística do Brasil. Seu trabalho não se limita apenas a recriar uma imagem; ela realiza uma profunda colaboração para a construção da memória e suas mitologias em torno do corpo negro feminino, provocando reflexões e desdobramentos que possuem grande poder e significado.

Por meio de suas abordagens únicas de costura e desenho, reinventando a representação do corpo feminino negro para desafiar estereótipos e recuperar narrativas esquecidas, Rosana reconstrói este corpo como um corpo político. Na série *Búfala* (2019), como veremos, Paulino não apenas exalta a beleza e a força da mulher negra, mas também aborda as dificuldades da vivência afro-brasileira, (re)elaborando tópicos como identidade e ancestralidade, que emergem nesses desenhos como um arquétipo central, simbolizando a essência resiliente e indomável da mulher negra: "Eu estou mais preocupada com a questão dos arquétipos, da psicologia, de uma psicologia negra feminina"².

2.1 Aberturas decoloniais na obra de Rosana Paulino a partir da série *Búfala*

Em sua trajetória, a artista delinea um conceito de "refazimento" como um entendimento da necessidade de reconstrução das imagens ligadas à mulher negra, operando uma espécie de montagem artística, em várias camadas e diversos procedimentos. Paulino ultrapassa as fronteiras dos arquivos de imagens históricas, destacando suas inquietações, bem como as lutas das mulheres negras e sua atuação na sociedade brasileira, em uma perspectiva definida por Saidiya Hartman como "fabulação crítica" (Hartman, 2020). Podemos perceber, nos caminhos delineados na obra da artista, importantes aberturas decoloniais, como possibilidade de reescrita do

² <https://mendeswooddm.com/pt/artists/35-rosana-paulino/>

corpo negro na história, por meio de fissuras contra coloniais que negam políticas, relações sociais e a subjetividade imposta pela geopolítica colonial.

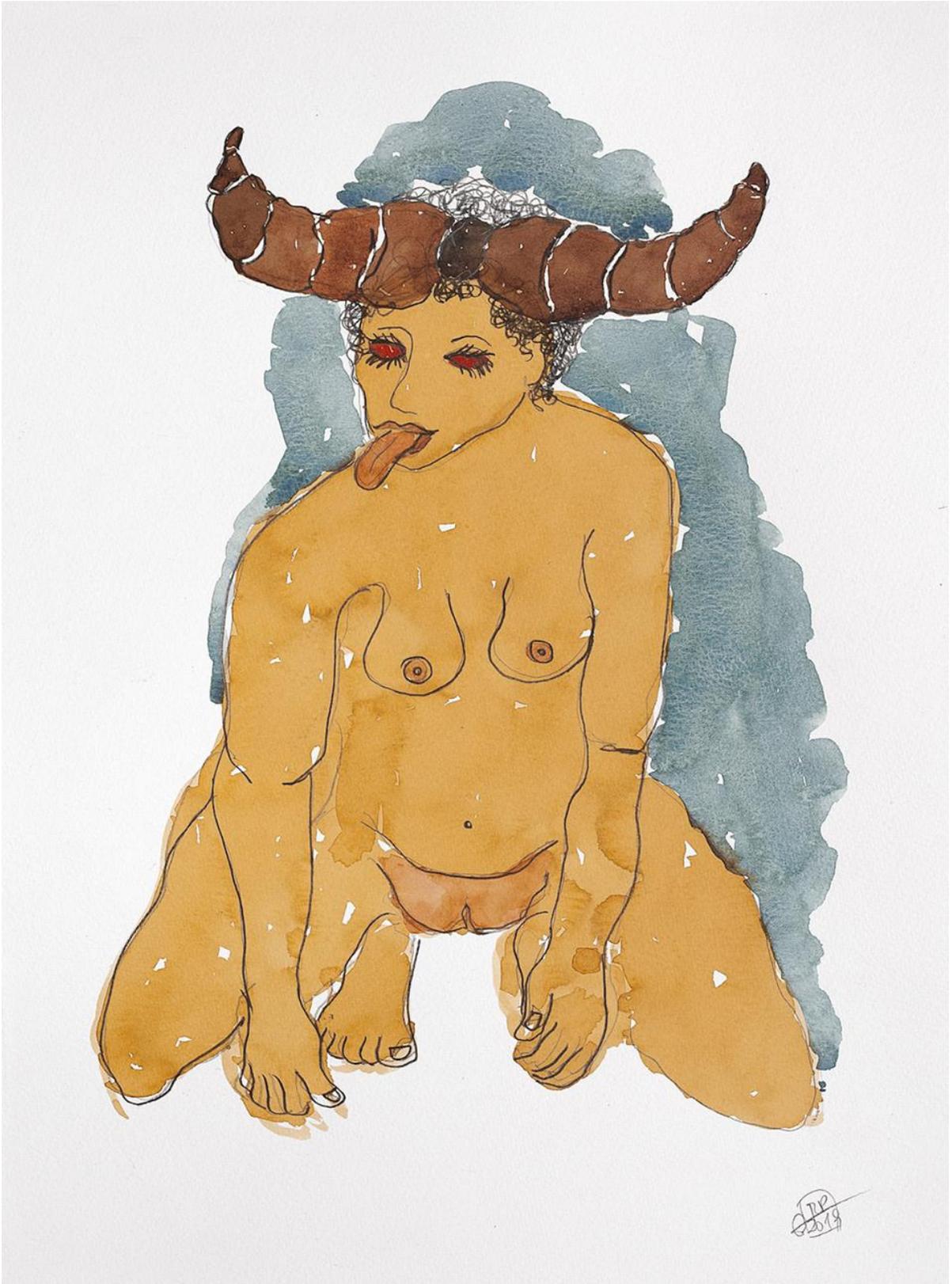
Em meados de 2019, Paulino criou a série *Búfala* (FIG.10), com 5 desenhos feitos de aquarela realizados, de modo que a artista entende sobre a criação de mitos, não é apenas um pilar estético. Desenhos tornam-se uma das principais produções nos últimos anos de Paulino, ela é uma artista talentosa conhecida por sua excelência tanto na arte de desenhar quanto em gravar imagens. Nessa fase de sua produção, a artista retorna a um procedimento importante no seu percurso artístico e na sua formação acadêmica em artes: o desenho, ao qual ela não se restringe, uma vez que suas questões e processos criativos lançam mão de distintas formas de expressão. Em certas ocasiões, quando sente que o desenho e a gravura a tolhem, ela não se acanha e explora outras técnicas em seu trabalho, tais como bordado, costura, fotografia, transferência de fotos e cerâmica, como já foi demonstrado. Ela afirma:

“Eu sou bacharel em gravura pela USP. Gosto muito do desenho. Resolvo boa parte de meus trabalhos com o desenho. Mas num determinado momento o desenho e a gravura começaram a me impor certa limitação para as pesquisas. Eu queria lidar de forma mais contundente com o fato de ser negra, e isso a fotografia me dava. Eu gosto muito é de trabalhar com a foto já feita, porque ela tem um afeto muito grande. Eu lembro que eu li um texto do André Bazin que ele dizia que as fotos eram pequenas múmias de papel. Isso foi uma abertura para mim. Eu comecei a olhar as fotos de maneira diferente” (Paulino,2017).

Paulino conta que esses desenhos são um passo adiante na sua produção. Se, nos primeiros trabalhos as complexidades raciais apareciam de maneira mais urgente e direta, refletindo sobre a representação do corpo negro e as violências que o acometem, a artista acredita que os desenhos recentes sejam mais arquetípicos e subjetivos, que abrem espaço para outras mitologias e ficções. A artista destaca:

“Me interessa pensar na possibilidade de um arquétipo que dialogue com as mulheres brasileiras, vindo de uma matriz africana. Eu sou filha de Ogum com Iansã, não entro em nenhum arquétipo ocidental, não me encaixo nesses padrões” (Paulino, 2017).

Figura 10. Rosana Paulino, Sem título, série Búfala. 2019



Fonte: https://rosanapaulino.com.br/multimedia/multimedia/mg_0404/

Nesse momento, em que a artista busca investigar as estruturas mais subjetivas que constituem o corpo feminino negro, o desenho se destaca como a linguagem expressiva para alcançar essas questões. Paulino, assim, retoma o desenho, linguagem que atravessa todos os tempos, que é inata e possui forte comunicação com uma ação corporal e também psicológica (Derdik, 1994). No entanto, a série *Búfala* (2019) consiste em um grupo de desenhos de mulheres animais: são construções narrativas estéticas que refletem a necessidade humana de se representar em narrativas morais, buscando compreender suas naturezas psicológicas. É uma clara referência à orixá Oyá ou Iansã, conhecida no Candomblé, como a mãe da noite. Ela que faz o controle de tempestades e ventos sem constituir uma ilustração, mas um reflexo, uma força arquetípica regida por este orixá (Mendes Wood, 2022).

Essa produção traz consigo uma narrativa muito forte vinculada à ancestralidade, que a artista elabora como uma abertura decolonial. A série tem como intuito trazer à memória dos mitos, ligados à cultura afro-brasileira, em perspectiva ligada à memória pessoal e coletiva. A ancestralidade significa ainda as raízes familiares de um indivíduo com base na sua herança genética.

Conforme Geraldo (2021), a memória não é o ato de lembrar o passado tal como ele é, mas o ato de lembrar fatos e acontecimentos que foram esquecidos ao longo do tempo, ou seja, uma ação realizada de acordo com a urgência do momento. Estamos sempre reimaginando a escrita da história porque estamos sempre investigando o que pode ser apagado. Desse modo, é preciso compreender que Paulino é uma artista de origem afro-brasileira e lembrar que sua produção gera debate sobre o apagamento da cultura negra na sociedade brasileira. Esta sociedade cujo racismo ainda existe como resultado dos nossos processos históricos que permeia mais de 300 anos de jugo. Uma artista que cuja obra tem o interesse de curar traumas hereditários, sente o desejo de invocar seus antepassados, mas sobretudo a vontade de transformar e, de provocar uma mudança de perspectiva, que já não dá prioridade à perspectiva capitalista-eurocêntrica-colonial da modernidade, abrindo caminho para outra concepção, a decolonialidade (Geraldo, 2021).

Memória e esquecimento são dois importantes eixos nessa produção de Paulino. Para tanto, é comum, que para muitos povos, esse processo da produção da

memória seja um exercício de autocuidado. São experiências que foram vivenciadas e cravadas na memória, portanto os saberes são compartilhados ao longo das gerações.

A série foi exposta em março de 2020, em Sidney na Austrália, no principal museu público da cidade - a Art Gallery of New South Wales, exposta na (FIG.11), (FIG.12) exhibe parte da mais recente edição da *Bienal de Sidney*, que ocorre a cada dois anos em várias instituições culturais locais. Lá, em uma sala luxuosa e avermelhada, podem ser encontrados 10 novos desenhos de Rosana Paulino, convivendo com pinturas clássicas de séculos passados. Enquanto as obras ao redor ocasionalmente retratam ícones da mitologia e do pensamento greco-romano, tão presentes na História da Arte ocidental, os desenhos de Paulino retratam figuras inspiradas nas características de Oyá, ou lansã uma mulher-animal e orixá de origem africana.

Figura.11. Rosana Paulino, *Búfalas*, 2020; e *Jatobás*, 2019-20. Vista da instalação da 22ª Bienal de Sydney (2020), Art Gallery of New South Wales.



Fonte: <https://www.biennaleofsydney.art/participants/rosana-paulino/>

Figura. 12. Rosana Paulino, *Búfalas*, 2020; e Jatobás, 2019-20. Vista da instalação da 22ª Bienal de Sydney (2020), Art Gallery of New South Wales.



Fonte: <https://www.biennaleofsydney.art/participants/rosana-paulino/>

Segundo Maldonado-Torres (2023), a memória na decolonialidade é frequentemente apresentada como uma tentativa de regresso ao passado ou como uma tentativa de regressar às formas culturais e sociais pré-modernas. O pensador Mbembe (2019), expressa que na memória dos povos colonizados encontramos numerosos fragmentos de algo que em determinado momento se rompeu e não conseguiu mais formar a sua unidade original. Consequentemente, a chave para todas as memórias libertadoras é saber conviver com o que foi perdido e com quais perdas você pode conviver.

É neste contexto, como exercício de viver o perdido, de reconstrução e cura que Paulino configura seus pensamentos, suas memórias e tece suas narrativas por meio dos mitos com a obra *Búfala* 2019. Conforme o catálogo “Wood Mendes” (2021):

Em uma das muitas versões da história, o Orixá Ogum que nomeia Oyá como lansã, enquanto caçava na floresta, se depara com um búfalo que o cruza com muita rapidez e força. Ao seguir o animal, Ogum o observa à distância e assim assiste ao animal se transformar em uma mulher linda. A mulher fez uma bolsa com a pele e assim guardou seu chifre. lansã era a mulher-animal. (Mendes, 2021).

O animal que Paulino escolhe e faz referência na obra é o búfalo. De acordo com o horóscopo chinês, o búfalo é um animal que nasce sob o signo do equilíbrio e

da tenacidade. No entanto, é caracterizado por ser um trabalhador dedicado e que suas atividades são desenvolvidas com habilidades e determinação. Possui também a qualidade de liderança, leva seus compromissos e responsabilidade muito a sério. Além do mais, são resolvidos e rápidos em aproveitar as oportunidades que emergem em seu caminho.

Considerando esses significados, é possível depreender que Paulino manipula a concepção simbólica de uma búfala como uma forma de representar a mulher como um ser forte, hábil e inteligente. No entanto, a psique explica que essa relação que existe entre a mulher e o búfalo se mostra de certa maneira como um ser crítico que resgata a construção da mulher negra brasileira e traz à tona a dor da memória sensorial, assim como resistência do passado e do presente.

A artista menciona que quando discutimos sobre o aspecto psicológico das mulheres negras, quais referências utilizamos? Ao nos aprofundarmos na psicologia, podemos perceber que todos os mitos e arquétipos são de origem europeia. Temos Vênus, Atenas e Deméter como exemplos. Mas onde é o lugar da mulher negra nesse contexto? Tanto fisicamente quanto psicologicamente, não temos uma estrutura definida. Essa é a questão levantada por mulheres negras e feministas negras, pois não temos modelos reais de sucesso de mulheres negras que alcançam posições mais elevadas na sociedade, tampouco temos modelos físicos ou a capacidade de refletir sobre a psicologia específica da mulher negra. Estamos perdidas, sem uma direção definida (Paulino, 2020).

De acordo com Lenzi (2021) o búfalo é forte, arrogante e poderoso. A mulher negra brasileira é uma mãe que não se sente culpada e não é punida por prazer e independência, assim como é representada na (FIG, 13). Essas imagens são simbolizadas como mulheres sexuais, espertas e fortes. Se necessário, essa mesma mulher vai para a guerra e luta de igual para igual com os homens.

Figura 13. Rosana Paulino, Sem título, série Búfala. 2019



Fonte: https://rosanapaulino.com.br/multimidia/multimidia/mg_0404/

Entretanto, na definição de arquétipo segundo Pitta (2017), é a representação do *schemes*³. Imagem primeira de caráter coletivo e inato; é o estado preliminar, zona onde nasceu a ideia, representa a ligação entre processos imaginários e racionais. Um outro arquétipo que Paulino apresenta na sua obra é a deusa Kali, do hinduísmo, responsável pela destruição e renascimento, que vai à guerra em pé de igualdade, para além do aspecto animal, um arquétipo de liberdade, em contraste com uma imagem achatada da mulher ocidental, que não consegue revelar diferentes aspectos da sua personalidade, seja ela virgem ou prostituta, santo ou bruxa.

Na definição sobre arquétipo, conforme Jung (2011), a imagem primordial amorfa que existe na imaginação é a força e o poder da atividade criativa humana, a imagem do inconsciente coletivo, a névoa que se forma na arte e na religião. O pensador Huberman (2013) ao falar de Warburg, ressalva que o arquétipo é o ideal renascentista da boa imitação e beleza antiga e tranquila foi substituído por um modelo ilusório de história. Neste contexto, os períodos não eram mais ditados pela

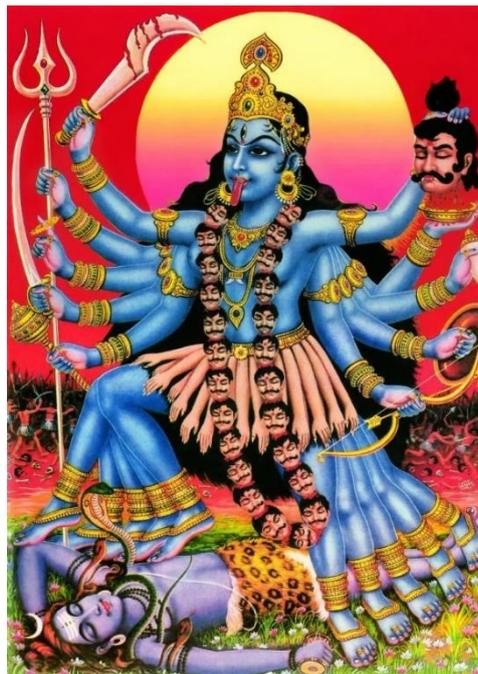
³ De acordo com Pitta (2017), *Schemes* é anterior à imagem corresponde a uma tendência geral dos gestos, leva em conta emoções e afetos. Ele conecta gestos e representações inconscientes.

disseminação acadêmica de saberes, mas sim pelas fixações, vestígios e ressurgimento de estruturas. Em resumo, predominavam as lacunas de conhecimento, as reflexões não realizadas e o inconsciente temporal. (Huberman, 2013).

Em suma, o pensamento aarburguiano segundo Huberman (2013), compreende-se como os símbolos nas imagens se mantêm vivos entre culturas e assumem diferentes formas resultantes de uma mesma paixão. Conseqüentemente, não basta identificar o arquétipo, é preciso encontrar o lugar da paixão que informa o arquétipo na arte e o faz perpetuar-se, assumindo diferentes formas nas mais diversas culturas.

De acordo com o hinduísmo, a deusa Kali (FIG.14) é a deusa mais poderosa do universo. Conforme Jain e Daljeet (2009), ela é a deusa mais misteriosa de todas as seitas de ordem religiosas indianas (Budismo, Jainismo, Vishnu ou Shiva). Na mitologia, o nascimento da deusa Kali, segundo Odier(2019) acontece a partir dos olhos poderosos da deusa Durga, incapaz de lidar com os demônios liderados por Canda e Munda, por isso foram enviados para se opor a ela em uma guerra cósmica. Ele concentrou seus poderes para produzir uma personificação da violência absoluta e assim concebeu Kali.

Figura 14. Representação da deusa Kali



Disponível em :<https://segredosdomundo.r7.com/kali-história/>

De acordo com a crença, Kali gosta de se embelezar, mas seus enfeites são uma guirlanda ou colar de cabeça humana decepada, um cinto com braços humanos cortados, brincos com cadáveres de crianças, pulseiras de cobras tudo parece horrível e lamentável. A essência de Kali é uma fusão de contradições, um misticismo que nenhuma outra divindade proveu (Jain; Daljeet, 2009).

Não obstante, a deusa tem presas longas e afiadas e unhas longas e feias como também um terceiro olho que irradia fogo em sua testa. Conforme os autores Jain e Daljeet (2009), uma língua estendida e uma boca manchada de sangue que, quando expandida, não apenas engole turbas de demônios, mas também estica desde as profundezas, com a sua parte inferior desde o oceano com a sua parte superior até a extremidade dos céus. Quando precisa lambe o sangue que cai do corpo do demônio em fuga, ele estende a língua o máximo que for necessário e gira mais rápido que o vento não importa de qual direção o sangue caia.

Na série *Búfala* (2019), Paulino representa a língua nos desenhos conforme a (FIG.15). A forma como a artista evidencia a deusa Kali é na obra com a língua à mostra e os olhos vermelhos.

Figura 15. Rosana Paulino, **Sem título, série Búfala**. 2019



Fonte: https://rosanapaulino.com.br/multimedia/multimedia/mg_0404/

Entretanto, este arquétipo é, para além do aspecto animal, um arquétipo de liberdade, em contraste com uma imagem plana da mulher ocidental, que não consegue revelar diferentes aspectos da sua personalidade, seja ela virgem ou prostituta, santa ou bruxa. Búfalo é um conceito feminino que não foi criado dentro de uma estrutura ocidental (Wood,2020).

Todavia, essas representações feitas por Paulino são na verdade construções de mitos como pilares não apenas estéticos, mas influenciadores psíquicos, do lugar da mulher negra e além, do lugar da não existência da sua imagem. Para tanto, as mais recentes séries pela artista vieram com o intuito de relacionar a psique e os arquétipos ligados ao corpo da mulher negra brasileira. Contudo, sua forma de representar esses novos trabalhos, relaciona-se com a terra, a natureza e o corpo da mulher.

“Meu trabalho vem de dentro de mim, pelo desconforto que sinto nesta sociedade. E nesse sentido, claro, esse desconforto vai se espalhar, porque outras pessoas também estão nessa situação. Acho que meu trabalho pode ser um rastilho aceso, um catalisador, para que as pessoas comecem a falar sobre coisas que antes não eram discutidas. Não gosto da ideia de arte militante, como o realismo social ou as chamadas obras “heróicas” do nazismo, por isso pensarei sempre nisso quando pensar na arte ao serviço da política, o que a minha não é. Mais do que intelectual, é pessoal. O desconforto é tão grande, o nó na garganta é tão grande, que tenho que falar. E obviamente, vou me expressar através do visual. Essa é a minha linguagem” (Paulino, 2020).

Apesar de não se considerar uma artista militante, o trabalho de Rosana sempre tocou em questões sociopolíticas bastante profundas. Já nessa fase, as representações se voltaram mais à psique e ao arquétipo feminino, bem como um retorno e uma busca à terra e à natureza, em que a artista busca uma conexão mais interna, tanto de conhecimento quanto da psique feminina negra. De acordo com Simões (2023), os trabalhos mais recentes da artista envolvem a criação de mitos, não apenas como elementos estéticos, mas também como influências psicológicas que podem reestruturar a imagem da mulher negra e sua psique, bem como a memória e as histórias mitológicas associadas a elas.

Quando Paulino cria a série *Búfala* (2019), ela faz referência ao orixá Oyá, conhecida também como lansã que, no Candomblé é designada por controlar os ventos e as tempestades. O orixá Oyá se mostra a partir de que Ogum caçava na floresta quando reparou um búfalo. O autor Prandi (2001), ao contar sobre este mito, discorre que Ogum ficou em uma emboscada, pronto para matar sua besta. Tamanha foi a sua surpresa ao ver que, de repente, uma linda mulher surge debaixo da pele do búfalo. Era Oiá, e não se deu conta de estar sendo observada. Ela escondeu a pele de búfalo e foi para o mercado da cidade.

Todavia, Ogum aproveita e rouba a pele, e esconde a pele de Oyá em um quarto de sua casa. Posteriormente foi até o encontro dessa bela mulher, encantado por sua beleza, Ogum lhe pediu em casamento. Ela não respondeu nada e seguiu para a floresta e não encontrou sua pele. Volta para o mercado onde estava Ogum que a esperava e fingia não saber de nada. Contradiz sobre ter roubado a pele de lansã. E novamente pede a Oyá em casamento, ela aceita se casar com ele. Prandi (2001) termina a história como:

“Foi viver com Ogum em sua casa, mas fez exigências:ninguém na casa poderia referir-se a ela fazendo qualquer alusão a seu lado animal.Nem se poderia usar a casca do dendê para fazer fogo, nem rolar o pilão pelo chão da casa. Ogum ouviu seus apelos e expôs aos familiares as condições para todos conviverem em paz com sua nova esposa. A vida no lar entrou em rotina,Oiá teve nove filhos e por isso era chamada de lansã, a mãe dos nove.Mas nunca deixou de procurar a pele do búfalo”. (Prandi, 2001. p. 298)

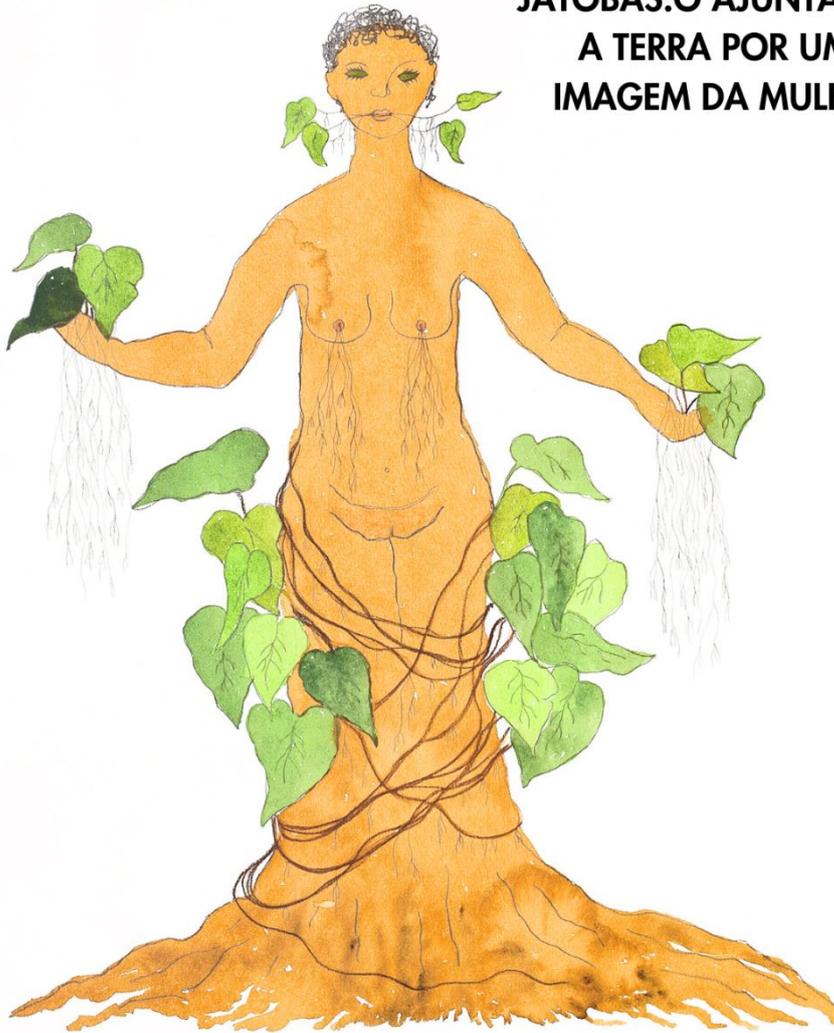
Segundo a Umbanda, este orixá feminino tem sua personalidade e traços que se assemelham ao arquétipo do herói como bravura, superação e honra. No momento que lansã, em um ato de coragem, extingue o mal, prevalecendo, assim, a paz.Todavia, a raiz da ideia de herói está ligada a um sacrifício de si mesmo com objetivo de seguir seus ideais, saindo da realidade limitante para modificações constantes que levam ao triunfo e a um mundo melhor (Pavei; Júnior, 2021).

Conforme foi apresentado no início do capítulo, os corpos das mulheres negras foram muitas vezes representados com a marca da violência da escravidão. Nos últimos períodos, Paulino se dedica a “refazer” essas representações de maneira diferente. Ela se debruça em ideias ligadas à mitologia. É curioso perceber que os mitos africanos não nos são ensinados em matérias de escolares, apenas

aprendemos sobre mitologias gregas ou romanas. Esse foi um dos anseios de Paulino. Sua relação com essa pesquisa assimila que os debates envoltos sobre mitos são como pilares não apenas estéticos, mas influenciadores psíquicos, do corpo da mulher negra e além do lugar da não existência da sua imagem.

Rosana mergulha, assim, nessa série, na construção da imagem da mulher negra brasileira e traz à tona a dor da memória sensorial, assim como a resistência do passado e do presente. O búfalo é forte, arrogante e poderoso. No mito, Oyá é uma mãe que não se sente culpada e não é punida por prazer e independência. Se necessário, ele vai para a guerra e luta de igual para igual com os homens. Com essa polissemia, essa divindade carrega a força de muitas mulheres negras que lutaram desde a infância e ao longo dos séculos por sua dignidade e pela dignidade dos povos afrodescendentes.

**3. AS MULHERES MANGUES E
JATOBÁS: O AJUNTAMENTO COM
A TERRA POR UMA NOVA
IMAGEM DA MULHER NEGRA**



Rosana Paulino. Sem título, série Jatobá, 2019

3. AS MULHERES MANGUES E JATOBÁS: O AJUNTAMENTO COM A TERRA POR UMA NOVA IMAGEM DA MULHER NEGRA

A costura do tempo, da memória e da ancestralidade bem como a elaboração de outros arquétipos e a reivindicação de afetividades e psiques expropriadas vão aproximando o corpo negro feminino, presente na obra de Paulino, da natureza. Nesse universo, a fusão entre esses corpos, figuras míticas, animais, e agora plantas, desvela novos desdobramentos de uma poética que questiona a construção de uma subjetividade que não contempla o feminino negro. A figura do mangue surge com toda sua complexidade para ser o terreno fértil onde vão brotar as sementes, fixar e multiplicar raízes da ancestralidade e de todo o conhecimento construído pela experiência afro diaspórica.

Nas religiões de base africana e afro-brasileiras⁴, a natureza possui importância central, e as mulheres são parte da natureza que também as constituem, em um enredamento que possibilita trocas entre mundos, espaços e tempos distintos, vida e morte, terra, fogo, água e ar. Esta concepção de mundo, presente no pensamento afro-diaspórico ganha forma na série *Jatobá* (2019) e *nas Mulheres-Mangue* (2023), a avó das avós da série *Jatobá*, em que Rosana mescla mulheres e plantas, projetando raízes que nestes últimos desenhos são aéreas como as das plantas que encontramos nos mangues.

Ao analisarmos as múltiplas camadas de significados da visualidade da obra de Rosana Paulino a fim de compreender como o corpo feminino negro é constituído, encontramos nessas séries um enfoque inédito sobre a natureza, que se revela pelas concepções que a artista apresenta e pela linguagem escolhida para dar forma a essas imagens. Como já revelou em várias entrevistas, a manualidade é uma herança do lar feminino e negro, mas há uma presença forte da imagem do Rio Tietê também. Deste rio, ela e suas irmãs retiravam o barro para brincar, em razão disso, dessas experiências da infância, recupera a relação com a natureza que sempre esteve presente em sua vivência:

⁴ <https://www.geledes.org.br/a-natureza-e-seus-significados-entre-adeptos-das-religoes-afro-brasileiras/>

Atrás desta casa há um pequeno braço do Tietê. E na proximidade dos rios o barro tem uma plasticidade excelente. No quintal fazíamos tartaruga, boizinho, mesas, cadeiras, bonecos, cenários. Não podíamos comprar brinquedos. Púnhamos o barro branco para secar e pintávamos no dia seguinte, com o resto da tinta que meu pai usava para colorir paredes.” Ela acredita ter herdado de seu Luiz a intuição para a cor (Paulino, 2023).

Da vivência das margens do Rio, Rosana chega ao mangue: esse complexo bioma que tem uma importância relevante para o meio ambiente e para as práticas de subsistência de comunidades ao longo de todo litoral brasileiro. O mangue é também uma imagem potente de resistência, por estar em risco eminente pela contaminação de águas poluídas e por ser o meio de sustento de grupos marginalizados que têm neste ecossistema o suporte para sustentar suas famílias. Na obra de Rosana, torna-se um espaço símbolo da resistência que o corpo feminino negro carrega, representado pelo próprio corpo da artista, o qual também carrega o tempo, a memória e a força capaz de interromper o passado/presente de violências, elaborando outras visualidades, narrativas e mitologias.

O mangue é também uma metáfora do encontro, do lugar do meio entre rio e mar; lugar de nascimento e morte de distintas espécies, cantado e contado em versos, músicas e poemas, como "Cão sem plumas", de João Cabral de Melo Neto, e as composições de Chico Science. Nesta direção, a série Mulheres Mangue tem também uma conexão bastante importante para mim, que cresci na cidade do Recife, vendo rios, mar e mangue em confluência com o caos e a desordem da cidade grande:

No coração do Recife Antigo, avisto o espelho do manguezal refletido nas águas calmas do porto, onde embarcações pintadas descansam ao lado de pequenas embarcações de pesca. O manguezal me mostra a importância da calma, da flexibilidade, de apreciar a simplicidade em meio à agitação urbana. Explorando o mangue, deparo-me com uma variedade de seres vivos habitando cada raiz torcida, e cada caranguejo camuflado sob o lodo. Nesse ambiente, onde as raízes se entrelaçam como veias do solo, sinto uma conexão única com a essência original da natureza.

Ao cair da noite, com as luzes da cidade se acendendo e o céu se transformando em um tapete estrelado, o mangue me atrai para apreciar a serena beleza da simplicidade da vida. Nos manguezais, encontro um refúgio longe da agitação urbana, um verdadeiro santuário de paz em meio ao frenesi da cidade.

Dessa maneira, no meio do Recife e do mangue, descubro meu equilíbrio, minha fonte de criatividade, meu lar. Sou um espelho da metrópole que me abraça e do manguezal que me mostra a importância da simplicidade na existência. Juntos, formamos uma harmonia de diferenças, uma coreografia infinita entre o mundo urbano e o mundo selvagem, entre o passado e a natureza.

Na região do mangue, onde a existência flui em equilíbrio com o meio ambiente, descubro a essência da mulher negra, expressa em toda a sua determinação e capacidade de superar obstáculos. Assim como os manguezais que resistem às mudanças causadas pelas marés e pelas adversidades climáticas, a mulher negra encara desafios, porém se destaca em sua própria beleza e autenticidade.

A partir desse pensamento simbólico sobre o mangue, que construo sob minhas vivências, reconheço a força deste bioma como uma alegoria que o associa a um espaço de criação. Na obra de Paulino, a imagem e a metáfora *mangue* ganha novos contornos e significados quando a artista o associa ao corpo da mulher negra, convertendo-se em um poderoso dispositivo que ganha materialidade e dá sentido à busca da artista por outras possibilidades imagéticas de ser e viver como uma mulher negra.

Ao contrapor as imagens que elabora à história de violências ao qual o corpo negro foi submetido, Rosana Paulino apresenta em suas obras fissuras e, aberturas decoloniais, tendo como uma de suas estratégias poéticas a reconstrução da memória ancestral, como já foi demonstrado nos capítulos anteriores. Nessas séries, no entanto, dá um passo adiante no processo de "refazimento", indo em direção a um "ajuntamento" com a terra, em uma dimensão muito mais subjetiva e especulativa do

vínculo ancestral do corpo com a natureza. Desse modo, a artista aprofunda o que Antonacci (2014) afirma sobre memórias ancoradas em experiências dos que só tem no corpo e em suas formas de comunicação, como heranças de seus antepassados e marcas de suas histórias. Além disso, saberes, tradições, fatos oralmente lembrados e conservados constroem-se e (re)significam-se em incorporações traduzidas em performances entre sujeitos históricos que compartilham memórias e culturas reativadas em vibrações corpóreas (Antonacci, 2014).

3.1 Jatobá

A primeira série apresentada por Paulino, em que o corpo da mulher negra é mesclado ao de uma planta: Jatobá (FIG. 16) foi elaborada em meados de 2019. Nesta série, a artista configura mulheres plantas que lembram *iabás*⁵, as grandes senhoras de comunidades negras.

Figura 16 – Rosana Paulino. **Sem título, série Jatobá**, 2019. Aquarela e grafite sobre papel 65 × 50 cm



Disponível: https://rosanapaulino.com.br/multimedia/mg_0397/

⁵ Orixás femininos denominados de ancestrais africanos divinizados e que são reconhecidos pelas manifestações expressivas, costumes e sentidos da cultura negra. São também conhecidas como as grandes senhoras das comunidades negras, as mães de santo (Franco, 2021).

A artista faz referência às mães de santo, conhecidas também por serem as senhoras mais velhas de uma comunidade negra. Nessa série, Paulino sinaliza que o grande contexto é trazer à memória da ancestralidade, os saberes que essas grandes mulheres passaram e ainda passam. Segundo a artista:

As Jatobás são como grandes senhoras, às grandes yabás. As Jatobás veêm de uma árvore de quase quinhentos anos que tem no Parque do Jaraguá. Eu acabei fazendo esta relação, entre a árvore do Parque Jaraguá e essas mulheres sacerdotisas que conseguiram manter a população de pé, que conseguiram manter a população negra unida durante o período da escravidão e da pós escravidão (Paulino, 2023).

Conforme Paulino, seu conceito vem de antes e é pensar em algo que combina com as mulheres negras, não do ponto de vista “selvagem”, como sempre diziam, mas do ponto de vista da vida da amabilidade e do conhecimento que pode salvar a espécie humana face às alterações climáticas (Paulino, 2023). A artista, nessa obra, sinaliza sobre a ligação junto à natureza, seu intuito é mostrar a condição de mulher negra na sociedade. Situações acerca da memória, ancestralidade, materialização dos corpos. No entanto, sabemos que esses corpos foram silenciados ou discriminados. Para a artista, *As Jatobás* (FIG. 17) são corpos materializados de mulheres árvores que tornam a floresta mais viva. No entanto, leva-nos a pensar que esses são os novos parâmetros da mulher negra brasileira. Fortalece que as narrativas corporais precisam ser escavadas como substituição da memória odiosa da barbárie europeia.

Não obstante, a ideia central de Paulino é trazer consigo o conceito da ancestralidade, da força e, do poder, relacionando assim o arquétipo da mulher negra brasileira com a natureza, com a terra. Essa relação que há com a natureza é exatamente a relação que existe com o arquétipo da sabedoria feminina. Segundo Cassinelli (2022), a emergência da natureza como protagonista e não como simples pano de fundo, exige respostas criativas aos seus chamados por meio da escuta atenta do vórtice de vida que pulsa neste organismo que chamamos de Terra. É nessa escuta que a própria Rosana Paulino coloca sua vivência como mulher negra e compartilha sua experiência individual com uma ideia mais coletiva da mulher negra na sociedade.

A imagem que a artista revela, na qual o corpo da mulher negra aparece amalgamado ao jatobá, Paulino dá origem a outra imagem humana que contraria

aquela perpetuada pela modernidade colonial e operada por sujeitos masculinos, brancos, que se consideravam superiores aos demais. Quando fala dos jatobás como iabás, consideradas mães de santos, a artista exalta a sabedoria feminina vinculada a estas imagens: são as velhas árvores que mantêm a floresta viva, uma espécie de mulheres-avós, matriarcas geradoras responsáveis. Esses desenhos são ligados a desenhos antropomórficos e a artista faz relação com os arquétipos mitológicos brasileiros, são seres multifacetados.

Figura 17 – Rosana Paulino. **Sem título, série Jatobá,** 2019. Aquarela e grafite sobre papel 65 × 50 cm



Disponível: https://rosanapaulino.com.br/wp-content/uploads/2022/02/MG_0396.jpg

Em uma de suas entrevistas sobre a obra Jatobá Rosana relata que se reconhece nessa série, uma vez que também é chegada a sua hora de ocupar seu lugar de uma grande senhora, conselheira e possuidora de saberes a serem compartilhados. De acordo com a artista:

Eu estou nesse momento das jatobás, das grandes labás, das mães de santo, daquelas que aconselham. Eu começo a ocupar um espaço muito parecido com aquele que foi ocupado pelas mães de santo, refazendo famílias, trazendo narrativas novamente, mantendo comunidades a partir das histórias contadas (Paulino, 2023).

Ao não estabelecer limite entre mulher e Jatobá, criando uma figura simbiótica de mulher-árvore, Paulino borra os limites e hierarquias entre o que se entende tradicionalmente como natureza e cultura, sujeito e objeto, apontando para uma ontologia relacional, que entende que somos entidades compostas por relações, cruzadas por outras instâncias e habitadas por diferentes subjetividades. Dessa forma, consideramos a série de Rosana Paulino como um exercício de descolonização ao mesmo tempo imaginário e epistemológico (Cassinelli, 2022). A construção da imagem de uma mulher-árvore contrapõe às dicotomias perpetradas pela tradição filosófica ocidental, como as que separam natureza e cultura, sujeito e objeto etc., em uma elaboração de descolonização imagética e epistêmica.

Há na atualidade um reconhecimento da agência de outros seres além dos humanos, especialmente diante da crise ecológica vivida em escala planetária. Neste contexto, como reconhece Latour, “a natureza inesperadamente assumiu o papel de sujeito ativo” (Latour, 2014, p.13), manifestando-se de diferentes formas à ação predatória do ser humano. Essa emergência da natureza como protagonista e não como mero pano de fundo das ações humanas, vem exigindo da sociedade reações criativas e inovadoras para os problemas ecológicos, que buscam romper com a dicotomia entre natureza e cultura que até então se estabeleceu. Em um país como o nosso, atravessado pela violência da colonialidade, torna-se imperativo recuar, escutar o que povos indígenas e afrodescendentes têm a nos dizer sobre a vida em comunidade, sobre a convivência com outras formas de ser e de viver, também sobre a necessidade de reconhecermos outras existências e seus saberes que até hoje são silenciados por uma ideia universalizante de humanidade.

Assim, é possível compreender que em Jatobá, Rosana Paulino se propõe a esta atenção. A figura de uma mulher-árvore possibilita reconhecer uma outra imagem do humano, na direção oposta à que foi perpetuada pela empresa colonial, a qual estabeleceu hierarquias e afastamento entre natureza e cultura. Na entrevista concedida ao blog *Corda Bamba*, Paulino se refere à obra *Búfala*, falada no capítulo anterior em que se insere e diz que não tem mais a energia do animal. Ainda na entrevista a artista:

Acho que a Rosana desse momento, que vai se transformando lentamente num jatobá, é uma mulher que está adolescendo, que já pode olhar e ver alguns frutos. O que é muito bom, porque, como eu disse, não pensava que veria esse quadro (Paulino, 2023).

De acordo com Cassinelli (2022), Rosana Paulino encontra na imagem das jatobás um reflexo de seu próprio processo, assumindo gradativamente o caráter de uma mulher sábia e idosa, com uma obra madura que se torna referência para artistas pretos que aparecem na cena contemporânea e o que as suas obras contribuem são reflexões críticas sobre as narrativas apoiadas no discurso da colonialidade, produzindo novas imagens que curam as feridas abertas por esse discurso, incluindo aquela que separa os humanos dos outros animais. Nesse sentido, como observa Paulino, as imagens têm um poder que não deve ser subestimado e, por isso, as belas-artes visuais desdobram hoje um caminho importante para o processamento histórico dos nossos traumas e para a produção de novas narrativas.

Para Rosana, os jatobás são como grandes senhoras, em concepção que relaciona árvores e mulheres como sacerdotisas capazes de manter a população de pé. A partir dessa ideia, a artista recupera este papel, tecendo narrativas e mantendo unidades, assim como as grandes senhoras faziam. Ao falar dessas imagens, sobre o papel importante dos jatobás, a artista traz uma nova concepção a partir dessas representações. Em uma de suas entrevistas, Rosana entende que, por muito tempo, as imagens desempenham um papel menor, em suas palavras:

Tem imagem que você leva anos para digerir, mas ela já está dentro de você. Ela é direta, muito parecida com o olfato. Em termos de sentidos, o cheiro é o que entra mais rápido, ele invade. E as imagens funcionam de maneira semelhante (Paulino, 2021).

Mas qual a significância desta imagem em relação com a terra, com a natureza? Segundo Belting (2014), a imagem humana e a imagem corporal estabelecem uma relação mais próxima do que as conjecturas dominantes estão dispostas a admitir. O autor enfatiza que o espaço adquire qualidades míticas por meio dos seus materiais externos, forma e movimento. Bem como por meio de fotos antigas e lembranças de infância que preenchem a memória. Na verdade, a percepção e a imaginação nunca estão separadas da memória. Em princípio, são realizados da memória do corpo porque os nossos devaneios também são motivados e acompanhados por movimentos, atitudes e ritmos corporais. Embora uma paisagem possa ser contemplada, talvez seja melhor explorá-la a pé viajando no ritmo lento do corpo (Belting, 2014).

Figura 18 – Rosana Paulino. **Sem título, série Jatobá**, 2019. Aquarela e grafite sobre papel 65 × 50 cm



Disponível: https://rosanapaulino.com.br/wp-content/uploads/2022/02/MG_0396.jp

Essa definição que Belting faz sobre imagem, reflete na narrativa que Rosana cria com sua obra, *Jatobá* (2019)(FIG.18). A ligação existe com a terra a natureza faz relação com sua ideia do arquétipo da mulher. Ao mesmo tempo existe uma junção com a memória da artista. Em muitos depoimentos, Paulino evidencia que sua infância foi marcada por brincadeiras com barro, como já mencionado. Em um universo cujas expressões artísticas se fundem com a natureza humana, Rosana Paulino se destaca

como uma artista que resgata a herança ancestral por meio de suas criações, que ultrapassam fronteiras temporais e espaciais. Motivada pelas brincadeiras inocentes da sua infância, em que a argila era modelada de forma imaginativa e o rio representava uma porta de entrada para aventuras, Paulino revela uma ligação intrínseca entre a habilidade manual e o solo.

Paulino encontra inspiração na natureza, na argila e nas águas do rio. Sua arte vai além de simplesmente criar imagens; é uma ode à vida e uma reverência às raízes que percorrem suas veias como um rio infindável. Nas séries *Jatobás* e *Mulheres Mangues*, a artista converte a herança dos antepassados, cujo cuidado esculpiu a terra com afeto e reverência.

A obra de Rosana Paulino é uma viagem de descoberta pessoal e ligação com suas origens. Ela se aprofunda na essência de sua própria identidade, investigando as nuances de sua herança afro-brasileira, transmitindo essas narrativas por meio de suas obras artísticas. Cada traço é uma homenagem à persistência e à força do povo negro, que, semelhante ao curso de um rio, enfrenta desafios e segue em busca da liberdade

Nesse sentido, Bachelard em *Poética do espaço* explica o vínculo do poder das imagens com as memórias do próprio lugar. Primeiro, a memória afetiva, que entrelaça espaços relevantes com episódios da nossa existência mesmo episódios da infância que transmuda o encontro presente em uma memória de memórias antigas, felizes ou dramáticas, intimamente relacionadas com os ritmos cíclicos do tempo, especialmente as estações (Bachelard, 1958). Os saberes e fazeres de um povo são carregados e revisitados pela memória, e isso é mostrado no trabalho de Paulino quando ela reconfigura imagens já veiculadas e propõem novas imagens. A memória, nessa direção, consiste em um conjunto de imagens, conceitos, valores etc., em que os objetos são conservados na mente ao longo do tempo e estão presentes no presente como eventos traspassados.

De acordo com Lapoujade (2009), no entanto, a imagem produto da imaginação, consiste em uma emanção particular e configuracional de um objeto presente ou ausente, real ou possível, presente ou imaginário, conhecido ou desconhecido, material ou conceitual, passado, presente ou futuro etc.

Ao que podemos notar ao falar sobre mito, Paulino revela que essas imagens representam o arquétipo da mulher negra brasileira, que segundo ela, aprendemos sobre mitologia somente da história ocidental e para isso é preciso criar mitologia ligada à mulher negra brasileira. Ela escolhe falar sobre plantas, natureza e terra nas séries *Senhoras das Plantas e das Jatobás*, (2019).

Portanto, é nessa perspectiva que Rosana Paulino se coloca como mulher negra brasileira, em uma nação forjada pela empresa colonial, cuja visão patriarcal e racista construiu uma mulher negra de maneira repulsiva ou exótica. Rosana investiga a maneira com que as mulheres mais sábias passaram pela história do país de forma significativa, mas vistas com outros olhos. Essas *Jatobás* conseguiram deixar de pé o Brasil durante o período da escravização após este também. Com esse intuito *Jatobás* se misturam com a terra, em suas cores representativas da argila, que se integram e se entrelaçam com raízes. A meu ver, essas raízes simbolizam o que de melhor essas mulheres têm a oferecer para a terra: são o povo que fazem parte dela, germinando novos seres que, com o passar do tempo, vão se integrar à terra, trazendo novas camadas de enraizamento e "ajuntamento". Algo que também dialoga com conhecimento que é repassado de geração em geração, as "sabenças" dos mais velhos que dão suporte, abrigo, orientação e que perpetuam sua história em camadas de saberes desdobrados ao longo dos tempos.

Rosana oferece, assim, a possibilidade de se reconhecer em outra imagem feminina, as imagens das *Jatobás* mulheres árvores que nos chamam para uma re ligação com a natureza, com a vida selvagem e com a ancestralidade.

3.2 Mulheres Mangues

Na Bienal de São Paulo, em 2023, Rosana Paulino expôs sua mais recente obra chamada *Mulheres Mangues ou Mangues 2023* (FIG.19). Trata-se de uma série composta por dois conjuntos com três telas de tamanho 267 x 559 cm em grafite, acrílica e pigmento natural. Nessa produção, a artista usa a imagem do mangue e de sua vegetação para compor figuras femininas que têm relação com o arquétipo da mulher negra. Rosana Paulino procura maneiras de viabilizar essas composições. Nas

suas obras inéditas, a artista exhibe figuras femininas que se organizam nas telas por meio de várias conexões.

Segundo a artista, essa série é uma continuação das Jatobás, um desdobramento dessa pesquisa em torno dos arquétipos e das imagens femininas ancestrais. Mais uma vez, a série apresenta uma relação com a natureza, com a terra e com a subjetividade negada às mulheres negras. Como boa parte das obras de Paulino, a artista propõe a ressignificação, construindo um novo olhar sobre a representatividade e a imagem da mulher negra. Especificamente, nestes trabalhos a artista recorre a uma imagem potente do mundo natural o mangue que, no nosso país, também é um ecossistema de grande relevância socioeconômica, para continuar aprofundando suas proposições em torno da elaboração de outras imagens do corpo feminino negro.

O manguezal é um sistema ecológico tropical costeiro, situado entre a terra e o mar e localizado em várzeas na foz dos rios e estuários. Compõem-se de solos que são inundados pelas variações das marés e que apresentam grande variação na salinidade. Conforme, Correia e Dorigo (2005), o ecossistema manguezal está localizado entre a transição dos ambientes terrestre e marinho. A composição do substrato inclui principalmente lama e lodo formado por novos sedimentos, é rico em lodo e argila e ainda pode conter areia em diferentes concentrações. A variação dos componentes dos sedimentos está diretamente ligada às diferentes origens, sejam marinhas, fluviais e estuarinas, que juntas formam o substrato das áreas de mangue. Também é composto por folhas, galhos, escombros de plantas e animais em vários estágios de putrefação, resultando em baixo teor de oxigênio no solo.

Os manguezais são ecossistemas de grande importância na proteção e manutenção do equilíbrio ecológico da cadeia alimentar nas zonas costeiras, porque são conversores de matéria orgânica que levam à ciclagem de nutrientes. Apresentam condições favoráveis à nutrição, proteção e reprodução de muitas espécies de animais aquáticos, marinhos e estuarinos e até de água doce, que necessitam destas áreas para se reproduzir durante o seu ciclo de vida e se desenvolver em diferentes fases larvais dos seus respectivos descendentes (Correia; Dorigo, 2005).

O mangue é também meio de subsistência para parte da população que habita a costa brasileira, em uma perspectiva que suscita questões importantes, de

diferentes ordens: a relação entre o ser humano e o ambiente natural; o tempo para os caranguejeiros em dupla lógica- o tempo da lua e das marés para a coleta dos caranguejos; o calendário mais usual para o comércio do que foi coletado; as técnicas corporais empregadas para pegar um caranguejo enterrado na lama; o impacto do crescimento urbano desordenado e a ameaça aos mangues.⁶

Nas imagens de Paulino, destacam-se as árvores típicas desse ecossistema, que chamam atenção por suas raízes, as quais ficam expostas acima do solo lodoso e formam redes complexas capazes de sustentar os altos troncos e as copas cheias. As raízes das mulheres plantas, que em Jatobás apareciam aterradas, encorpadas e volumosas, em *Mulheres Mangue* surgem expostas, aéreas e com uma formação em rede que sustenta o corpo/caule da mulher amalgamada em árvore. O solo do mangue é um terreno instável ora é lama, ora é água; ora salgado, ora doce, configurando-se assim como um ambiente estressante para as espécies que ali habitam. As raízes aéreas são uma adaptação necessária à sobrevivência das árvores neste ambiente. Essa imagem/metáfora do manguezal nos leva a pensar sobre a ideia da adaptação como uma forma de resistência algo que nos remete à resiliência ancestral das mulheres negras diante de toda adversidade imposta a partir da empreitada colonial.

Para além dessa relação mais imediata com a imagem do mangue, como um bioma e sistema socioeconômico e cultural, a artista enfatiza que *as mulheres mangues* (FIG .20) são atemporais, ou seja, recorrem a um tempo-espaço não marcado cronologicamente - uma vez que seus significados se referem a uma memória que atravessa o tempo pela eternidade - a artista afirma não se lembrar da idade delas. Destaca a observação de uma amiga que fala que o *Mangue* são as avós das *Jatobás*. Para Paulino, estas imagens falam de energias femininas muito primitivas, vinculadas à sabedoria ancestral das mulheres negras.

Ademais, sabendo da importância do mangue para nosso ecossistema, partimos para a relação que Paulino faz com o mangue com sua mais recente obra. Na entrevista feita ao blog *Na corda bamba*, a artista mais uma vez faz a referência à

⁶ Para saber mais, ver: ALVES, André e SAMAIN, Etienne. 2004. Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re)visitado. Campinas: Editora Unicamp/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 240 pp.

lansã e de como no Ocidente a mulher tem liberdade de ser quem ela quer ser. Em uma parte da entrevista, a artista cita:

No Ocidente a mulher que quer ter liberdade, ela é a bruxa ou ela é a louca, ou é a prostituta, ou então, quase que como uma punição, ela vai ser a eterna virgem, como Atena. E as mulheres negras têm outras possibilidades, como lansã. Que é força, que é poder, que é beleza, mas ao mesmo tempo é mãe e tem sexualidade. Então eu fui procurar estes arquétipos: as senhoras das plantas, a búfala, que é uma referência direta à lansã, os jatobás e agora, os mangues.” (Paulino,2023)

Figura 19. Ajustando as *mulheres mangues* antes da estreia da bienal. Blog *Na corda bamba*, outubro de 2023



Disponível: <https://nacordabamba.blog/2023/10/04/na-corda-bamba-entrevista-rosana-paulino-uma-artista-que-e-filha-de-ogum-de-iansa-e-tem-oxum-opara-como-ajunto>

Figura 20 – Rosana Paulino *Mangue*, 2022. Aquarela e grafite sobre papel 160 × 150 cm



Disponível: https://rosanapaulino.com.br/wp-content/uploads/2022/02/MG_03

Paulino (2023), nessa série, reforça a ideia sobre as mulheres negras que tiveram sua subjetividade negada e que seu lado psicológico nunca foi completamente visto com atenção:

Mais uma vez, Paulino faz relação da natureza com o corpo da mulher, como uma troca mútua entre o mangue e seu corpo. Além disso, ela enfatiza o arquétipo dessa mulher brasileira, que pode ser como um ecossistema do mangue trazendo as melhores condições climáticas. Assim como o mangue com os nutrientes de matéria orgânica (Paulino,2023).

Nos desenhos das *Mulheres Mangues*, Paulino destaca alguns elementos da fauna que compõem o mangue: o caranguejo, o peixe e a garça. A artista amplia os elementos que seleciona para compor o imaginário em torno da imagem arquetípica feminina que propõe, diversificando a possibilidade do ser da mulher, ser por meio dos seres que habitam o ecossistema do manguezal. A artista associa, assim, o peixe à uma energia da generosidade; o caranguejo ao mistério e às energias ocultas, desconhecidas e sombrias; a juventude ao Guará-Vermelho; e a garça branca pode se correlacionar a todos os mistérios que envolvem a elaboração dos mitos. As raízes do mangue são, então, atadas. Para Rosana, estes arquétipos compõem visualmente o inconsciente coletivo e o imaginário possível de construir outra imagem da mulher negra brasileira.

Figura 21 – Rosana Paulino *Mangue*, 2022. Aquarela e grafite sobre papel 160 × 150 cm



Disponível: https://rosanapaulino.com.br/wp-content/uploads/2022/02/MG_0396.jp

O caranguejo é um dos animais mais presentes nos manguezais, animal que Paulino expressa em um dos desenhos da série, *Mulheres Mangues* 2022 (FIG.21). No arquétipo, a artista relaciona que o caranguejo traz a ideia de benevolência, do oculto, do sombrio. No campo biológico conforme Bernardino-Costa *et al.* (2023), no

mangue, os caranguejos protagonizam todas suas fases da vida, reprodução, alimentação e eliminação (eles furavam câmaras na lama do mangue que serve de abrigo e descartam suas conchas a fim de se proteger de predadores naturais) que determina a duração da captura. Além disso, são animais que se locomovem em várias direções, possuem uma carapaça que os protege e sobretudo servem na ciclagem dos nutrientes do mangue.

Acredito que essa relação que Paulino faz com o caranguejo (FIG. 22) e seus desenhos, representado na *Mulheres Mangue 2022*, seria uma relação de troca do animal com o ecossistema do mangue, assim como o corpo da mulher representado faz. Essa mulher troca nutrientes entre a terra que está inserida. No desenho, é possível perceber que o caranguejo se move entre as raízes. Existe uma troca entre as raízes e o caranguejo, e biologicamente falando, provavelmente, isso seria a troca entre esse corpo que traz nutrientes de si. Essa mulher negra que ao mesmo tempo faz suas andadas assim como o caranguejo, e que também participa da mudança para com o mangue, portanto ambos precisam dos nutrientes.

Figura 22 – Rosana Paulino *Mangue*, 2022. Aquarela e grafite sobre papel. Detalhe do desenho



Disponível: <https://nacordabamba.blog/2023/10/04/na-cordabamba-entrevista-rosana-paulino>

Figura 23. Rosana Paulino. **Peixe da série Mangue**, 2023. Aquarela e grafite, acrílica e pigmento natural 267x559cm



Disponível: https://rosanapaulino.com.br/230904_mwdm_038-3/

Outro animal que é apresentado é o peixe (FIG. 23). Para a artista, este animal representa a generosidade. Conforme Peiró *et al* (2020), o ecossistema do mangue é um dos mais produtivos do mundo juntamente com recifes de coral e áreas em regeneração, com uma cadeia alimentar capaz de sustentar dois terços da população piscícola da região costeira. Os manguezais fornecem ao mar uma grande quantidade de nutrientes e matéria orgânica absorvível. Isto é importante para o florescimento do plâncton, que é a base da cadeia alimentar marinha. Quando a água sobe, uma variedade de peixes invade os manguezais. Muitas espécies de peixes dependem de fontes alimentares do manguezal, pelo menos durante a fase juvenil, e muitos destes peixes constituem a pesca nas águas costeiras (Peiró et al., 2020). Assim, a essa ideia da generosidade podemos ainda relacionar a imagem do peixe à fartura, que nutre a cadeia de seres vivos enredada nesse complexo ecossistema e pode ser correlacionado à ideia de oferenda, partilha e troca, comuns às culturas de base não ocidental que vivem de forma coletiva.

Nessa direção, é possível compreender que este arquétipo se vincula à generosidade da mulher negra, no seu modo de viver coletivo e ancestral, que organiza a vida, sustenta a floresta mangue e a mantém de pé. Pois assim como no mangue, o peixe também representa essa generosidade atuando na troca dos recursos e nutrientes neste bioma. Deste modo, a artista seleciona cada animal para

representar uma personalidade elementar, buscando construir um imaginário arquetípico em torno do corpo negro feminino.

Por fim, na série a artista apresenta o guará-vermelho (FIG.24), que representa a juventude no mangue. Esses animais têm pernas longas e finas com dedos longos e articulados que ajudam a distribuir o peso corporal e a manter o equilíbrio em superfícies instáveis. Essas aves são classificadas como limícolas e têm três dedos voltados para a frente e um dedo voltado para trás (Magno, 2023).

Segundo Miranda (2015), o consumo do caranguejo tem importante relação com a cor do guará. Vermelha das penas se deve a um pigmento chamado cataxantina, que é um derivado do caroteno⁷. No desenho que Paulino representa o guará- vermelho (FIG.24), podemos notar que a cor do animal é um vermelho bem vivo. Como foi citado, a sua cor depende da sua alimentação. Nesse caso para ele ter essa cor, o guará- vermelho precisa se alimentar dos caranguejos, apresentando um cruzamento entre as espécies, em que cada uma depende da outra para sobreviver no mangue.

Não só a fauna, mas a flora também é retratada na série *Mulheres Mangues*. Neste ambiente lamacento, de cor escura, com vegetação parcial ou totalmente submersa, o húmus que ali se forma ajuda a ativar o processo de fermentação. As inundações periódicas do solo tornaram-no rico em sal e pobre em oxigênio, permitindo o desenvolvimento de apenas algumas espécies de plantas, exibindo uma série de adaptações que formavam plantas simples. É um ambiente com uma das faunas mais opulentas e variáveis do mundo (Laurentino; Souza, 2013). Neste ambiente, a ideia de adaptação e resistência, como já foi mencionado, coordena as relações entre os seres vivos que o coabitam.

⁷ O caroteno é o responsável pela cor da cenoura e da casca dos caranguejos e camarões, evidenciada quando esses alimentos são cozidos por meio de análises bioquímicas: os carotenos nas penas dos guarás são os mesmos daqueles encontrados em algumas presas, como o caranguejo chama-maré (Miranda, 2015).

Figura. 24.. Rosana Paulino. **Guará Vermelho da série mangue**, 2023. Grafite, acrílica e pigmento natural sobre tela 207×379 cm



Disponível: https://rosanapaulino.com.br/230904_mwdm_005-1-2/

O que chama a atenção de Paulino deve ser o fato de que no mangue há um elo entre a vida e a morte - posto que é um berçário natural de espécies de resíduos de plantas e de animais em decomposição. Um ambiente que é ao mesmo tempo quente e húmido, regido pelas marés e com raízes entrelaçadas de uma forma muito particular. Assim nos remete a um imaginário fantástico, em que o ciclo da vida pulsa em intensidade. Nas imagens de Paulino, mulheres que convivem com caranguejos, guarás-vermelho e seguram peixes, folhas e raízes brotam de seus corpos um entrelaçamento entre a terra e água. Desse modo, *Mulheres Mangue* revela um imaginário presente nesses desenhos, construído a partir da ligação que Paulino faz com a terra, com o corpo da mulher negra um corpo que brota da terra, que se entrelaça com as raízes, com a fauna, com a flora do lugar como se um fosse alimentando o outro, ancorando-os psiquicamente.

Desse modo, Bachelard aborda nesse sentido, na série *Mulheres Mangues* de Paulino, a imaginação prolifera: criam-se imagens e ideias do metal e aqui também reina a alquimia. A imaginação começa a aparecer projetando seus movimentos intensamente, procurando a profunda intimidade das coisas (Lapoujade, 2009).

No entanto, essa ligação que existe entre um corpo e a terra, se interliga também com os seres presentes naquele lugar:

Através deste movimento, a imaginação percorre caminhos que cria, produzindo uma infinidade de imagens através das quais, numa demonstração de transgressão, consegue adentrar o interior das coisas e dos seres. Aliás a imaginação é esbanjada com imagens da espessura das coisas e dos seres em sua materialidade” (Lapoujade, 2009).

Seres míticos presentes no desenho de Paulino que interagem com a terra, que assumem personalidades diferentes, são seres que transitam entre universos distintos, habitando o espaço terreno, mas alcançando dimensões psíquicas que coordenam energias organizadoras de uma cosmovisão que a artista elabora em suas obras. A floresta/mangue é o universo que abarca essas correlações. Antes de os deuses chegarem lá, as florestas já eram sagradas. Eles nada mais fizeram do que reunir a singularidade humana, demasiado humana, para a grande lei do sonho da floresta (Lapoujade, 2009).

Nesse sentido, Bachelard enfatiza que a terra, já pertencia aos antepassados, essa relação nasce também com o contexto da terra. A terra como um lugar mítico, como um lugar sagrado, como um lugar que os arquétipos humanos podem se relacionar com as personalidades da natureza, algo que se aproxima ao que Paulino propõe em seus desenhos. A artista deixa um pouco de lado imagens que trazem a representação da violência e escravidão e se aprofunda nos desenhos ligados à natureza e terra. Nestas imagens, corpos femininos, plantas, animais, raízes e folhas estão integrados, na paleta escolhida pela artista, variando entre tons terrosos, verdes e azuis.

A vida das mulheres negras é o centro de sua pesquisa, na qual ela desconstrói os estereótipos de hipersexualização e servidão que foram edificados em seus cadáveres desde a colonização. Nesta série, pinturas em grande escala apresenta mulheres mangue vivas e plenas, enraizadas e em harmonia com a vida selvagem. No mangue, onde a vida pulsa em harmonia com a natureza, encontro a essência da mulher negra, representada em toda sua força e resiliência. Como os manguezais que resistem às marés e às intempéries, a mulher negra enfrenta desafios, mas floresce em sua própria beleza e singularidade. À semelhança de Rosana Paulino, uma artista que incorpora em suas criações os elementos da história e da identidade negra, a mulher negra é uma construtora de sua própria história. Com sua destreza, ela entrelaça lembranças, tristezas e vitórias, formando um quadro de vivências que

ressoa ao longo dos tempos. Mas, assim como o mangue é muitas vezes ignorada ou subestimada, a mulher negra enfrenta a invisibilidade e a marginalização em uma sociedade que insiste em apagar sua voz e sua contribuição. No entanto, como Rosana Paulino dá voz às narrativas silenciadas, a mulher negra ergue-se com orgulho e determinação, reivindicando sua presença e importância.

Entre o mangue e Rosana Paulino, percebo a figura da mulher negra como um ícone de luta e renovação. Ela se constitui como a preservadora das raízes culturais e a construtora do amanhã, motivando-nos a apreciar e exaltar a beleza e a determinação de sua trajetória. Que suas narrativas sejam difundidas, suas opiniões sejam acolhidas e sua importância seja reconhecida, assim como os manguezais que embelezam nossas áreas costeiras e sustentam nossa existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mulher negra, as questões que atravessam minha existência estão latentes em minha memória, permeando minhas individualidades e marcando ausências que produzem silêncio e invisibilidade. No entanto, também carrego comigo os saberes ancestrais, as reflexões e os aspectos norteadores que emergem das narrativas de resistência. Denunciar o olhar colonizador sobre nossos corpos é um ato de subversão e empoderamento, uma forma de desafiar as estruturas de poder que perpetuam a opressão e a marginalização de nossa existência. Nada aqui é encerrado, completo ou imutável; ao contrário, estamos constantemente em movimento, desafiando e redefinindo as fronteiras da nossa própria existência e da nossa arte. É o que propõe um artista que coloca sua vida em uma obra que nunca termina.

Neste trabalho, foi possível compreender parte de uma obra em curso, tal qual um curso de um rio que está sempre em transformação, sofrendo desvios, mas nunca desiste de alcançar o seu destino. Às margens do Tietê, Rosana Paulino inicia um processo lúdico, criativo e de autorreconhecimento, moldando com barro, brincadeiras, costuras e arte o seu gesto artístico e a sua postura decolonial que mais tarde vão se desdobrar em obras de grande significado. Do cotidiano periférico e com a forte presença de mulheres negras, elabora uma epistemologia negra entrelaçada a processos criativos, capazes de abrir brechas decoloniais para um enfrentamento racial político e ético e esgarçar as fronteiras impostas pela colonialidade que ainda domina as estruturas do nosso país.

Nos seus procedimentos poéticos, imagens do corpo racializado, do corpo classificado, do corpo objetificado e sujeito ganham novos contornos e formas. Sua poética negra vem redimensionando o lugar ao qual essas imagens foram destinadas a partir de uma proposta decolonial que reposiciona saberes, visualidades e desmascaram faces ocultas da colonialidade, tais como feridas não cicatrizadas do passado colonial que a artista expõe. Rosana, assim, faz de seu gesto poético, um agir e um pensar que desestrutura imagens naturalizadas, articulando-as como imagens presentes de imagens que foram invisibilizadas.

As mulheres racializadas com seus corpos, mesmo contidas, controladas, profanadas e violentadas, exerceram e exercem papéis fundamentais no confronto do projeto colonial/moderno de nossa sociedade. Nesta direção, Rosana Paulino se lança como pioneira no cenário da arte contemporânea brasileira, apresentando questões políticas de fundamental relevância para a compreensão da condição da mulher negra no nosso país. Em seus trabalhos, é possível identificar uma crítica feminista potente, uma minuciosa investigação acerca das imagens tanto de violência quanto de potência do corpo negro feminino, propondo um reposicionamento das mulheres negras rumo a um futuro de possibilidades e de vida, em contraposição a um passado de violência e morte.

Portanto, é fundamental que toda expressão artística criada seguindo essa linha de pensamento, alcance um público diversificado de mulheres negras, especialmente aquelas que não têm acesso aos tradicionais espaços elitizados e dominantes das galerias de arte, dos teatros e das universidades. Compartilhamos uma conexão ancestral, não importando a nossa origem ou condição, todas nós, mulheres negras!

Neste estudo, a investigação minuciosa do corpo da mulher negra na atualidade da arte brasileira, sob a perspectiva do pensamento decolonial e do feminismo negro, surge uma narrativa impactante de justiça e luta. Ao examinar as criações de artistas como Rosana Paulino, somos confrontados com a complexidade e diversidade visual dos corpos femininos negros, retratados com uma profundidade que vai além do mero apelo estético. A artista acredita que a imagem é capaz de curar, de transformar, e por meio de um repertório visual complexo, de uma qualidade plástica meticulosa e rica, que consegue elaborar mensagens de grande relevância e colocar em cena o debate em torno da presença feminina negra na nossa sociedade.

As Mulheres Jatobás e as Mulheres Mangues surgem como símbolos de ligação com o solo, destacando a relevância da conexão com a natureza no processo de formação da identidade e na luta por igualdade e justiça. Essas representações questionam as narrativas dominantes e apresentam uma nova visão, um louvor à força e à dignidade das mulheres negras. Nesse contexto, fica claro que a arte contemporânea brasileira, quando fundamentada no pensamento decolonial e no feminismo negro, não apenas proporciona um espaço para a expressão artística, mas

também se mostra como uma ferramenta fundamental para a mudança social e a construção de um futuro mais equitativo e inclusivo.

A importância da representatividade na arte é essencial, pois influencia as histórias sociais e históricas. Na realidade do Brasil, as mulheres negras têm sido tradicionalmente excluídas da cena artística, revelando as desigualdades de poder e as estruturas coloniais que ainda permanecem. Sendo assim, o trabalho de Rosana Paulino surge como uma quebra desses padrões marginalizados de representação, confrontando os preconceitos e reinterpretando imagens transformadas dos corpos femininos descendentes da África.

Por meio das coleções Jatobá, Búfala e Mulheres Mangues, Paulino utiliza o desenho e a pintura como uma maneira de interferir e resistir, alterando os significados geralmente ligados à feminilidade essencial. Ao evidenciar a brutalidade contra os corpos negros, a falta de voz e a ausência de visibilidade ao longo da história, a artista questiona as histórias predominantes e sugere novas visões sobre a vivência das mulheres negras.

A fortuna crítica analisada, bem como o vasto material encontrado em depoimentos e entrevistas dados pela artista, revela um repertório intelectual que ainda precisa ser avaliado e analisado em outros trabalhos, considerando a importância histórica e artística que essa produção contempla.

Por meio do seu conceito de "Refazimento", a artista questiona as bases coloniais e reafirma a força do corpo negro feminino como forma de resistência e afirmação de identidade. Na atual conjuntura, de ameaças de colapso econômico social e ecológico, consolidando a derrocada de um projeto de mundo moderno e colonial, a imagem do humano como um ser apartado da natureza, construída sobre os pilares da modernidade também é colocada em xeque. Desse modo, ao elaborar simbioses entre mulheres, plantas e animais, Paulino oferece uma resposta imagética e poética às dicotomias e imposições classificatórias do pensamento ocidental hegemônico. Sua obra assim, pode ser compreendida como uma potência sensível, sensibilizadora e enunciadora de um projeto decolonial visual e intelectual.

Esta pesquisa traz, deste modo, uma contribuição para a compreensão das maneiras como o corpo da mulher negra vem sendo representado na arte contemporânea do Brasil, ressaltando o papel fundamental da arte de Rosana Paulino

como uma voz impactante na batalha pela visibilidade e valorização das mulheres negras na sociedade e na cultura.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Célia Maria. **Rosana Paulino: Enunciações Poéticas de Arte Africana Contemporânea**. São Paulo, n. 6, p. 272-291, maio 2017

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARCELOS, Renata & CARDOSO, Jaine. **“Onde você ancora seus silêncios?” - uma análise dos processos de criação em Rosana Paulino e Charlene Bicalho**. [https://www.premiopipa.com > uploads > 2021/05](https://www.premiopipa.com/uploads/2021/05)

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico** .2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

BOONE, S. PICANCIO, G.V & SANTOS, J.S. **Do animal imoral à total invisibilidade: a representação da mulher**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 18, n. 35, jan./jun. <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao> DOI 10.18226/21782687.v18.n35.05

CARRERA, Fernanda., & Meirinho, Daniel. **Mulheres negras nas artes visuais: modos de resistência às imagens coloniais de controle**. Revista Eco-Pós, 23(3), 55–81. (2020) <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27572>

CASSIGOLI et al. **Gaston Bachelard y la vida de las imágenes: subtítulo do artigo. Copiar Gaston Bachelard y la vida de las imágenes**. México, UNAM/Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias, 2009. ISBN 978-607-02-0595-8: subtítulo da revista, Cuernavaca, Morelos, v. 3, n. 3, p. 1-137, jan./2009.

CONDURU, Roberto. **Arte afro-brasileira**. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

CORREIA, Mônica Dorigo. **Ecosistemas marinhos: recifes, praias e manguezais** / Mônica Dorigo Correia, Hilda Helena Sovierzoski. – Maceió: EDUFAL, 2005. 55p.: il. – (Conversando sobre ciências em Alagoas)

COSTA, Rafael Nogueira et al. **CICLO DO CARANGUEJO” NOS MANGUEZAIS: TAMBORES, IMAGENS E CRIAÇÕES**. 2023. Diálogos Volume 08. Disponível em: <https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.8.135>. Acesso em: 12 out. 2023.

DALJEE; Jain. Kali: **The Most Powerful Cosmic Female. Article of the Month.** February 2009)

DRAVET, Florence Marie; OLIVEIRA, Leandro Bessa. **Novas imagens da pombagira na cultura pop: símbolos, mitos e estereótipos em circulação.** COMUN. MÍDIA CONSUMO, SÃO PAULO, V. 12, N. 35, P. 49-70, SET./DEZ. 2015 DOI: 10.18568/1983-7070.123549-70

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010. Rizoma. In: Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia. Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995.

FRANCO, E. **O ilê performático da biodiversidade dos Orixás e das labás: os saberes das Africanidades para a sustentabilidade contemporânea.** Revista VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 187–200 2022. Disponível: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/41252>. Acesso em: 19 dez. 2023.

FERRAZ, Marcos Grinspum. **“Aline Motta e o mergulho pessoal na memória.** ARTE! Brasileiro, 20 de novembro de 2019. Consultado: 3 de novembro de 2020. <https://artebrasileiros.com.br/arte/premio/alinemotta-e-omergulho-pessoal-na-memoria-coletiva/>

GOMES, Iane. Kika Carvalho. **O azul ancestral.** Revista Continente. 01 de agosto de 2023. Disponível: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/272/kika-carvalho>

HERMES, Ernani. **Memória e decolonialidade na poética de Conceição Evaristo.** Anais | Latinidades - Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços. Setembro de 2020, Online | latinidad.es Resumos Expandidos

HOOKS, bell. **Eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.d

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras in Revista de Estudos Feministas**, Ano. 3, 1995. pag.469.

LAURENTINO, I. C.; de SOUZA, S. C. **UMA ANÁLISE DO PLANO DE RECUPERAÇÃO DE ÁREA DEGRADADA COM VEGETAÇÃO DE MANGUE NO**

RIO APODI MOSSORÓ DO PROJETO MARGEM VIVA HOLOS, vol. 3, 2013, pp. 161-170 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte Natal, Brasil

LOURENÇO, Mariana de Santana. **Representação e autorrepresentação de mulheres negras na materialidade e na linguagem artística de Renata Felinto**. Dissertação de Mestrado -Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, p.156.2022.

MACIEL, Fabiano (ed.). **Na corda bamba entrevista Rosana Paulino, uma artista que é filha de ogum, de iansã e tem oxum-opará como ajuntó**. 2023. Disponível em:<https://nacordabamba.blog/2023/10/04/na-corda-bamba-entrevista-rosana-paulino-uma-artista-que-e-filha-de-ogum-de-iansa-e-tem-oxum-opara-como-ajunto/>. Acesso em: 4 out. 2023.

MAGNO, Joely. **Aproveitamento de carcaça de aves silvestres como material didático** / - 2023. 45 f.: il. color.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIRANDA, Sthefânia Araújo. **Incubação de ovos e criação de filhotes de guará (Eudocimus ruber) no Parque Mangal Das Garças: uma ferramenta para a conservação da espécie**. Belém 2015.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

MBEMBE, Achille. **Poder brutal, resistência visceral**. São Paulo: N-1 edições, 2019.

MENDES WOOD. Rosana Paulino - **Búfala**. [S.l.] [2022]. Disponível em: <<https://mendeswooddm.com/pt/exhibition/rosana-paulino> > Acesso em: 22 out. 2022

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. (organização Alex Ratts). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ODIER, Daniel. **Kali: Mitologia, práticas secretas e rituais**. Presságio Editora Comércio e Serviços LTDA, 2019

OSTETTO, Lucy Cristina **Potência negra enunciadora na estética Decolonial de Rosana Paulino** / Lucy Cristina Ostetto; 2020.221 p.

OLIVEIRA Alessandra M. **A “Onda Negra”: arte visual afro-brasileira, legitimação e circulação.** <https://jornal.usp.br/artigos/a-onda-negra-arte-visual-afro-brasileira-legitimacao-e-circulacao/>

PAVEI, Maria Antônia Lima; JUNIOR, Gutemberg Alves Geraldes. **As características arquetípicas e suas ressonâncias nos orixás femininos da Umbanda.** *Linguagens Revista de Letras, Artes e Comunicação – ISSN 1981- 9943.* Blumenau, v. 15, n. 2, p. 153-173, maio. /ago. 2021.

PAULINO, Rosana. **A costura da memória.** [Entrevista concedida a] ANTONACCI, Célia. (2023), *A Costura da Memória - Rosana Paulino.* Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uNEIJArBdKw>, consultado em 26/07/2023.

PAULINO, Rosana. Rosana Paulino- **A costura da Memória.** Youtube, 2019 abril. 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=uNEIJArBdKw&t=1752s>>. Acesso em 15 maio. 2022.

PAULINO, Paulino, **Imagens de sombras / Rosana Paulino -** São Paulo: R. Paulino, 2011. 98 p.: il.

PAULINO, Rosana in ORTEGA, Anna. **Jornal da Universidade entrevista Rosana Paulino.** *Jornal da Universidade (UFRGS).* 60. Ed. Porto Alegre. 24 jun. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/somos-muito-ingenuos-em-relacao-ao-poderda-imagem-afirma-rosana-paulino/>.

PAULINO, Rosana. **Tecido social: arte e ativismo no Brasil.** (Entrevista concedida a) Lorraine Leu. In: NELSON, A.; FERNANDEZ, M.; STEVENS, M. *Tecido social: arte e ativismo no Brasil.* São Paulo: Cultura Acadêmica Digital, 2024.

PEIRÓ, Douglas F. et al. **Manguezais: estrutura, dinâmica e biodiversidade.** 2020. Disponível em: <https://www.bioicos.org.br/post/manguezais-estrutura-dinamica-e-biodiversidade>. Acesso em: 10 dez. 2023.

PEREIRA PBA, Mendes VM, Moreira JG, Rodrigues A, Feuerwerker LCM. **O que podem corpos negros? Navegando pelas existências que habitam narrativas-rizoma-visceral.** *Interface (Botucatu).* 2022; 26: e210196 <https://doi.org/10.1590/interface.210196>

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade**. São Paulo: Editora Sulina, 2010, p. 34.

QUINTELLA, Pollyana. **Rosana Paulino - Quando imagem vira corpo**. <https://revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>

REIS, Fernanda. **Nuances do Corpo Feminino: Heterotopias da Arte**. Campo Grande, MS | v. 3 | n. 4 | p. 85 - 106 | ISSN: 2527-1393 | junho/2018 – novembro/2018

SANTOS, Renata Aparecida Felinto. **Rapunzel, cabelos que tocam o céu: a arte contemporânea como tratamento artístico/cosmético/estético dedicados aos capilares crespos**. Revista Estúdio, artistas sobre outras obras. ISSN 1647-6158 e- ISSN 1647-7316. 8, (20), outubro-dezembro. 20-29.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto. **A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas: estudos de produções e de poéticas**. São Paulo, 2016.331 f. : il.

SARDELICH, Maria Emília y Marian López Fernandez Cao. 2021. **“Memorias americanoafricanas en el trabajo de artistas brasileñas contemporâneas”**. Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas 16 (1): 60-83. <http://doi.org/10.11144/javeriana.mavae16-1.mae>

SILVA, Bianca Dantas Gomes. **Rompendo os muros das imagens: mulheres negras no graffiti**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510

VENTURA, Mônica. **Perfil Mônica Ventura**. PISCINA: Perfil Artista. 2020. <https://www.piscina-art.com/blog/2020/6/23/perfil-artista-monica-ventura>

APÊNDICE

Apêndice 1 - Entrevistas

Entrevista 1

[Dos Brasis] Pemba - Mulheres Negras e Arte Contemporânea Brasileira

Entrevista 1: <https://www.youtube.com/watch?v=6mWZtxGZ1mw&t=7331s>



Descrição: Rosana Paulino menciona que, ao discutir questões relacionadas à presença de mulheres negras no campo das artes, é necessário abordar tanto aspectos técnicos quanto históricos. Ela expressa a complexidade e a amplitude dessas questões e reconhece que pode soar repetitiva em suas falas, mas considera essa repetição necessária. Ela destaca a importância de trazer à tona discussões sobre o lugar e a produção das mulheres negras na arte, especialmente no contexto brasileiro.

A artista enfatiza a necessidade de investigar por que muitas vezes as mulheres negras são associadas apenas à representação do corpo, sugerindo que isso pode

ser resultado da falta de acesso a outros materiais e oportunidades de produção artística. Ela defende que é crucial colocar esses dados na mesa para pensar em como criar oportunidades e apoiar artistas mais jovens e menos privilegiados.

Rosana Paulino também aborda a importância de olhar para a produção artística anterior das mulheres negras, destacando que muitas vezes sua cultura e contribuições foram escondidas ou marginalizadas. Ela menciona ter feito um recorte na obra de três mulheres negras de gerações passadas para destacar essa história e resgatar esses dados que foram subestimados.

Em resumo, a fala de Rosana Paulino destaca a importância de reconhecer e valorizar a presença e a contribuição das mulheres negras no campo das artes, bem como a necessidade de criar oportunidades e apoio para artistas negras contemporâneas.

Entrevista 2

Na corda bamba entrevista Rosana Paulino, uma artista que é filha de ogum, de iansã e tem oxum-opará como ajuntó.

<https://nacordabamba.blog/2023/10/04/na-corda-bamba-entrevista-rosana-paulino-uma-artista-que-e-filha-de-ogum-de-iansa-e-tem-oxum-opara-como-ajunto/>

fabiano maciel na corda bamba

apresentação quem faz quem é bamba assina links bambas

na corda bamba entrevista rosana paulino, uma artista que é filha de ogum, de iansã e tem oxum-opará como ajuntó.

fabiano maciel 4 de outubro de 2023



Descrição: Criada na periferia de São Paulo, Rosana Paulino é uma artista nascida e criada em Morro Grande, um bairro carente e com pouca estrutura na capital paulista. Mesmo diante das adversidades, como a falta de serviços básicos como água e luz, ela e suas irmãs tinham a liberdade de explorar a natureza local. Essa convivência com o ambiente rural foi fundamental para despertar seu interesse pela biologia e pelo mundo natural.

No início, Rosana cogitou seguir carreira como escritora ou bióloga, porém optou por enveredar pelo caminho artístico. Seus primeiros projetos foram elogiados ainda na época da faculdade, o que a fez perceber que poderia se destacar no mundo das artes. Suas criações, como "O Muro da Lembrança", abordam questões relacionadas a gênero, raça e classe social.

Rosana faz uma análise negativa sobre como as pessoas negras eram representadas nas correntes artísticas do período modernista, apontando que, frequentemente, eram retratadas de forma exótica. Ela admite a importância de artistas como Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, mas destaca a presença de exotismo e estereótipos em algumas de suas produções.

O debate acerca do modernismo no Brasil gera questionamentos sobre quem define o que é arte moderna e de que forma as hierarquias impactam nessa definição. Rosana ressalta a relevância de artistas marginalizados, como Lasar Segall e Heitor dos Prazeres, cujas produções frequentemente foram negligenciadas pela narrativa predominante.

Rosana aborda arquétipos femininos negros em suas criações artísticas, como as "Mulheres Mangue", que simbolizam a conexão entre o feminino e a natureza do Brasil. Ela questiona a ausência de representatividade e entendimento da subjetividade das mulheres negras na psicologia predominante e procura reformular esses arquétipos em sua produção artística.

A Bienal de São Paulo é um evento de grande importância para a cultura brasileira, com uma curadoria composta em sua maioria por jovens e negros. Rosana ressalta a relevância dessa exposição para questionar os padrões estabelecidos na arte brasileira e reconhecer a excelência do trabalho dos artistas negros.

Destaca-se que essa transição de perspectiva na cena artística do Brasil é irreversível, motivada tanto por demandas internas quanto externas por uma maior pluralidade e inclusão. Mesmo diante das dificuldades, Rosana sustenta que essa evolução é essencial para reconfigurar a identidade cultural brasileira no âmbito internacional.

Entrevista 3

“Somos muito ingênuos em relação ao poder da imagem”, afirma Rosana Paulino

<https://www.ufrgs.br/jornal/somos-muito-ingenuos-em-relacao-ao-poder-da-imagem-afirma-rosana-paulino/>



“Somos muito ingênuos em relação ao poder da imagem”, afirma Rosana Paulino

Anna Ortega / 24 de junho de 2021



Descrição: Rosana Paulino, uma artista visual de destaque nascida e criada em São Paulo, manifesta suas preocupações por meio da arte, destacando especificamente questões sociais, étnicas e de gênero, com atenção especial para a posição da mulher negra na sociedade brasileira e para as violências enfrentadas por esse grupo devido às estruturas racistas e coloniais do país. Sua produção artística, que engloba diversas formas de expressão como fotografia, vídeo, instalação, escultura, entre outras, desafia as narrativas oficiais e busca resgatar memórias que foram suprimidas pela escravidão, reconfigurando a concepção histórica acerca da comunidade negra no Brasil. Durante sua jornada, Rosana emprega imagens científicas e de arquivo, modificando-as para desafiar a narrativa colonial e restaurar a humanidade perdida dos corpos negros. Seu trabalho artístico funciona como uma espécie de cura para as

feridas da escravidão, buscando reconstruir e resgatar a humanidade dos indivíduos retratados.

Ao explorar a arte da costura e sutura em suas criações, Rosana estabelece uma conexão com o cuidado urgente requerido após situações de trauma, realçando a crueldade presente nesse procedimento, principalmente em indivíduos negros. Ela não concorda com a rotulação de suas peças como "bordados", ressaltando a natureza agressiva das suturas.

O sentimento exerce uma função crucial em suas produções, sobretudo nas criações mais recentes, como as Avós, onde é evidenciado um gesto afetoso de apreciação e ternura em relação à herança familiar. Segundo Rosana, o sentimento é uma energia que fortalece e viabiliza uma transformação.

Acreditar no poder das imagens para curar outras imagens, questionar a ideia de imparcialidade da ciência e enfatizar seu compromisso com as comunidades negras e indígenas. Por meio de suas ações relacionadas às imagens, Rosana procura modificar a visão coletiva, evidenciando a resistência e a determinação da população negra no Brasil. Ela também analisa a situação atual das artes visuais no Brasil, ressaltando a crescente presença de artistas negros e negras, o que ela vê como um progresso importante para a representatividade e variedade na cena artística do país.

Neste momento, Rosana encontra-se em uma fase de mudanças, adentrando em um estágio mais avançado de sua trajetória profissional, no qual se reconhece cada vez mais na figura da mulher-jatobá, uma personagem que orienta e transforma comunidades por meio das narrativas presentes em suas criações.

Entrevista 4

Ser artista negra: o olhar de Rosana Paulino sobre passado, presente e futuro

Marina Dias Teixeira

<https://www.sp-arte.com/editorial/ser-artista-negra-o-olhar-de-rosana-paulino-sobre-passado-presente-e-futuro/>



SP—ARTE Feiras Obras Expositores Artistas Editorial Casa SP—Arte Sobre Procure por obras, expositores, artistas, etc. Q  Pt | En

Entrevista

Ser artista negra: o olhar de Rosana Paulino sobre passado, presente e futuro

Marina Dias Teixeira 18 nov 2019, 9h51  

Acima: A artista Rosana Paulino (Foto: Ed Júnior)

Artistas afro-brasileiras são as homenageadas da SP-Arte em uma série de entrevistas conduzidas por ocasião do Mês da Consciência Negra. Para fechar a sequência, ouvimos o que Rosana Paulino tem a dizer sobre sua produção e inserção no sistema de arte contemporânea.

A artista paulistana ilustra como o desafio de ser artista triplica para uma mulher negra. Hoje referência nacional reconhecida para além do Brasil, Rosana Paulino conta que demorou 21 anos para ver sua obra exposta em uma instituição tradicional como a Pinacoteca de São Paulo, e que passou a ter uma presença consolidada no mercado de arte apenas nos últimos cinco anos.

Descrição: Rosana Paulino, uma reconhecida artista negra no Brasil, aborda os entraves presentes nesse cenário. Ela ressalta a falta de valorização e, em certos momentos, o rechaço à educação e cultura no país, o que se traduz em imensas barreiras para qualquer artista. Contudo, para as mulheres negras, tais obstáculos se intensificam. Restrições no acesso a instituições de ensino artístico de qualidade, responsabilidades familiares precoces e um mercado de arte predominantemente branco, masculino e eurocêntrico fazem parte dos desafios enfrentados. A comercialização de suas criações artísticas enfrentou uma trajetória demorada, demandando vários anos até que seu talento fosse devidamente reconhecido em renomadas instituições, como a Pinacoteca do Estado de São Paulo. Incluir uma obra em acervos renomados e exposições relevantes é fundamental para legitimar o trabalho de um artista e impulsionar as vendas.

Os fundamentos e inspirações presentes em sua produção artística têm fortes raízes na cultura afro-brasileira e nos estudos sobre o preconceito racial na área da

ciência. Mesmo tendo estudado o estilo barroco e a arte africana, as referências de outros artistas foram escassas, principalmente devido à ausência de recursos disponíveis na época de sua formação antes da popularização da internet. Segundo Paulino, o Brasil está aderindo ao movimento das curadoras decoloniais de forma tardia e sob influências tanto nacionais quanto internacionais. A ausência de diversidade e inclusão na produção artística do país tem sido frequentemente questionada, levando a uma reflexão sobre a necessidade de adotar uma abordagem mais abrangente, mesmo que a jornada ainda tenha um longo caminho a percorrer, principalmente nas regiões menos urbanizadas.

A rede de exposições de arte em galerias e instituições é considerada crucial, já que é mais inovadora e questiona as regras estabelecidas. Essas iniciativas costumam ampliar os temas explorados na arte atual e impactam áreas mais tradicionais da produção artística.

Para concluir, Paulino ressalta uma relação de artistas negros que merecem destaque, como Renata Felinto, Priscila Rezende, Michelle Mattiuzzi, Juliana dos Santos, Charlene Bicalho, Janaína Barros, Sonia Gomes, Aline Motta, Mariana de Matos (conhecida como Maré), Ana Lira e Kika Carvalho, entre outros. Esses artistas estão liderando a atual cena artística do Brasil, desafiando conceitos pré-estabelecidos e promovendo uma maior representatividade e diversidade no universo artístico.

Entrevista 5

Ancestralidade, território e ciência

<https://artebrasileiros.com.br/arte/artista/rosana-paulino/>



Descrição: Aos 55 anos de idade, Rosana Paulino possui um histórico ligado ao carnaval desde a sua infância, quando acompanhava os desfiles das escolas de samba em São Paulo com grande interesse. Em um desfile marcante nos anos 80, ela viu uma representação digna dos negros na história se modernizar. No ano de 2022, a artista foi homenageada pela Beija-Flor de Nilópolis no Sambódromo do Rio de Janeiro, destacando-se por suas contribuições nas artes visuais. Seu ano foi movimentado, com destaque para sua participação na Bienal de Veneza, onde expôs 25 obras que exploram arquétipos femininos e a pseudociência. Sua jornada artística teve início com influências familiares, combinando a manualidade com o fascínio pela biologia. Atuando tanto como educadora quanto como artista, Rosana desafia conceitos históricos da arte no Brasil, buscando retratar a negritude e a ancestralidade em sua produção artística. Em meio à crescente onda reacionária, ela enxerga na arte negra uma oportunidade de resistência e resgate da cultura artística.

Entrevista 6

ROSANA PAULINO

Quando imagem vira corpo

<https://revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>



A REVISTA EDIÇÃO DIGITAL SEÇÕES ARQUIVO CONTINENTE CONTATO

ROSANA PAULINO

Quando imagem vira corpo

TEXTO POLLYANA QUINTELLA

01 DE JUNHO DE 2020



Descrição: Rosana Paulino, uma artista cuja trajetória se entrelaça com o carnaval e sua infância em São Paulo, inaugura sua carreira em 1994 com a obra "Parede da memória", que reconfigura fotos familiares em almofadas de tecido, lembrando os patuás utilizados no candomblé. Desde então, ela busca dar voz e dignidade aos negros e negras anônimas, desafiando a infantilização e a objetificação imposta pela sociedade. Inspirada por Lélia Gonzalez, crítica a democracia racial e a representação exótica do negro na cultura visual brasileira. Sua arte descreve o racismo científico, o exotismo modernista e a estigmatização da mulher negra. A costura e a manipulação de imagens históricas são ferramentas poderosas em seu trabalho, destacando-se séries como "Bastidores" e "Assentamento". Paulino também explora mitologias africanas em suas obras mais recentes, como "Búfalas" e "Jatobás", abrindo espaço para uma nova narrativa arquetípica e subjetiva. Sua influência crescente é evidenciada por exposições em importantes instituições de arte e pelo

reconhecimento cada vez maior de sua contribuição para a história da arte afro-brasileira.

Entrevista 7

Nós não temos um drama, temos uma luta para tocar: conversa entre Rosana Paulino e Sueli Carneiro

<https://35.bienal.org.br/nos-nao-temos-um-drama-temos-uma-luta-para-tocar-conversa-entre-rosana-paulino-e-sueli-carneiro/>

35ª Bienal de São Paulo
6 set a 10 dez 2023

Home Itinerância Participantes Notícias Agenda Publicações Audioguia Podcast Educação Mediação Movimentos Entrada gratuita English A+ A-

Multimídia Visita virtual Sobre a 35ª Planeje sua visita Leitura Fácil

Paraiso tropical, 2
Impressão digital sobre papel, linoleogravi
ponta seca e colagem
48 x 33
Cortesia da artista e Mendes Wood DM, São Pa

Nós não temos um drama, temos uma luta para tocar: conversa entre Rosana Paulino e Sueli Carneiro

Publicado em 24 ago, 23
Por Rosana Paulino e Sueli Carneiro

Nesta conversa, Rosana Paulino e Sueli Carneiro discutiram aspectos essenciais relacionados à educação, resistência, cultura e identidade racial no contexto brasileiro. Abaixo, apresentamos um resumo dos pontos mais relevantes abordados:

1.A importância da Educação e do Conhecimento: As duas entrevistadas ressaltam a relevância de explorar diversas maneiras de conhecimento e epistemologias para além das tradicionais instituições de ensino. Elas destacam a importância de estabelecer ambientes alternativos de aprendizado que reconheçam e valorizem os conhecimentos provenientes das culturas negras e indígenas.

2.Problemas no Ensino: Sueli Carneiro aponta as falhas do sistema educacional do Brasil, evidenciando a ausência de uma educação crítica e cidadã. Segundo ela, a falta de representatividade e o apagamento do conhecimento nas universidades são preocupantes. Por outro lado, Rosana Paulino resalta a relevância de questionar e problematizar as narrativas que prevalecem.

3.Persistência e Estruturação: No debate, as mulheres entrevistadas abordam a relevância da persistência em grupo e da estruturação política no combate ao racismo e à opressão. Elas defendem a urgência de criar instituições firmes e bem estruturadas que incentivem o crescimento e a libertação da comunidade negra.

4.A relação entre a identidade negra de Rosana Paulino e seu vínculo com o meio ambiente é ressaltada pela artista, que destaca a relevância de conservar e apreciar a natureza. Em sua análise, ela questiona a postura arrogante da ciência ocidental e sugere uma abordagem mais integrada e respeitosa em relação à natureza.

5.Desmontando o Racismo: Sueli Carneiro discute o racismo como um mecanismo de dominação e vantagem, ressaltando a urgência de combatê-lo no contexto das dinâmicas de poder. Ela destaca a relevância de batalhar pela valorização da vida humana e pela equidade social, sem se preocupar com os desfechos imediatos.

Resumidamente, a entrevista traz uma análise detalhada sobre os temas raciais e educacionais no Brasil, ressaltando a relevância da resistência, da atuação política e da valorização dos conhecimentos e culturas negras e indígenas.

Apêndice 2

Exposições

Pinacoteca de São Paulo

<https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/rosana-paulino-a-costura-da-memoria/>



A Pinacoteca de São Paulo trouxe à tona a exposição "Memórias Entrelaçadas: a arte de Rosana Paulino" entre os meses de dezembro de 2018 e março de 2019, com curadoria de Valéria Piccoli e Pedro Nery. Esta mostra, a maior já realizada pela artista em uma instituição de renome no país, exibe mais de 140 criações desenvolvidas ao longo de um quarto de século. Reconhecida por sua abordagem de temas sociais, de minorias e de gênero, Paulino investiga, entre outros assuntos, o racismo, os resquícios da escravidão e a posição da mulher negra na sociedade brasileira. A exposição dá destaque especial a obras como "Por trás das cortinas" e "Mural da lembrança", que exploram a identidade e a invisibilidade dos negros no Brasil. Adicionalmente, a mostra exibe desenhos, instalações e colagens que confrontam a visão colonialista da história. A experiência culmina na instalação "Residência", que reflete sobre o trauma da escravidão e a resiliência da comunidade negra.

Exposições

Mendes Wood DM

Mendes Wood DM / São Paulo, Brasil

<https://amlatina.contemporaryand.com/pt/events/bufala/>

<https://mendeswooddm.com/artists/35-rosana-paulino/>

Búfala

23 novembro 2019 - 31 janeiro 2020

Mendes Wood DM / São Paulo, Brasil



I'm concerned with the issue of archetypes and of psychology, a Black female psychology. – Rosana Paulino

Rosana Paulino's work centers around social, ethnic, and gender issues, focusing in particular on black women in Brazilian society and the various types of violence suffered by this population due to racism and the lasting legacy of slavery. Paulino explores the impact of memory on psychosocial constructions, introducing different references that intersect the artist's personal history with the phenomenological history of Brazil, as it was

Descrição: A exposição "Búfala", primeira exposição individual de Rosana Paulino na galeria Mendes Wood DM em São Paulo, reúne uma diversidade de obras atuais e antigas da artista, explorando a historicidade da representação visual e seus impactos na formação psicossocial. Desde a década de 90, Paulino investiga as narrativas míticas e os padrões que influenciam a identidade da mulher negra no Brasil, entrelaçando sua própria trajetória com a história do país. A série "Búfala", que dá título à exposição, apresenta ilustrações de mulheres-animais inspiradas no orixá Oyá, refletindo sobre os símbolos arquetípicos que ela representa. Outras ilustrações retratam "mulheres-vegetais", simbolizando a origem da vida e questionando a representação da mulher apenas como reprodutora. Paulino utiliza mitos não-cristãos e clássicos para evocar uma memória crítica sobre o silenciamento e marginalização na história das mulheres. A exposição também inclui séries de tecidos estampados com imagens do Brasil colonial e pequenas esculturas de "mulheres-guerreiras" e "trabalhadoras", desafiando as normas tradicionais relacionadas à sexualidade feminina e revelando uma força indomável. Ao longo de sua trajetória artística, Paulino construiu um conjunto de obras que analisam as estruturas coloniais e refletem os tecidos sociais e estéticos do Brasil contemporâneo.

Entrevistas e palestras audiovisuais

Palestra 1

Curso arte, ação e pensamento anticoloniais - Aula com Rosana Paulino

https://www.youtube.com/watch?v=sww6jN3_yyg&t=493s



Descrição:Na apresentação, Paulino discute a deficiência de conhecimento em relação às representações visuais no território brasileiro, sobretudo no âmbito das artes visuais. Ela ressalta sua vivência em expedições profissionais como artista, pesquisadora e educadora, nas quais constatou a escassez de acesso a materiais e imagens provenientes do exterior. A artista defende a importância de introduzir tais recursos no Brasil a fim de evitar debates teóricos destituídos de um entendimento profundo das margens e do papel que as imagens desempenham na construção de conceitos e preconceitos sobre coletivos minoritários, como pessoas negras, LGBTQ+, dentre outros.

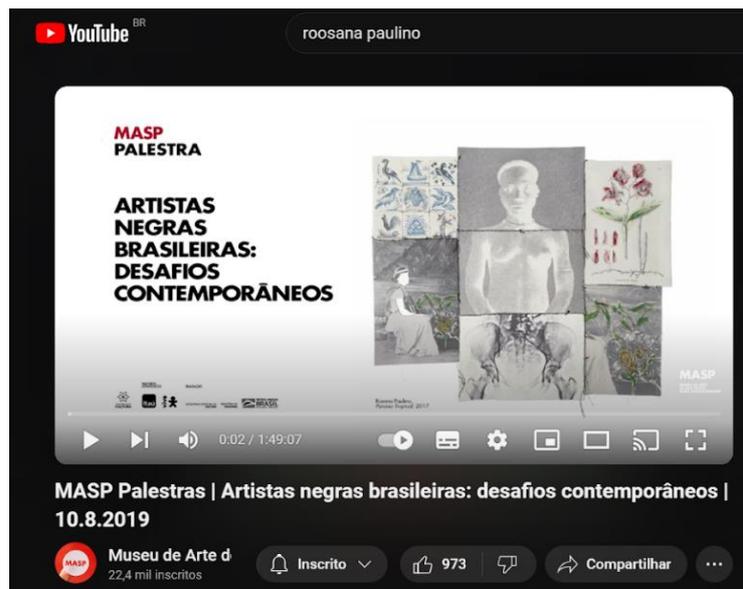
Paulino destaca a falta de consciência no país em relação à influência das imagens e como elas podem manter estereótipos. Por essa razão, ela se esforça para mostrar uma ampla variedade de imagens em suas palestras e aulas a fim de conscientizar o público sobre essa questão.

Durante a apresentação, sua intenção é discutir a participação do negro na expressão artística ocidental e em seguida concentrar-se na realidade brasileira, principalmente na mudança do negro de figuração para protagonista das histórias representadas nas artes visuais. Ela ressalta a relevância da produção artística afro-brasileira contemporânea e preconiza sua inserção nos materiais didáticos, em um momento único em que estão surgindo diversos artistas e pensadores negros com excelência.

Palestra 2

MASP Palestras | Artistas negras brasileiras: desafios contemporâneos | 10.8.2019

<https://www.youtube.com/watch?v=1-lZq7dgpP4&t=1031s>



Descrição: Paulino discute a realidade atual da cultura, enfatizando um período de grande diversidade de criações das comunidades minoritárias, não só no Brasil, mas em escala global. Ela ressalta a necessidade de revisitar o passado do país e da expressão artística, sobretudo sob a ótica das mulheres negras. Apesar do Brasil ter uma forte ligação com a diáspora africana, ainda há obstáculos a serem superados em relação à inclusão e valorização dessa produção tanto em âmbito nacional quanto internacional.

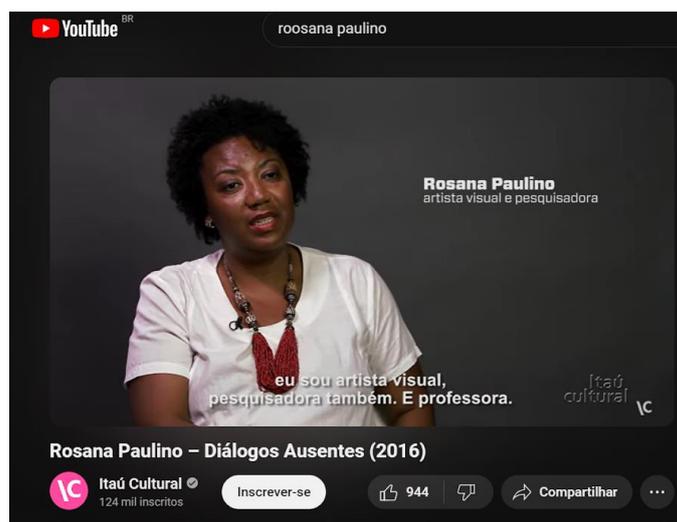
Ela destaca a importância de promover a produção artística afrodescendente brasileira no âmbito internacional, mencionando experiências recentes em eventos globais onde a presença do Brasil ainda não estava firmemente estabelecida. Durante sua palestra, a conferencista aborda os desafios enfrentados por artistas afrodescendentes no país, como a falta de valorização em instituições culturais e a escassez de espaços para expor seu trabalho. Ela ressalta a necessidade de superar tais obstáculos, sobretudo em um contexto em que a maioria da população se declara não branca, destacando a importância de uma abordagem que englobe produção,

educação e registro para promover a representatividade e valorização das artes afro-brasileiras.

Entrevista 1

Rosana Paulino – Diálogos Ausentes (2016)

<https://www.youtube.com/watch?v=7awdUzh9UVg>



Descrição: Durante a conversa, Rosana Paulino, uma professora, pesquisadora e artista plástica, fala sobre a maneira como sua infância na Freguesia do Ó, em São Paulo, teve impacto em sua trajetória profissional. Ela ressalta como sua mãe foi fundamental para despertar seu interesse pela arte desde cedo, estimulando-a a experimentar desenho e materiais encontrados na natureza. Paulino aborda em sua obra as questões sociais, destacando a importância de mudanças na representação da mulher negra na sociedade brasileira. Ela questiona os estereótipos criados pela mídia e cultura popular, procurando promover uma arte que seja ao mesmo tempo acessível e provocativa para debates enriquecedores.

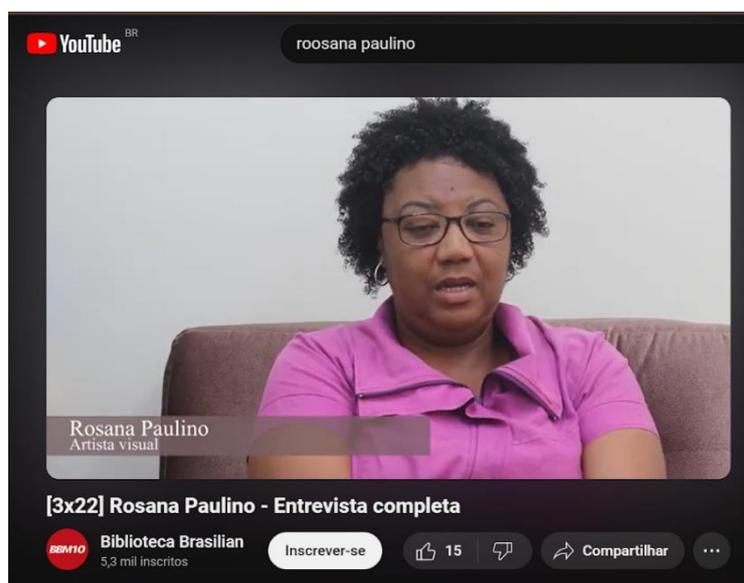
Uma demonstração do seu talento pode ser observada na obra intitulada "Assentamento", a qual aborda as sequelas deixadas pela escravidão. Paulino explica como retrata essas marcas por meio de uma representação humana fragmentada e unida por costuras que nunca se encaixam perfeitamente, simbolizando de maneira contínua a dor da separação e da brutalidade causada pela escravidão. Na entrevista, ela explora a conexão entre sua investigação acadêmica e sua expressão artística, destacando como suas análises e pensamentos acadêmicos costumam influenciar

sua produção visual, e vice-versa. No final, Paulino pondera sobre como as marcas físicas, como cicatrizes, podem ser representadas por meio de sua criação artística.

Entrevista 2

[3x22] Rosana Paulino - Entrevista completa

<https://www.youtube.com/watch?v=2fGq05rE7n8>

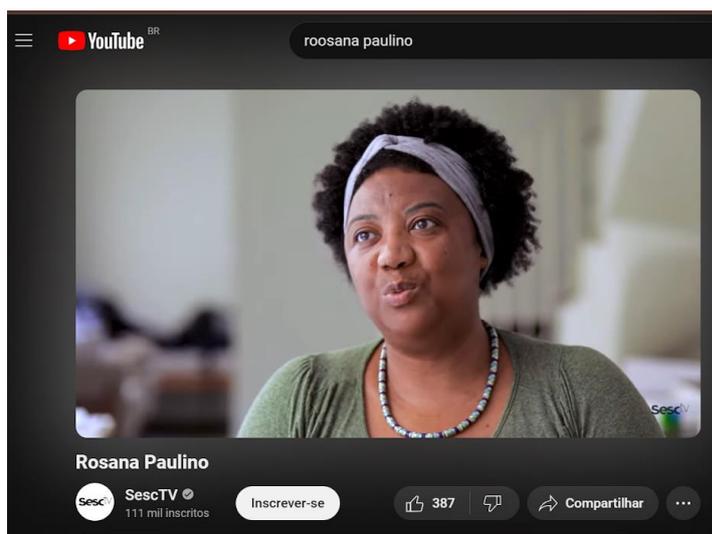


Descrição: Rosana Paulino, artista plástica, pesquisadora e educadora, explora de que forma suas raízes em São Paulo moldaram sua produção artística. Ela ressalta a relevância de conhecer a história e contexto do Brasil para compreender sua obra, principalmente ao abordar questões sociais ligadas à figura da mulher negra na sociedade brasileira. Paulino destaca a influência da imagem na construção e perpetuação de estereótipos e preconceitos, buscando confrontar tais narrativas por meio de sua expressão artística. Em suas vivências marcantes, compartilha o impacto de suas palestras no Museu Afro Brasil, ao inspirar uma senhora que se sentiu representada ao vê-la como uma mulher negra doutora.

Entrevista 3

Rosana Paulino - Sesc TV

<https://www.youtube.com/watch?v=l7u-mrfq9fs&list=PLVQ9SpPtnVTNk3maWCxXHGYdajagb38RA>



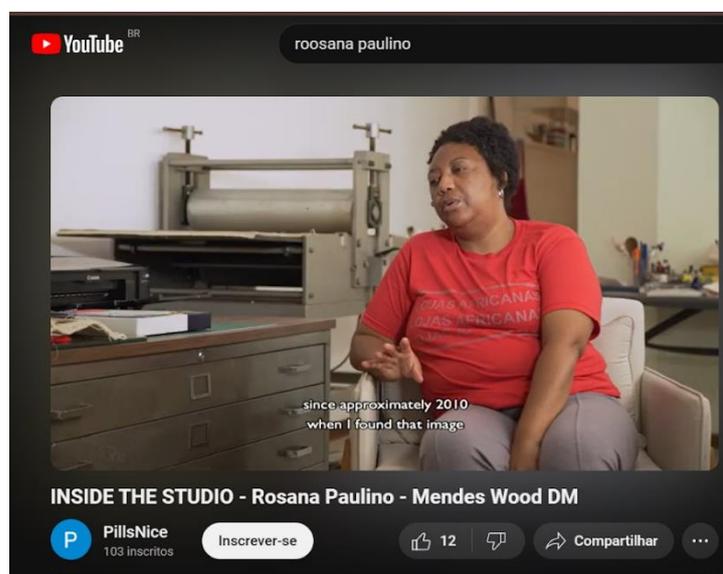
Descrição: Durante a entrevista, a artista fala sobre suas dificuldades em traduzir suas preocupações em formas tangíveis de arte, como álbuns, vídeos ou instalações. Ela enfatiza principalmente a vivência de ser uma mulher negra em uma sociedade brasileira onde o racismo está enraizado. Ela ressalta as restrições sociais impostas às mulheres negras, assim como a batalha constante por respeito e visibilidade.

Paulino compartilha sua jornada em busca de destacar questões sociais negligenciadas no país, inicialmente pensando em explorar outras áreas artísticas, como a literatura, até descobrir sua voz dentro das artes visuais. Ela cita iniciativas como "Retrato da Expectativa" e "Parede da Memória", que tratam de temas como origens ancestrais e identidade, além de seu engajamento na crítica ao racismo científico, tema explorado em sua série "Assentamento". O conteúdo da entrevista demonstra o comprometimento da artista em empregar sua arte como forma de debater e confrontar questões sociais significativas, principalmente ligadas à sua própria experiência como mulher negra no país.

Entrevista 4

INSIDE THE STUDIO - Rosana Paulino - Mendes Wood DM

<https://www.youtube.com/watch?v=OX87z0hHxUo>



Durante a entrevista, a artista manifesta sua inquietação em relação à ausência de representação da psicologia negra feminina. Ela aborda uma coleção de ilustrações intitulada "As Búfalas", "A Senhora das Plantas" e "O Jatobá", enfatizando seu compromisso em representar as dificuldades psicológicas enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil. A criadora ressalta a relevância de trazer à tona temas negligenciados, sobretudo aqueles ligados à identidade e ao bem-estar.

Em suas criações, ela investiga a presença de animais e plantas nativas do Brasil, questionando as histórias convencionais e buscando dar voz a personagens que foram excluídos na memória do país. A coleção de ilustrações mostra uma luta contra as regras já estabelecidas e uma tentativa de quebrar modelos preestabelecidos, usando símbolos para retratar a pluralidade e intrincada sociedade brasileira.

Entrevista 5

EP1 - ROSANA PAULINO, Artista Plástica (Nossa História Invisível - 2ª temporada)

<https://www.youtube.com/watch?v=hRIul1xEgfM>

Descrição: Durante a entrevista, Rosana Paulino, uma artista visual natural de São Paulo, resalta sua origem na gravura e seu enfoque técnico no desenvolvimento de suas obras de arte. Ela explora a relevância de optar pela técnica apropriada para expressar suas ideias, seja por meio do desenho, da gravura ou da instalação, de acordo com a proximidade que busca estabelecer com o público. Paulino expõe sua aflição em relação à sua posição como mulher negra na sociedade brasileira, abordando temas históricos e sociológicos em suas produções. Ela destaca o seu projeto "Assentamento", que reexamina a trajetória da comunidade negra no Brasil, com o objetivo de dar voz às vivências das pessoas que foram trazidas à força para o país durante o período de escravidão.

A artista demonstra sua reverência pela resistência do povo negro, que, mesmo diante das atrocidades da escravidão, conseguiu criar raízes e formar uma comunidade. Ela indaga sobre como os indivíduos podem causar tanta crueldade entre si, ressaltando a importância de compreender a vivência humana por trás das cifras e dados estatísticos.

Entrevista 6

Rosana Paulino mov 720p

<https://www.youtube.com/watch?v=mdmybpgSphM>



Descrição: A síntese da conversa com Rosana Paulino discute sua jornada como artista, professora e organizadora. Ela fala sobre sua infância em São Paulo, marcada pela influência da cidade e pelas tradições familiares, como a prática da umbanda de seu pai e a habilidade no bordado de sua mãe. Paulino ressalta sua preferência pelo trabalho manual em sua arte, experimentando com técnicas como cerâmica, gravura e costura para expressar suas ideias, especialmente ligadas à vivência da negritude e à brutalidade da colonização no Brasil.

Durante a entrevista, a participante compartilha os obstáculos vivenciados por ela como uma mulher de cor na sociedade do Brasil e como esses desafios se manifestam em sua expressão artística, que busca promover a cura e amplificar as vozes da comunidade afrodescendente. Além disso, ela discute a crescente presença de artistas negros na cena artística contemporânea do país, influenciada por movimentos como o Black Lives Matter, embora ressalte que o impacto dessa mobilização no Brasil não tenha sido tão marcante como em outras nações, devido à persistente história de discriminação racial no território brasileiro.